

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

LUCIANA ROSA COSTA

A REPRESENTAÇÃO DO BRASILEIRO NA FICÇÃO DE EÇA DE QUEIROZ:
O PRIMO BASÍLIO E A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

LUCIANA ROSA COSTA

**A REPRESENTAÇÃO DO BRASILEIRO NA FICÇÃO DE EÇA DE QUEIROZ:
*O PRIMO BASÍLIO E A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES***

Porto Alegre

2021

LUCIANA ROSA COSTA

**A REPRESENTAÇÃO DO BRASILEIRO NA FICÇÃO DE EÇA DE QUEIROZ:
*O PRIMO BASÍLIO E A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES***

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial e final para a obtenção do título de Mestre em Letras – Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Kralik Angelini

Porto Alegre

2021

Ficha Catalográfica

C837r Costa, Luciana Rosa

A representação do brasileiro na ficção de Queiroz : O Primo Basílio e A Correspondência de Fradique Mendes / Luciana Rosa Costa. – 2021.

122f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Kralik Angelini.

1. Eça de Queiroz. 2. Relações luso-brasileiras. 3. Personagem-tipo. 4. Estereótipo. I. Angelini, Paulo Ricardo Kralik. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

LUCIANA ROSA COSTA

**A REPRESENTAÇÃO DO BRASILEIRO NA FICÇÃO DE EÇA DE QUEIROZ:
*O PRIMO BASÍLIO E A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES***

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial e final para a obtenção do título de Mestra em Letras – Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ___ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Paulo Ricardo Kralik Angelini (Orientador) – PUCRS

Prof. Dr. Carlos Alexandre Baumgarten – PUCRS

Prof. Dr. Pedro Brum Santos – UFSM

Porto Alegre

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Capes¹ por ter possibilitado a realização deste trabalho na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pois, sem a bolsa de estudos, isso não seria possível.

À minha família e aos meus amigos Lucas, Jonathan e Cibele pelo apoio emocional de sempre. A todos os colegas que conheci e com quem convivi durante o curso de Mestrado, os quais, de certa forma, contribuíram para o meu crescimento intelectual. Mas, principalmente, à Maria Iracilda, colega que se tornou amiga e que continuará presente na minha vida, pois foi uma pessoa muito importante na realização desta conquista.

Aos professores do Programa de Pós-graduação da PUCRS: Maria Eunice Moreira, Ricardo Barberena e Marçal Paredes. Em especial, agradeço ao professor Carlos Alexandre Baumgarten, que acompanhou de perto toda essa minha trajetória, pois foi meu professor em três semestres do curso, nos quais ministrou excelentes aulas, todas muito proveitosas para minha formação. Professor dedicado, com uma sabedoria ímpar e, por isso mesmo, escolhido para minha qualificação.

Agradeço ao professor Pedro Brum e, mais uma vez, ao professor Baumgarten pela gentileza de aceitarem o convite para serem membros da Banca Examinadora.

Às minhas professoras da graduação, Clotilde Favalli, Lygia Sávio, em especial à Mara Ferreira Jardim, que sempre foi uma incentivadora da Literatura na minha vida.

E, por último, o mais importante de todos, os meus agradecimentos ao meu professor Paulo Ricardo Kralik que foi mais do que um orientador, foi também um grande amigo. Com uma orientação dedicada, sempre foi muito compreensivo, solícito, atencioso e correto, sendo durão quando necessário, mas nunca perdendo a ternura. E, quando me perguntarem como foi a minha orientação, explicarei da seguinte forma: “Meu orientador me pegou pela mão e caminhou comigo lado a lado, me puxando para cima e, lá no topo, ele disse: agora voa!!!”

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – *This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.*

RESUMO

Neste trabalho, investigamos a representação do “brasileiro” nos romances *O Primo Basílio* (1878) e *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), ambos de Eça de Queiroz, a fim de identificarmos como o escritor português abordava a imagem do Brasil e do brasileiro nessas obras. A metodologia desta pesquisa consiste em desenvolver uma abordagem teórica e crítica sobre a maneira como as personagens desses dois textos – Basílio e Fradique – se apresentam, no que tange às relações de identidade entre Portugal e Brasil no final do século XIX. Os tópicos levantados para a análise discorrem acerca de questões como identidade, alteridade e estereótipos. Para tanto, nos guiamos à luz de autores como Homi Bhabha (1998) e Julia Kristeva (1994), buscando tecer discussões sobre estereótipos e as relações de alteridade. A essas considerações, acrescentamos uma abordagem sobre estigmas, presente nos textos de Erving Goffman (1981). As relações entre Portugal e Brasil, no contexto dos movimentos de emigração ocorridos no final do século XIX, são fundamentadas com base nos estudos de autores como Boris Fausto (2015), Lilia Schwarcz (2015) e Paulo Ricardo Kralik Angelini (2016). Embasamo-nos, ainda, nas ideias de multiculturalismo e representação, presentes nos textos de Silvia Scott (2012) e Robert Stam (2008), intencionando tecer um paralelo com as reflexões em torno da ficção queiroziana, a partir do pensamento de Carlos Reis (2011) e de Eduardo Lourenço (1982, 2004). No romance *O primo Basílio*, atribuímos destaque aos personagens Basílio e Jorge, colocando-os em contraste, com a finalidade de dissertarmos acerca do tema da emigração portuguesa. Em *A correspondência de Fradique Mendes*, procuramos salientar um outro olhar de Eça a respeito das questões discutidas no primeiro romance, porém com o mesmo estilo crítico construído a partir de aspectos sociais. Observamos, através das análises realizadas, que Eça percorre, em sua vida literária, o que configuramos nessa pesquisa como dois momentos de Eça com o Brasil, com distintas construções. Constatou-se que no romance *O primo Basílio*, a representação do brasileiro é marcada pelo tom cáustico e irônico e por sua ambiguidade. Já em *A Correspondência de Fradique Mendes*, observamos que o autor passa a distinguir o brasileiro nato do português emigrado que retorna a Portugal. Concluímos que essas reflexões do autor se dá devido à necessidade de Portugal e Brasil se definirem com uma identidade autenticamente nacional. Além disso, também complementamos à conclusão o fato de que Eça de

Queiroz foi um escritor à frente de seu tempo, que, mesmo influenciado pelo fervor do momento e das mudanças literárias de sua época, propõe, por meio de suas personagens, uma profunda reflexão sobre as contradições existentes nas sociedades portuguesa e brasileira, situando no contexto das representações do “outro” uma crítica aos próprios vícios que existiram em Portugal.

Palavras-chave: Eça de Queiroz. Relações luso-brasileiras. Personagem-tipo. Estereótipo.

ABSTRACT

In this work, we investigate the representation of the “Brazilian people” in the novels *O Primo Basílio* (“Cousin Bazilio”) (1878) and *Correspondência de Fradique Mendes* (“Correspondence of Fradique Mendes”) (1900), both by Eça de Queiroz, in order to identify how the Portuguese writer approached the image of Brazil and Brazilians in these works. The methodology of this research consists of developing a theoretical and critical approach on how the characters of Bazilio and Fradique are presented in these two works, regarding the relations of identity between Portugal and Brazil at the end of the 19th century. The topics raised in the analysis discuss issues as identity, otherness and stereotypes. For the analysis, we are guided by the thoughts of authors such as Homi Bhabha (1998) and Julia Kristeva (1994), while seeking to weave discussions about stereotypes and the relationships of otherness. To these considerations, we add an approach on stigmas, present in the texts of Erving Goffman (1981). The relations between Portugal and Brazil, in the context of the emigration movements that took place at the end of the 19th century, are grounded on the studies of authors such as Boris Fausto (2015), Lilia Schwarcz (2015) and Paulo Ricardo Kralik Angelini (2016). We also utilize as a support the ideas of multiculturalism and representation, present in the works of Silvia Scott (2012) and Robert Stam (2008), intending to make a parallel with the reflections around the Queiroz’s fiction, based on the thoughts of Carlos Reis (2011) and Eduardo Lourenço (1982, 2004). In the novel “Cousin Bazilio”, we give emphasis to the characters Bazilio and Jorge, putting them in contrast with each other, in order to lecture about the Portuguese emigration theme. In the “Correspondence of Fradique Mendes”, we try to highlight a new perspective from Eça regarding the issues discussed in the first novel, but with the same critical style built from social aspects. We observed, through the analyzes herein that Eça goes through what we call in this research as two moments in relation to Brazil in his literary life, both with its distinctions from one another. It was verified that in the “Cousin Bazilio” novel, the representation of the Brazilian is marked by the caustic and ironic tone and also by its ambiguity. In the “Correspondence of Fradique Mendes”, however, we observe that the author starts to distinguish the born Brazilian from the Portuguese emigrant who returns to Portugal. We conclude that this reflection by the author is due to the need of Portugal and Brazil to be defined as an authentically identity. In addition, we also complement the conclusion that Eça de Queiroz was a writer ahead of his

time, who, even though was influenced by the fervor of the moment and the literary changes of his time, proposes, by the use of the characters from his book, a deep reflection on the contradictions existing in Portuguese and Brazilian societies, placing in the context of representations of the "other" a criticism of the very vices that existed in Portugal.

Keywords: Eça de Queiroz. Brazilian-Portuguese relations. Stock character. Stereotype.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2	A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL NO SÉCULO XIX	18
3	AS RELAÇÕES ENTRE EÇA DE QUEIROZ E O BRASIL	41
4	O ESTEREÓTIPO DO BRASILEIRO NA OBRA DE EÇA DE QUEIROZ: O <i>PRIMO BASÍLIO</i> E A <i>CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES</i>.....	69
4.1	O BRASILEIRO COMO UM TIPO PORTUGUÊS: A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CULTURAL EM <i>O PRIMO BASÍLIO</i> (1878)	71
4.2	<i>A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES</i> (1900): UMA RELAÇÃO DE ALTERIDADE ENTRE EÇA DE QUEIROZ E O BRASIL NA BUSCA PELA IDENTIDADE NACIONAL	88
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
	REFERÊNCIAS	121

01 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta dissertação, temos como objetivo analisar a representação² do brasileiro nos romances *O Primo Basílio* e *A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz³, a fim de investigar a maneira depreciativa com que o escritor português abordava a imagem do brasileiro nesses escritos. Partindo da hipótese de que o emprego do termo “brasileiro” nestas obras encontra-se perpassado também pela própria identidade portuguesa, buscamos investigar sobre os sentidos dessa representação que o ridicularizava, tema recorrente tanto na literatura do autor quanto no imaginário literário português.

Com efeito, muito antes de Eça de Queiroz⁴ começar a escrever, a relação Brasil/Portugal já era assunto frequente na Literatura Portuguesa. Camões apresentava esse tema em *Os Lusíadas*, Canto 10, estrofe 140. O brasileiro, nos escritos portugueses, até hoje, é tema sempre muito explorado. Na visão de muitos escritores lusitanos do século XIX, esse tipo era meramente uma caricatura, visão que parece ainda não ter mudado, visto que a Literatura Portuguesa contemporânea continua usando o brasileiro como um estereótipo.

A produção dos romances *O Primo Basílio*, que foi escrito em 1878, e *A Correspondência de Fradique Mendes*, escrito em 1900 e publicado postumamente, se dá nesse contexto de formação de uma opinião pública consciente e da consolidação de um espírito público esclarecido, iluminista e aspirante de um futuro promissor. Desse modo, partimos da hipótese de que o uso do personagem-tipo

²Optamos por trabalhar com o conceito de “representação” não como percepção mimética da realidade, mas na perspectiva de trazermos à discussão os aspectos relacionados aos processos de estereotipagem, identidade e alteridade expressos nas constituições das personagens de Eça de Queiroz. Reconhecemos, porém, o *status* polissêmico do termo e a existência, no campo dos estudos literários, de uma outra vertente que prefere o termo “figuração”, para designar o “processo ou um conjunto de processos discursivos e metaficcionalis que individualizam figuras antropomórficas, localizadas em universos diegéticos específicos, com cujos integrantes aquelas figuras interagem, enquanto personagens” (REIS, 2018, p. 165).

³ Ainda que o sobrenome do autor, em muitos artigos e obras, tenha sido atualizado, segundo acordos ortográficos, para Queirós, neste trabalho adotamos a sua forma original, documentada em seu registro de nascimento. Seguindo essa lógica, igualmente trabalhamos com a grafia de *queiroziano*, aliás assumida por muitos estudiosos e pela própria Fundação que leva o seu nome.

⁴ José Maria Eça de Queiroz nasceu em 25 de novembro de 1845, em Póvoa do Varzim, Portugal. Era filho natural de José Maria Teixeira de Queiroz e de Carolina Augusta Pereira de Eça. Formou-se em direito pela Universidade de Coimbra em 1866. No mesmo ano começou a escrever para o jornal *Distrito de Évora*, dando início à sua brilhante carreira literária. Morreu em 16 de agosto de 1900, em Paris. O autor faz parte da chamada Geração de 70, grupo-geração que, no último quartel do século XIX, uniu-se em torno da ideia da necessidade de desenvolvimento da cultura portuguesa, defendendo sua importância na integração à cultura europeia.

nesses romances de Eça de Queiroz está diretamente relacionado à problematização sobre a sociedade portuguesa que estava em construção naquele momento.

Os usos da figura do “brasileiro” nesses dois romances permitem, assim, compreender os questionamentos realizados pela intelectualidade portuguesa, em especial pela “Geração de 70”, sobre Portugal, contribuindo para uma interpretação mais ampla das demarcações identitárias e culturais estabelecidas entre os dois países no final do século XIX.

É interessante notar que outros escritores do XIX que trazem a imagem estereotipada do brasileiro, dentre eles Camilo Castelo Branco, que foi um dos responsáveis por criar uma das mais extensas galerias de personagens “brasileiros”. De sua produção, destaco a trilogia, publicada entre 1856 e 1863, envolvendo as obras *Onde está a Felicidade?* (1860), *Memórias de Guilherme do Amaral* (1863) e *Um Homem de Brios* (1869). Neste conjunto de obras, Camilo Castelo Branco abordou temas como a emigração portuguesa para o Brasil em busca de enriquecimento, a relação de associação do termo “brasileiro” a tráfico negreiro e a visão do território como “terra fértil” e de povo de pouca cultura. Além disso, as obras camilianas trazem a figura do “torna-viagem” contendo alguns traços que o distinguem do “brasileiro”, cuja figuração encontrava-se mais relacionada ao homem afortunado, gordo, mal educado e perdulário.

Júlio Dinis é outro autor que dispôs em suas obras de personagens tipo ambientados no Brasil, apresentando excertos desta alusão nos romances *Uma Família Inglesa* (1868), *A Morgadinha dos Canaviais* (1868) e na novela *O Espólio do Sr. Cipriano* (1879). Em *A Morgadinha dos Canaviais*, o migrante é aludido na condição de integrante de uma microcomunidade, com características bem demarcadas, em uma cidade que era polo financeiro português. Na condição de capitalistas, ociosos e exibicionistas, não é nesse romance que os traços do “brasileiro” estão particularizados em uma personagem. Em *Uma Família Inglesa*, o estereótipo do “brasileiro” é retratado pelo personagem Eusébio Seabra, um tipo gordo, mal educado, morador de uma casa decorada com extremo mau gosto, ganancioso e sem escrúpulos. Em *O Espólio do Sr. Cipriano*, o torna-viagem aparece como figuração de um sujeito fracassado no Brasil, que tornara-se um homem afortunado depois do retorno a Portugal.

Neste trabalho, temos a intenção de mostrar como a imagem do brasileiro está representada nas personagens da ficção do escritor português, sendo esse o fio

condutor que permeia nossa pesquisa. A proposta é fazer uma breve apresentação da produção romanesca do autor de *O Crime do padre Amaro*, porém a análise principal se centrará nessas duas obras: *O Primo Basílio* e *A Correspondência de Fradique Mendes*, uma vez que nelas se percebe melhor a figura do estereótipo brasileiro criada pelo imaginário lusitano.

Eça de Queiroz focaliza nos textos que tematizam este trabalho, o português *torna-viagem*, como aquele que ia em busca de fortunas fora de Portugal, ao qual era dado a alcunha de “brasileiro”. Esse termo pejorativo, usado pelos que nunca saíam de sua terra, servia para criticar o compatriota que queria tentar uma vida melhor no Brasil. Ao ser chamado de “brasileiro”, o migrante sabia que não era bem quisto pela sociedade lusitana.

Não podemos esquecer que o Brasil e o brasileiro sempre estiveram presentes na obra do escritor português. Eça de Queiroz não só escreveu sobre o Brasil como também para muitos brasileiros, conquistando, assim, a admiração e fidelidade de muitos leitores no nosso país. No entanto, alguns dos nossos críticos mantinham um olhar de estranheza, especialmente em relação às críticas que Eça fazia sobre nossos conterrâneos. Há até hoje muitas incertezas sobre todas essas críticas e, por isso, pretendemos trazer, à luz do conhecimento acadêmico, motivos pertinentes para todos esses sentimentos, os quais podem não só evidenciar uma visão de superioridade do colonizador em relação ao colonizado, como também um sentimento de cunho mais social, um despertar para uma nova nação que surgia: a nação brasileira independente.

Na presente dissertação, investimos na hipótese de que Eça de Queiroz, já no século XIX, apresentava em suas personagens a imagem do brasileiro de uma forma muito excêntrica, como caricaturas e estereótipos, tendo em vista que em seus textos, tudo no brasileiro é motivo de sátira, desde o seu aspecto físico até a sua linguagem. Essa crítica do escritor português está muito evidente nesses dois romances que servem de objeto para nossa análise.

Reconhecemos, porém, que também existem outros textos do autor sobre o brasileiro nos quais essas evidências aparecem fortemente marcadas, como, por exemplo, em *As Farpas* (conjunto de crônicas publicadas em periódicos mensais). Assim, procurou-se elaborar um estudo investigativo a fim de analisar os sentidos que Eça de Queiroz conferia ao empregar em sua ficção o brasileiro como um personagem-tipo, lançando sobre ele uma imagem estereotipada e negativa. O ponto

de vista do escritor sobre o brasileiro tinha um olhar que se voltava para o diferente, o mesmo que o europeu lançou sobre os povos colonizados.

Carlos Reis (2011), porém, nos faz refletir ao afirmar que, ao mesmo tempo, quando a representação do brasileiro começou a ser suavizada no tipo caricatural, foi o escritor Eça de Queiroz o primeiro a fazer essa observação. Essa afirmação do professor especializado nos estudos queirozianos remete-nos ao olhar que o escritor português tinha para com o Brasil e o brasileiro.

Centralizando este trabalho pelo viés literário, a intenção da presente pesquisa é contribuir com a comunidade científica acadêmica, visto que nossos contemporâneos há muito vêm trabalhando o tema das diferenças entre as culturas em muitas áreas do conhecimento. Seja na História, na Sociologia, na Filosofia ou na Literatura, essa questão da diversidade cultural tem sido um assunto problematizado. Desta forma, trazer hoje um tema tão polêmico, que trata sobre a identidade e a imagem do “outro” em obras já tão exploradas, significa trazer o novo em uma literatura que nunca se esgota, característica principal da herança queiroziana. Portanto, mostrar que no século XIX esse tema já era tão recorrente na Literatura de Eça de Queiroz é reconhecer que o legado literário deixado pelo escritor português é de extrema importância não só para a Literatura, mas também para outras áreas do conhecimento.

Ao verificarmos os estudos que abordam essa temática na ficção de Eça de Queiroz, constatamos que há incontáveis trabalhos que trouxeram a imagem do Brasil e do brasileiro relacionados com a Literatura queiroziana. Porém, observou-se que esses estudos se centralizam principalmente nas crônicas que Eça escreveu e priorizam a visão do colonizador sem contextualizar o momento histórico vivido pelo escritor. Dentre essas leituras, destaca-se o artigo crítico da professora Jane Tutikian, “A identidade pelo avesso” (2009) – artigo usado como uma das referências para essa pesquisa. Nela, Tutikian aponta a visão de Eça sobre os brasileiros, mas sua crítica está, como já o dissemos, somente baseada em uma das crônicas de *As Farpas*, e não nos romances do autor de “Civilização”.

Na tese de doutorado de Gisélle Razera, “O Brasil e o ‘Brasileiro’ em *O Primo Basílio*: análise sobre Basílio de Brito” (2016), observamos, porém, que a autora da tese opta pelo afastamento da personagem da condição de brasileiro de torna-viagem, pelo fato de Basílio de Brito não fazer parte do grupo dos “engajados”. Esses engajados fazem parte de um dos grupos de emigrantes portugueses mais pobres.

Entretanto, aqui, mostramos que há mais de um grupo de emigrantes portugueses que partem para o Brasil em busca de fortuna. Citamos três que consideramos os principais e apresentamos Basílio de Brito como sendo do primeiro grupo, mostrando-o, ao longo do texto, como uma representação do torna-viagem.

Assim, a presente pesquisa se torna relevante, uma vez que analisa a imagem do Brasil e do brasileiro nos romances de Eça de Queiroz, partindo de uma abordagem especificamente literária e contextualizando-a com o momento histórico em que esses romances foram escritos. Outro fato que traz originalidade ao trabalho é a ideia de aproveitarmos essas crônicas, ou seja *As Farpas*, como suporte para o referencial teórico e não como objeto a ser analisado, como verificado em outras pesquisas.

Consideramos pertinente dizer que uma das principais motivações pelo tema da representação do brasileiro nas personagens da literatura de Eça de Queiroz se deu desde a graduação do curso de Letras. Foi quando já no terceiro semestre, em uma pesquisa realizada para a disciplina de Literatura Portuguesa I, verificou-se a importância que Guilhermino Cesar (1969) confere ao “torna-viagem”, referindo-se a ele enquanto material para ser analisado mais profundamente, seja na Literatura, seja na Sociologia. Assim, essa pesquisa se estendeu para trabalho de conclusão do curso de Letras, mas, reconhecendo a profundidade do tema, percebeu-se que ainda havia muito a ser dito, não havendo espaço suficiente para problematizações em uma monografia. Logo, somando isso tudo a uma paixão pela Literatura Portuguesa e uma verdadeira fascinação por Eça de Queiroz, nasceu esta dissertação de Mestrado. E, sendo ele um dos escritores que mais escreveu sobre esse personagem-tipo, temos a oportunidade de analisar o material através de sua Literatura.

Por fim, não podemos deixar de citar um fator primordial para a realização deste trabalho: reconhecer que Eça de Queiroz é um dos escritores mais importantes para a História da Literatura, mostrando que sua obra permanece no tempo, e sua fortuna literária é inesgotável fonte de pesquisa, absolutamente relevante para os estudos de Literatura.

Tendo como método pesquisas de base bibliográfica básica e o cotejamento com fatos históricos que marcam as relações entre Brasil e Portugal no final do século XIX, o conteúdo dissertado aqui está dividido em três partes. No primeiro capítulo, realiza-se um levantamento bibliográfico sobre o passado histórico de Portugal e seus movimentos migratórios. Para tanto, embasamos este momento

do trabalho nas ideias do próprio Eça de Queiroz e de Alexandre Herculano, que, assim como o historiador Boris Fausto, Lilia Schwarcz, Heloisa Starling e Joaquim da Costa Leite, refletem o texto com um viés mais histórico, datando do século XIX. Na sequência, seguimos com as referências de Silvia Scott, Guilhermino Cesar e Igor José Renó de Machado na apresentação do torna-viagem e sua representação na literatura. Eduardo Lourenço e Paulo Ricardo Kralik entrelaçam História e Literatura, perpassando pelo passado de Portugal e chegando até a contemporaneidade dessas relações luso-brasileiras. Também são citados outros teóricos e estudiosos que abordam o tema proposto.

Referente ao segundo capítulo, buscamos traçar um panorama sobre a relação de Eça de Queiroz com o Brasil e com os brasileiros, à luz das ideias de estudiosos que contribuíram com pesquisas sobre essa temática. Dentre eles, destacamos António José Saraiva e Guilhermino César que, com uma abordagem mais histórica, dialogam com Carlos Reis e Jane Tutikian, estes com um olhar mais voltado para as questões literárias. Entrelaçando literatura e sociedade, encontramos embasamento a partir das ideias de Antonio Candido. Como apoio, também abordamos o professor Carlos Alexandre Baumgarten e outros pesquisadores, os quais, através de seus apontamentos, mostraram a forte influência que escritores brasileiros receberam através da literatura do autor de *A cidade e as Serras*. Também agregamos a este capítulo depoimentos de escritores e críticos literários, do Brasil e de Portugal, que afirmaram ter encontrado, na literatura de Eça de Queiroz, um exemplo a ser seguido.

No terceiro e último capítulo, é desenvolvida uma análise das obras *O Primo Basílio* e *A Correspondência de Fradique Mendes*, a partir de pesquisa bibliográfica básica, fazendo um diálogo com o mesmo referencial que fundamenta os dois primeiros capítulos. Relacionamos as ideias de Homi Bhabha e Julia Kristevá para discutir os conceitos de estereótipos e alteridades. Para dar mais sustentação à pesquisa, também trouxemos as ideias de Silvia Scott e Robert Stam sobre multiculturalismo e representação. Buscamos também alguns conceitos de estigmas, a partir das ideias de Goffman, sempre estabelecendo um diálogo entre as ideias de cada um desses estudiosos. Em seguida a análise das duas obras segue sempre em cotejamento com os capítulos anteriores.

Pois que todos os imortais sabem, uns dos outros, os nomes, os feitos e os rostos soberanos mesmo quando habitam retiros remotos que o Éter e o Mar separam.

(Eça de Queiroz: *A Perfeição*)

02 – A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL NO SÉCULO XIX

Através da literatura é possível alcançar informações que permitem refletir sobre nossa própria cultura e compreender melhor a sociedade em que vivemos. Ao realizar um estudo sobre a representação do brasileiro nas obras *O primo Basílio* e *A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz, é importante mostrar os percursos dos movimentos migratórios de portugueses para o Brasil ao longo dos séculos, para um melhor entendimento das ideias do autor em sua ficção no contexto do século XIX. Não pretendemos aqui fazer um estudo aprofundado da migração portuguesa, apenas tecer considerações relevantes sobre a temática migratória no campo da literatura queiroziana.

É importante ressaltar que a emigração sempre fez parte do imaginário português. Desde o tempo de Camões⁵, o espírito aventureiro do povo lusitano aparece na literatura, como podemos observar no Canto primeiro da obra *Os Lusíadas*:

As Armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;
(CAMÕES, 2000, p. 15).

Salvatore D'Onofrio, em seu livro *Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*, tece um importante comentário sobre esse Canto, refletindo sobre os grandes feitos dos portugueses através do mar, trazendo à luz do nosso conhecimento todo o significado do Canto primeiro de *Os Lusíadas*. Segue o breve resumo de D'Onofrio:

Após o *exórdio*, em que distinguimos a *proposição*, a *invocação* e a

⁵Luís Vaz de Camões (1524-1580), considerado o maior poeta da Língua Portuguesa – autor do poema épico *Os Lusíadas*, uma das mais importantes obras da literatura portuguesa, que celebra os feitos marítimos e guerreiros de Portugal – é também o maior representante do Classicismo Português. (CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Martin Claret, 2000) Viajar, partir, emigrar estão entre as principais sinalizações de sua obra; por isso mesmo, as referências camonianas nessa dissertação se dão por anteciparem muitas das questões trabalhadas por Eça de Queiroz, destacando-se a emigração, presente tanto no romance *O primo Basílio* quanto em *A correspondência de Fradique Mendes*.

dedicatória, o poeta inicia a *narração* da viagem marítima dos portugueses à Índia, a fábula principal do poema. O início da “trama” os portugueses já navegando no Oceano Índico, entre a costa africana e a ilha de Madagascar. Enquanto a armada portuguesa navega, os deuses se reúnem no Olimpo para decidirem sobre o cumprimento do Fado, que determinara que o povo lusitano descobrisse o caminho marítimo para a Índia, colonizasse e evangelizasse todo o Levante, conseguindo um império superior ao dos assírios, persas, gregos e romanos. (D’ONOFRIO, 1997, p. 252).

O advento das conquistas marítimas de Portugal teve, em sua repercussão, um olhar de estranhamento por parte do resto da Europa. Com efeito, as grandes navegações constituem um assunto muito polêmico no discurso de uma parcela da intelectualidade portuguesa. Desde o século XVIII, sinalizava-se para a possibilidade das grandes navegações terem sido o motivo pelo qual Portugal se afastava cada vez mais do círculo europeu e, por conseguinte, da “civilização europeia”. Sobre isso, Boaventura de Sousa Santos comenta:

[...] Portugal estava demasiado próximo das suas colônias para ser plenamente europeu e, perante estas, estava demasiado longe da Europa para poder ser um colonizador conseqüente. Enquanto cultura europeia, a cultura portuguesa foi uma periferia que, como tal, assumiu mal o papel de centro nas periferias não-europeias da Europa. Daí o acentrismo característico da cultura portuguesa que se traduz numa dificuldade de diferenciação face ao exterior e numa dificuldade de identificação no interior de si mesma. (SANTOS, 1993, p. 33).

Na contramão das ideias de Boaventura de Sousa Santos, há opiniões que afirmam que o verdadeiro espírito português estava nas grandes aventuras marítimas e que a colonização foi apenas uma consequência da ousadia das grandes navegações. Antonio Maria Seabra d’Albuquerque chegou a fazer apologia do mar, afirmando que era o que realmente escrevia a verdadeira História de Portugal. É lógico que se trata de um texto escrito no final do século XIX, mas a grande questão é que ainda hoje há quem defenda essa tese. Segue o texto ufanista de Albuquerque, editado pela Universidade de Coimbra:

[...] nenhum coração verdadeiramente português deixará de pulsar de puro gozo em frente do elemento que recorda a parte interessante que teve o nosso país no estado atual do mundo civilizado. Ao mar deve Portugal o seu antigo poderio; deve-lhe as páginas mais brilhantes da sua história: dever-lhe-á talvez ainda a importância que no futuro venha a ter. Se a Inglaterra é uma nação poderosa, porque as suas províncias são em grande parte banhadas pelo Oceano, por que o não há-de vir a ser, como já foi, o país que é quase todo um extenso litoral? (ALBUQUERQUE, 1870, p. 131-132).

Todavia esse espírito aventureiro do português desbravador e colonizador que sempre fez parte da história de Portugal muitas vezes aparece de forma equivocada. Não podemos perder de vista que Portugal, num primeiro momento, não tinha interesse na colonização do Brasil, visto que o governo lusitano não traçou nenhum plano de ocupação do território, restringindo-se apenas a defendê-lo contra invasões estrangeiras, principalmente francesas.

Ainda em relação ao Brasil, “Portugal parecia pouco interessado em explorar esse seu mapa imaginário ao menos naquele momento, até porque com as riquezas e lucros obtidos no Oriente as contas já fechavam” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 24). Conforme aponta Boris Fausto,

[...] o achamento do Brasil não provocou nem de longe o entusiasmo despertado pela chegada de Vasco da Gama à Índia. O Brasil aparece como uma terra cujas possibilidades de exploração e contornos geográficos eram desconhecidos. Por vários anos, pensou-se que não passava de uma grande ilha”. (FAUSTO, 2015, p. 16).

Na época das grandes navegações, estava em voga o espírito empreendedor de Portugal. É necessário lembrar que essa nação foi o verdadeiro império das navegações ultramar, também porque vivia ao lado de um país que o ameaçava – a Espanha –, tendo a nação lusitana de encontrar saídas para sua sobrevivência econômica. Por isso, em torno dos negócios da Coroa surge uma classe de comerciantes que se organiza, investindo capital e trabalho na causa ultramarina. Em que pese esse espírito de nação colonizadora por excelência que se torna até temática literária portuguesa, não podemos perder de vista que há uma necessidade de definir quem sai de Portugal para colonizar e quem sai para comercializar.

Posto isso, Eça de Queiroz, em seu texto “A Emigração Como Força Civilizadora”, afirma que:

Os portugueses por seu lado, que iam à China e à Índia, não eram emigrantes, eram comerciantes: os portugueses nunca quiseram tanto a posse do território da Índia, como o monopólio do seu comércio: não querem colonizar, querem negociar. Todo o fim das suas viagens não é o fundar colônias em países virgens, é o descobrir o caminho mais rápido da Índia e da China, organizar a navegação até lá, assegurar o comércio produtivo daquelas colonizações, trazer as sedas, as especiarias, as pérolas, e ter o monopólio, por forças das armas, deste tráfico opulento [...] mas o zelo violento em converter os povos índios foi muitas vezes um meio político para fazer sancionar pelo maior poder de então, o Papado, o privilégio exclusivo das Índias. (QUEIROZ, 2000, p. 2002-2003).

Esse texto, de 1874 sobre a emigração é um relatório que o escritor fez a pedido de seus superiores. Nele, Eça afirma que o termo se designa como “[...] um fenômeno social que sob formas diferentes aparece em todas as épocas históricas” (2000, p. 1999). Acrescenta ainda que o povoamento civilizador da terra consiste em uma emigração do homem que sai do seu local de origem por motivos puramente econômicos, com a finalidade de desenvolver atividades agrícolas ou industriais, procurando nos países novos um destino melhor.

Certamente a emigração tenha sempre feito parte da memória do povo português, bem como do imaginário literário lusitano, como já citado anteriormente. Alexandre Herculano também já tecia sua opinião sobre a emigração, que constituía uma condição da vida dos povos:

A emigração é um fenómeno complexo nas suas causas, condições e resultados. Emigram uns por cálculos e previsões, ou próprios ou dos que os dirigem, pela esperança, bem ou mal fundada, de voltarem algum dia ricos ou abastados à aldeia natal: emigram, não porque não pudessem viver, trabalhando, vida modesta e tranquila entre os seus, mas porque aspiram a mais elevada fortuna. Outros há que emigram violentados, ou antes, que não emigram; que são expulsos pela miséria: que não calculam, nem esperam, nem deliberam; que tão somente se resignam. Entre estas duas situações há, a meu ver, um abismo. (HERCULANO, 1983, p. 68).

Portugal viveu, ao longo dos séculos, diversas ondas migratórias e o Brasil faz parte dessa história no ciclo da emigração portuguesa. Nesse contexto, muitos portugueses, insatisfeitos com seu país, buscaram no Brasil aquilo que sua pátria não fornecia. No final do século XIX, esse processo de emigração para o Brasil se acentua expressivamente. É exatamente sobre essa época que Eça de Queiroz disserta nas obras *O Primo Basílio* e *A correspondência de Fradique Mendes*.

Segundo o escritor português, esse movimento migratório massivo, motivado pela busca de melhores condições de vida, é um acontecimento exclusivo do século XIX, pois antes disso, no mundo antigo, os movimentos de emigração eram originários das guerras civis e suas invasões triunfantes, sendo esse processo usado como uma solução violenta às dificuldades sociais. Eça de Queiroz afirma que:

Verdadeiramente, só depois das guerras do primeiro império e da pacificação trazida pelos tratados de 1815, é que a imigração toma este amplo caráter de universalidade, de espontaneidade e de liberdade, que a tornam um dos fatos mais poderosos da moderna atividade económica, e uma das forças da civilização contemporânea. (QUEIROZ, 2000, p. 1999).

Com localização marítima privilegiada, somada às bases de suas estratégias históricas de grandes navegações, Portugal torna-se um império ultramarino, conquistando cada vez mais avanços sobre o mar. A partir daí, o espírito colonizador começa a despertar na então nação dita “colonizadora por excelência”. Porém, Eça de Queiroz explica porque acontece o processo de evolução do português de comerciante a colonizador, explicitando que talvez esse tal “espírito colonizador” nunca tenha sido a verdadeira intenção de Portugal:

Os missionários eram os precursores dos mercadores: foi pelos missionários que se estabeleceu o comércio da China e do Japão. Todo o fim das descobertas, das guerras, da política portuguesa é monopolizar o comércio do Oriente, ir comprar à Índia, à China, ao Japão, para concentrar todas estas mercadorias preciosas no mercado de Lisboa, serem os intermediários exclusivos entre a Europa e a Ásia, e enriquecer pela simples diferença do preço de compra e do preço de venda.[...] As nossas grandes lutas na Índia tinham apenas um fim mercantil: não era a vontade de criar estabelecimentos coloniais, era a necessidade de defender o monopólio comercial, porque segundo a falsa política econômica de então, entendeu-se que o melhor meio de monopolizar o comércio da Índia era, em lugar de aparecer aos potentados orientais como comerciantes que querem fazer um tráfico legítimo, aparecer com o aparato militar de conquistadores, estabelecer-se no país, erguer fortalezas, manter exércitos e comerciar com a espada na mão. (QUEIROZ, 2000, p. 2003).

O mesmo acontece em relação ao Brasil, como já citado anteriormente por Schwarcz e Starling (2015) e Fausto (2015): Portugal não tinha a intenção de colonizar o Brasil. Nesse sentido, esses teóricos concordam com Eça de Queiroz, pois, segundo o autor de *A Relíquia*, Portugal não chegou ao Brasil com espírito colonizador, “procurava-se ali apenas o ouro e as pedras preciosas” (QUEIROZ, 2000, p. 2005), mas como não as encontrou, logo pensou em abandonar aquelas vastas terras. Até que surgiu a ideia de conservá-las “como local de deportação para os condenados e para os judeus” (QUEIROZ, 2000, p. 2005). A partir daí, Portugal não perde seu *status* de empreendedor, mas também aparece como colonizador. Porém, Eça de Queiroz vai afirmar que:

[...] a cultura da cana-de-açúcar pelos judeus foi a origem da colonização regular. Assim os portugueses não foram nunca emigrantes colonos, foram simples comerciantes: as suas viagens são comerciais: os seus estabelecimentos não são colônias propriamente ditas de criação agrícola e indústria, são uma série de *comptoirs* defendidos por fortalezas do instinto comercial, não do trabalho colonizador. (QUEIROZ, 2000, p. 2003).

Portanto, pode ser que o único interesse que Portugal tinha sobre o Brasil era o de explorar seu vasto território. Em que pese essa intenção, a verdade é

inegável: Portugal fez do Brasil uma das suas principais colônias.

Posto isso, Joaquim da Costa Leite afirma que Portugal é “um velho país de emigração” e que “o hábito de procurar melhores condições de vida no exterior tem acompanhado os portugueses ao longo dos séculos, com importantes consequências econômicas, demográficas e culturais” (LEITE, 2000, p. 177). Na era das grandes migrações, que ocorre na segunda metade do século XIX e no começo do século XX, “a emigração portuguesa foi transatlântica, tendo o Brasil como destino principal, quase que exclusivo” (ibdem). Segundo estudos de Leite, em seu artigo “O Brasil e a emigração portuguesa” (1855-1914):

A era da emigração em massa é enquadrada por fatores que afetaram as sociedades e economias dos dois lados do Atlântico. No caso Português, três acontecimento relativos à legislação, ao acompanhamento estatístico e à navegação podem ser apontados como símbolos de mudança na década de 1850, marcando a abertura de uma nova época. (LEITE, 2000, p. 178).

Para Eça de Queiroz, a emigração crescia progressivamente em número, abrangendo de forma gradual todas as classes sociais, desde as mais educadas, perdendo o seu caráter de aventura e ganhando uma organização mais doméstica, estendendo-se, dessa forma, “a todos os países e a todas as raças”. (QUEIROZ, 2000, p. 2010). Logo, percebe-se que a emigração foi motivada por rápidas transformações sociais, e os que emigram são aqueles que não veem perspectivas na própria terra de origem:

A emigração entre nós é decerto um mal. [...] Em Portugal quem emigra são os mais enérgicos e os mais rijamente decididos; e um país de fracos e de indolentes padece um prejuízo incalculável perdendo as raras vontades firmes e os poucos braços viris. Em Portugal a emigração não é, como em toda a parte, a transbordação de uma população que sobra; mas a fuga de uma população que sofre. Não é o espírito de atividade e de expansão que leva para longe os nossos colonos, como leva os ingleses à Australia e à Índia; mas a miséria que instiga a procurar em outras terras o pão que falta na nossa. Em Portugal a emigração, tomando o rumo dos países estranhos, contraria a necessidade urgente de regularizar interiormente uma emigração de província a província. [...] Enfim a emigração é má [...]. (QUEIROZ, 2000, p. 799).

No princípio, “a maior parte das expatriações históricas, origens de colonização tem uma causa política ou religiosa” (QUEIROZ, 2000, p. 2010). Entretanto, de todas as transformações, as que mais influenciaram a emigração, causando um número expressivo de deslocamento populacional, foram aquelas em que se deu a transição de um sistema econômico para outro.

No início do século XIX, dentre tantos motivos que levou o português a emigrar para o Brasil, merece destaque, segundo Marques (2015), a crise econômica que o país atravessava devido à instabilidade política, a corrupção administrativa, a crise do regime monárquico, a agricultura improdutivo, além dos muitos problemas sociais por consequência do Bloqueio Continental, das invasões francesas, da abertura dos portos brasileiros às nações ditas “amigas” e da Revolução Liberal. Assim, o regime que precede a Revolução Liberal não dá conta das demandas sociais e não consegue trazer melhorias para as condições de vida ao povo mais necessitado. A situação se agrava com D. Miguel no poder, pois seu reinado intensificou ainda mais a diferenciação dos grupos sociais por razões ideológicas, religiosas, culturais, econômicas e étnicas, existentes na sociedade portuguesa. Então, consoante as palavras de Marques (2015), com o êxodo de muitos liberais, Portugal passa por uma situação de miséria. Problemas como carência de mão-de-obra e desemprego fizeram com que muitas famílias fossem obrigadas a emigrar.

Foi no século XIX que o Brasil passou a ser um lugar seguro para muitas dessas famílias portuguesas que almejavam um futuro mais próspero, pois o liberalismo português também não era garantia de melhores condições de vida para o povo. Mesmo a declaração de independência do Brasil, em 1822, não significou a ruptura com Portugal e os laços entre as duas nações foram mantidos. Outro fator muito importante para que essa aliança com a antiga metrópole continuasse, conforme Marques (2015), era o fato de que o imperador do Brasil era um português. Isso garantiu a muitas famílias a subsistência que não teriam em Portugal. Portanto, a imigração portuguesa rumo ao Brasil, nessa época, tornou-se cada vez mais crescente logo após a independência brasileira.

A partir de 1826, muitas foram as famílias portuguesas que vieram ao Brasil tentar construir um futuro melhor. Com efeito, isso ainda continuou mesmo depois que o imperador D. Pedro I, em 1831, resolveu abdicar do seu trono e retornar ao seu reino em Portugal. A partir de então, a corrente migratória para o Brasil não parou e passou a ganhar ainda mais força, pois Portugal continuava a ver seus filhos, homens e mulheres do continente e das ilhas próximas, emigrarem em busca de nova sorte em terras brasileiras. Em que pese os vários motivos pelos quais um emigrante resolvia optar por sair de seu país de origem, Eça de Queiroz destaca alguns que considerava fundamentais:

As causas deste grande fenômeno da emigração não se podem reduzir a classificações escolásticas: variam infinitamente, como vimos, com as condições econômicas, industriais, políticas, climáticas, e administrativas dos países. A causa absoluta, e que atua de um modo idêntico e universal, é a miséria: as outras são causas transitórias e acidentais, que em determinadas épocas podem estimular e acelerar movimentos excepcionais de emigração, em razão de um excepcional desenvolvimento de pobreza. São deste gênero, a crise provocada de 1828 a 1833 pela introdução das máquinas de fição movidas a vapor que levou à emigração mais de 100.000 operários [...]. (QUEIROZ, 2000, p. 2035).

A partir da segunda metade do século XIX, os fluxos migratórios europeus sofrem um aumento significativo rumo ao Brasil e a política que respalda esse processo também sofre transformações expressivas. Os colonos europeus que migram para o Brasil passam, então, a substituir os escravos, ou seja, submetem-se a fazer o trabalho rude antes efetuado por eles, muitas vezes, quase no mesmo regime de escravidão. As despesas dos transportes desse emigrante eram pagas pelos proprietários das fazendas brasileiras, mas essas despesas eram descontadas já nos primeiros salários dos colonos. Sobre isso, Igor José de Renó Machado, em seu artigo “O brasileiro de ‘torna-viagens’ e o lugar do Brasil em Portugal”, afirma que:

A partir da metade do século XIX, entretanto, com o incentivo brasileiro à vinda de mão-de-obra européia para o "branqueamento da raça", teve início uma migração portuguesa de conotação diferenciada, executada por pessoas sem posses, sem inserção nas redes de comércio e sem a preparação escolar necessária para tanto. Eram os famosos "engajados", emigrantes a contrato, que assumiam dívidas para poder pagar a passagem e os custos da viagem, dívidas estas que seriam pagas com o trabalho em fazendas no interior do Brasil, principalmente fazendas de café. Esses portugueses substituíam a mão-de-obra escrava. Embora a emigração mais qualificada continuasse, os emigrantes engajados passaram a ter maior importância numérica. O ciclo migratório português pode ser visto através dos ciclos de expansão econômica no Brasil, dos subsídios do Estado brasileiro ao engajamento e dos movimentos de câmbio. Cada alta do câmbio brasileiro coincidia com subidas no fluxo migratório. (MACHADO, 2005, p. 51).

Lucia Luppi Oliveira também fala sobre esse tema, mostrando uma mudança radical no sistema de poder, pois agora é o colonizador quem sofre a humilhação do trabalho que outrora era feito por escravos. Em sua obra *Nós e eles: relações culturais entre brasileiros e emigrantes* (2006), Oliveira mostra essa reversão de valores:

Portugal não foi um caso isolado de emigração, nem mesmo um caso particular, apenas seus filhos tiveram um destino preferencial: o Brasil. O movimento de emigração cresceu a partir da segunda metade do século XIX e chegou ao máximo entre 1911 e 1913, considerado um período de êxodo maciço. No final do século XIX e início de século XX, com a verdadeira

emigração, o antigo senhor deslocou-se para as antigas colônias como trabalhador. [...] “A cor da pele protege-o e humilha-o no novo papel de homem branco que tem de carregar sobre seus ombros o fardo do antigo colonizador”. A sociedade portuguesa estava às voltas com o início do regime republicano (1910) e o fenômeno da emigração era associado ao abandono em que os governos monárquicos deixaram sua população rural. (OLIVEIRA, 2006, p. 119).

Ainda sobre a condição de trabalho ao qual se submetia o imigrante europeu – nesse caso, especificamente, o português –, Eça de Queiroz afirma que “[...] os que emigram, já o dissemos, são os que não encontram colocação na atividade de seu país: a emigração que sai da Europa é mendicante” (QUEIROZ, 2000, p. 2043)

Na esteira dessa afirmação de Eça, Lucia Luppi Oliveira, em concordância com o escritor português, vai refletir sobre o assunto da miséria que vai propiciar a emigração. No entanto, Oliveira vai além, afirmando que esse processo era visto como consequência de um povo fraco e de uma nação incapaz:

A emigração era vista como mais um sinal de decadência do país e revela a incapacidade e a fraqueza de um povo e de uma nação, que se mostravam incapazes de produzir e oferecer a seus filhos meios de subsistência, assim como havia sido incapaz de conservar os seus “direitos históricos”, ou melhor, suas pretensões coloniais. Deste modo, reforça-se a ideia de decadência que estaria atingindo Portugal durante o século XIX. Pesquisando os jornais, Domingos Caeiro observou e inferiu a intensidade do fenômeno da emigração e os sonhos que ela envolveu, principalmente ao falar do Brasil – sua antiga colônia – como terra de promessa. (OLIVEIRA, 2006, p. 119).

Assim sendo, a autora conclui que:

Os jornais conseguiam difundir idéias e casos sobre os portugueses que tinham abandonado a terra, ainda que a população portuguesa fosse constituída de 90% de analfabetos. Muitas dessas notícias incentivaram milhares de portugueses a abandonar o mundo rural e tomar o caminho do Brasil em busca de melhores condições de vida. A notícia da emigração fazia crescer a emigração, produzindo o que se chamou à época de “febre da emigração”. As crises e os problemas da agricultura em algumas regiões, principalmente do Douro e Trás-os-Montes, estiveram sempre presentes nos primeiros anos da República e serviram para reforçar a necessidade de partir. (OLIVEIRA, 2006, p. 119).

Para Eça de Queiroz, mesmo com todas as dificuldades que o imigrante europeu enfrenta com o regime de trabalho oferecido em um novo país, a emigração ainda era uma solução, e como dissemos antes, Portugal não era um caso isolado disso. Vale lembrar que esse fenômeno aconteceu em toda a Europa. O escritor português tece uma reflexão trazendo como exemplo a emigração alemã:

Dizem porém os alemães: - “o emigrante só entra na prosperidade depois de muitos anos de privações penosas, de trabalho incessante, e de duras provas: - isto prova que ele tem a fibra, o gênio, a força”; - e se ficasse na Europa, e se quisesse aplicar aqui a mesma energia, a mesma perseverança, a mesma abnegação, se sujeitasse aos mesmos trabalhos, se condescendesse com as mesmas privações, teria prosperado tanto como na América, - e a quantidade de civilização produzida seria em proveito alemão e não em proveito *yankee*. Mas eis o que não é verdade: - o proletário europeu sofre uma transformação na América: aqui a rotina, a miséria, a opressão, o desalento, as dificuldades, a concorrência quebrantavam-lhe a energia, relaxavam-lhe a fibra moral e criadora; transportado para outros países, com outros costumes, cercados de exemplos de trabalho, estimulado pelo espetáculo das fortunas feitas pela perseverança, livre, bem pago, nasce-lhes a esperança, estimula-se a energia nativa: e o que era uma inutilidade no seu velho país, torna-se uma força no país novo. (QUEIROZ, 2000, p. 2043).

Verificamos que, desde os primeiros anos após a independência do Brasil, mais especificamente depois de 1830, quando surgiram as ameaças ao tráfico negreiro, o país já procurava uma substituição desse trabalho. Sua intenção desde o início era “europeizar” a mão-de-obra. A partir daí, começou uma política de atração de imigrantes europeus com a promessa de trabalho em um esquema contratual de locação de serviços, que num primeiro momento surge a partir de iniciativas particulares e, depois dos anos 1850, por parte do Estado.

Eça de Queiroz também comenta sobre esses movimentos migratórios Portugal/Brasil antes e depois do século XIX:

Além de espontânea e puramente econômica, a emigração do século XIX tem uma outra feição original: é individual e isolada; o emigrante parte, só ou com a sua família, à [sua] custa, com utensílios próprios sem dependências e sem contratos prévios, livre *self-acting*, e apresenta-se no mundo colonial isolado com o simples recurso da sua força e da sua vontade. Outrora não era assim: a emigração era coletiva [...] os territórios coloniais pertenciam a ricos proprietários, ou a poderosas companhias que faziam as despesas dos primeiros estabelecimentos, e aliciavam na Europa braços de trabalhadores para a cultura das suas possessões: estas emigrações eram feitas em comum sob a direção dos agentes coloniais. Nem podia deixar de ser assim: a emigração era um ato difícil, caro, longo, arriscado, que não podia ser tentado pelo indivíduo isoladamente: os transportes eram raros e de preços enormes: as viagens longas, desastrosas: o mundo colonial não tinha organização: não havia nenhuma espécie de informações; o indivíduo que se arriscava a chegar só, desamparado, àquele mundo revolto, confuso – abandonado à sua iniciativa, morreria de todas as misérias. (QUEIROZ, 2000, p. 2011).

O autor de *A ilustre casa de Ramires* descreve o mundo colonial como uma espécie de barbárie. O horror começava ainda antes: as viagens eram muito difíceis e cansativas. Os navios levavam muito tempo para atravessar o oceano; a pouca segurança dos mares somada às guerras e à pirataria obrigava as embarcações a

navegar em caravanas. Ainda tinha o tifo e o escorbuto que eram moléstias sempre presentes “a bordo daqueles pesados navios sem higiene e sem ordem”, nos quais, muitas vezes, “a fome era um dos tormentos da viagem” (QUEIROZ, 2000, p. 2006).

Percebe-se nesse breve relato um cenário bastante difícil sobre as condições que o emigrante viajava enquanto buscava melhores perspectivas de vida em terras novas e longínquas. Mas esse não era o único percurso de dificuldades que ele precisava enfrentar. Ao desembarcar no Brasil, seus problemas não eram menores. Sobre isso o escritor português ainda conclui dizendo que:

[...] era necessário que os emigrantes se ligassem a uma forte companhia ou a um risco empreendedor, que os transportasse, aos grupos, em navios fretados para essas navegações excepcionais, que lhes fornecesse os utensílios e a terra na colônia, que os guiasse, os defendesse, os estabelecesse utilmente naquele mundo sem organização social, quase sem lei. O emigrante ignorante, desprotegido, tinha de abdicar a sua iniciativa numa forte direção superior. Hoje a imigração é um ato fácil, seguro, barato, que o emigrante pode preparar tranquilamente, como qualquer ato de trabalho. O mundo transatlântico está organizado e policiado [...]. (QUEIROZ, 2000, p. 2011).

Partindo do comentário queiroziano, entendemos que era necessário que o colono entrasse na política do engajamento. O engajado deveria se sujeitar às condições exigidas pelos “engajadores” que, na maioria das vezes, não eram confiáveis, pois se aproveitavam do imigrante ignorante e necessitado. Essas políticas eram criadas por agências particulares destinadas para essa atividade, mas também pelo governo brasileiro. Tudo isso era estabelecido por regimes de contratos. O colono já entrava no esquema de trabalho devendo todas as despesas das viagens. Assim, não poderia desistir do contrato, submetendo-se ao trabalho quase escravo. Ao refletir profundamente sobre a emigração, Eça de Queiroz dá sua opinião pessoal sobre esse fenômeno:

Resumindo: – eu penso que a emigração é na maior parte dos casos vantajosa aos países que a suportam. Não creio, todavia, como muitos que a sua influência seja tão absolutamente decisiva nas condições de vida social: pode atuar incidentalmente, parcialmente, mas não aceito, por exemplo a ideia essencialmente inglesa – de que a emigração é a maneira mais segura de diminuir o pauperismo. Para que a emigração pudesse na realidade desembaraçar um país do seu pauperismo, era necessário que ela se compusesse da verdadeira miséria – os enfermos – os velhos – os inválidos. Mas são esses justamente os que não podem aproveitar com a emigração: nenhuma sociedade nova, nenhuma colônia os aceitaria: o que se pretende nesses países de trabalho são os válidos e os fortes, os Estados Unidos não deixam desembarcar os que pela idade ou pela doença tenham perdido as fortes aptidões de trabalho. (QUEIROZ, 2000, p. 2045).

Na concepção de Eça de Queiroz, a emigração não deveria ser provocada nem proibida, apenas ser vista como uma lei econômica que deveria ser “abandonada à sua evolução natural” (QUEIROZ, 2000, p. 2009). Tentar acelerá-la poderia consistir em um fato perigoso, mas “tentar reprimi-la é inútil”⁶. O que deveria ser feito, portanto, seria colocar ordem e policiá-la.

Podemos considerar que, após 1855, a liberdade dos movimentos migratórios teve seu apogeu, mas foi a partir dos anos 1870 que os emigrantes clamaram por políticas mais abertas e flexíveis. A partir daí, verifica-se uma flexibilização tanto das iniciativas particulares quanto do governo, incentivando ainda mais a vinda dos imigrantes europeus para o Brasil. Dois fatores foram primordiais para esse crescimento imigratório no nosso país: o fator social e o econômico. O social foi a língua que unia essas duas nações. Essa vizinhança, já familiar e um certo grau de parentesco com a língua, davam mais segurança aos novos emigrantes. Assim, atraídos por compatriotas, muitas vezes, se tornavam sócios e até mesmo formavam outros núcleos familiares com casamentos, para que tudo ocorresse entre família. Somava-se a esse fator social um fator econômico, pois era verdade que os portugueses já dominavam certos setores da economia. No mercado de trabalho como o comércio, principalmente o comércio de retalhos, e na construção civil, os emigrantes portugueses já alcançavam êxito. Sobre isso, Leite explica que:

No contexto europeu, num país atrasado do ponto de vista econômico e demográfico como Portugal, a emigração marcou uma tendência crescente. [...]O fenômeno migratório tem, pela sua própria natureza, elementos de continuidade. Os emigrantes de uma geração utilizavam frequentemente os contatos e experiências de uma geração anterior, servindo por sua vez de referência aos emigrantes da geração seguinte. Para além desse contato de gerações, há aspectos concretos que não devem ser esquecidos: por exemplo, as comunidades portuguesas do Brasil no período de entre-guerras, e as suas remessas para Portugal não podem ser compreendidas sem o estudo do período formativo anterior. As conseqüências de uma época migratória não se esgotam no seu próprio tempo. (LEITE, 2000, p. 180-181).

Por vezes, em decorrência de insegurança ou desproteção, alguns emigrantes optavam por desembarcar nas cidades, ou fugir dos contratos logo no desembarque. Mas o destino profissional desses indivíduos ficava comprometido, não passando dos níveis inferiores, fazendo com que muitos até caíssem na marginalidade. Talvez esse medo na hora do desembarque no país estrangeiro fosse

⁶ Ibidem, p. 2009.

consequência de uma cultura que se fez presente perante o tema da emigração. Leite explica esse momento de pessimismo em seu texto “A Emigração como um Fado”:

Emigração, fado e saudade são palavras que andam frequentemente associadas na cultura portuguesa. Da música à literatura, da política ao debate histórico, a emigração geralmente é encarada de modo negativo: artistas cantam o sofrimento de quem parte, governantes destacam os riscos da aventura para desencorajar potenciais emigrantes, políticos da oposição apontam para o abandono da pátria como prova da falha do governo. Até certo ponto, essas características são comuns aos países da emigração, onde os países de acolhimento facilmente interpretam a atração que exercem sobre a mão-de-obra estrangeira como uma demonstração de seu poder e dinamismo. Nos países de origem existe uma compreensível tendência para acentuar os aspectos negativos do fenômeno: a saída de um grande número de pessoas apresenta-se como um claro sinal das insuficiências nacionais, e uma perda de recursos humanos. No caso português, esse sentimento negativo era acentuado pela noção de decadência, uma velha carga cultural que, na segunda metade do século XIX, era concretizada pela distância relativamente aos países industrializados. (LEITE, 2000, p. 181).

Esse olhar pessimista voltado à emigração portuguesa é muito compreensível, tendo em vista o papel dos agentes emigrantes. Os malfadados “engajadores” nada confiáveis muitas vezes faziam uma propaganda exagerada dos benefícios da emigração, pois eram eles que organizavam toda a parte burocrática para os “engajados”: “Resulta desses documentos a imagem de gente rústica, sem instrução, que na sua miséria seria presa fácil dos engajadores em Portugal e dos patrões no Brasil” (ibidem).

Em relação aos grupos de emigrantes que partiam rumo ao Brasil, verifica-se que em cada região a atração migratória era vista por diferentes vieses, ou seja, cada um deles motivava-se por um vasto conjunto de diferentes situações. Entre eles, é possível distinguir três grupos de emigrantes que tiveram como objetivo principal a emigração como carreira, como forma de obtenção durante alguns anos de algum rendimento complementar e ainda como resposta a uma situação de grande crise política, econômica e social. O estudioso do assunto, Joaquim da Costa Leite, descreve a situação de cada um deles, sendo que para esse trabalho o primeiro é o mais importante, por ser ele um dos nossos objetos de pesquisa. Segue a descrição de Leite:

Na história da emigração portuguesa, há um grupo de emigrantes que se apresenta bem definido nas suas características, sendo também, aparentemente, o mais persistente, atravessando várias épocas migratórias. Trata-se de um grupo constituído por jovens do sexo masculino, alfabetizados, que partem razoavelmente bem providos de roupas, apoiados por contatos estabelecidos previamente por familiares ou amigos. Para estes

emigrantes que começavam cedo e com alguma preparação e apoio, a decisão de partir seria tomada em família, como parte de uma escolha profissional. Emigrar era, nesse sentido, uma decisão de carreira. Em termos regionais, esses emigrantes eram geralmente oriundos do Noroeste, especialmente do Minho. Esse tipo de emigrante já estava claramente definido no século XVIII, e é regularmente mencionado nos relatórios consulares do século XIX. [...] É razoável admitir que eles constituíram, pela idade e preparação, o grupo mais ambicioso, que esperava enriquecer no Brasil. [...] O protótipo deste tipo de emigrante era o rapaz que começava como ajudante de caixeiro, ou guarda livros, aprendia o negócio, ganhava a confiança do patrão, casava com a herdeira ou tomava conta do negócio quando o patrão regressava a Portugal. (LEITE, 2000, p. 193-194).

Ainda sobre esse grupo de jovens emigrantes rumo ao Brasil, observamos que as características mais detalhadas apresentam um perfil que nos remete a pensar em algumas personagens criadas por escritores portugueses, dentre eles Eça de Queiroz. Destacamos ainda que essas características estão presentes nas personagens dos romances que aqui propomos analisar. Segue o que Leite continua dissertando sobre esse grupo de jovens emigrantes:

Nos casos de maior sucesso, o enriquecimento era acompanhado do reconhecimento social, com a obtenção de comendas e até de títulos nobiliárquicos. A literatura consagrou alguns desses personagens, que tem verossimilhança nas condições econômicas da época, e correspondem a percursos biográficos de personagens reais. Os críticos da emigração denunciavam esses casos de enriquecimento de promoção social como exceções, que apenas seriam para dar aos potenciais emigrantes uma imagem falsa das oportunidades que os esperavam no Brasil. Em sentido estrito a observação teria razão de ser, na medida em que os casos de grande sucesso individual são, por definição, pouco comuns. Mas a questão estava em saber se os “brasileiros”, como eram conhecidos, eram apenas os escassos sobreviventes de um grande naufrágio coletivo ou se antes representavam, como parece ser o caso, o topo de uma pirâmide bem distribuída, com uma sólida base de emigrantes modestos, mas de vida melhorada. (LEITE, 2000, p.194).

Como já mencionado, esse grupo está classificado como o primeiro de emigrantes. Para além dele, ainda temos um segundo e um terceiro. “Um segundo grupo de emigrantes era constituído por artesãos, indivíduos adultos, por vezes casados, que partiam para o Brasil prontos a desempenhar um trabalho em que já tinham experiência” (LEITE, 2000, p. 194). Já em relação ao terceiro:

Era constituído por emigrantes que embarcavam em grupos familiares. A decisão de partir com toda a família era uma decisão drástica, que implica geralmente em uma situação econômica muito difícil, sem horizonte de regresso. Esta pode ser apresentada como uma emigração de crise. (LEITE, 2000, p. 194).

De acordo com o que vimos até aqui, sabemos que o fenômeno da emigração perpassa pela vida dos portugueses durante séculos, mas não podemos saber com certeza quantos desses emigrantes que viajaram rumo ao Brasil na esperança de um dia voltar à terra de origem tiveram êxito nas suas empreitadas. Também não sabemos quantos deles foram para voltar, mas nunca voltaram seduzidos pela vida no Brasil. Não há como saber quantos emigrantes falharam porque não conseguiram ganhar sequer o dinheiro para voltar a Portugal. O que se sabe é que muitos deles só conseguiram o regresso com a ajuda de compatriotas com melhores condições de vida, ou através do consulado de Portugal. Ana Silvia Scoot, em sua obra *Os Portugueses*, versa sobre isso:

Assim como os que se deram bem fizeram questão de alardear a vitória, aqueles que não tiveram a sorte, a competência ou oportunidade de vencer no Brasil fizeram exatamente o contrário, isto é, esconderam dos seus parentes e conterrâneos as privações e agruras por que passaram, preferindo em alguns casos jamais voltar à terra natal com a marca do insucesso. Ninguém quer falar de uma experiência fracassada, portanto poucas são as memórias que sobreviveram no imaginário coletivo português sobre os “perdedores”. Os testemunhos da vitória contribuíram para construir o mito do Brasil como terra de abundância e de riqueza, pronta a oferecer oportunidades e alegrias aos portugueses. (SCOTT, 2012, p. 18).

Também não podemos perder de vista que “a emigração oitocentista de Portugal para o Brasil, não era um movimento de sentido único, antes estabelecendo complexas relações dos dois lados do Atlântico” (LEITE, 2000, p. 196). Muitos brasileiros também emigraram para Portugal.

Ao pesquisar sobre a emigração portuguesa antes e depois do século XIX, podemos observar as escolhas que o escritor português Eça de Queiroz faz para criar suas personagens. Em que pese sua escolha para um dos ciclos da imigração portuguesa no Brasil, temos aqui a descrição do século XIX, o tempo em que Eça de Queiroz coloca a personagem de Basílio no seu romance *O primo Basílio* e Carlos Fradique Mendes, personagem de *A Correspondência de Fradique Mendes*. Posto isso, segue a argumentação do próprio autor sobre esse perfil do emigrante que se encaixa no primeiro grupo aqui apresentado:

A emigração hoje já não é encarada como recurso extremo, desgraçado, que é necessário aceitar resignadamente quando todos os outros meios de melhorar a existência são ineficazes: a emigração é olhada como um meio de fortuna igual aos outros. [...] Na verdade a emigração é na Inglaterra uma vocação e na Alemanha uma carreira. A emigração hoje, - e em Portugal vemos esse exemplo, - é um fim para o qual desde o colégio se preparam as educações. (QUEIROS, 2000, p. 2014).

Vale a pena lembrar que esses movimentos migratórios deixaram uma importante herança que hoje é objeto de estudo de muitos teóricos. Estamos aqui falando do *torna-viagem*. Esse tipo é fonte inesgotável de estudos para várias áreas do conhecimento, e fundamental para a nossa pesquisa. Embora esse tempo já tenha há muito se passado, a emigração deixou esse legado do *brasileiro*.

Do desejo da consolidação econômica e social do emigrante que volta enriquecido, e das atitudes daqueles que nunca saíram da terra de origem, sejam eles populares ou aristocratas, surgiu um estereótipo do *brasileiro*. Esse, segundo Leite (2000), é um marco para a Literatura Portuguesa da época que acompanhou o *brasileiro de torna-viagem* com seu jeito diferente, com sua casa, por vezes extravagante, e a sua quinta, pois ambas marcaram a paisagem minhota.

Entendemos que o fluxo da emigração portuguesa para o Brasil se tornou algo constante desde o século XVIII e, como vimos, no século XIX, esse fluxo se intensifica e continua aumentando progressivamente até o século XX. O período foi um momento de importância fundamental tanto para a História quanto para o imaginário literário desses dois países, pois é nesse momento que o brasileiro de torna-viagem ganha mais destaque. Ele ficou conhecido, simplesmente, como “brasileiro” em Portugal e se tornou parte fundamental na História da emigração portuguesa.

Assim, a figura do imigrante, bem como o tema das migrações, sempre apareceu na ficção literária, mas, para além dessa área do conhecimento, esses temas também têm surgido nas pesquisas sociológicas, antropológicas e demográficas. Guilhermino Cesar (1969), ao comentar sobre o *torna-viagem*, desconfia que a temática do “tipo brasileiro” oferece algum interesse à sociologia dos contatos de cultura. Em sua obra *O “BRASILEIRO” na Ficção Portuguesa: o direito e o avesso de uma personagem-tipo*, o professor e teórico explica que esse “minhoto que se enriqueceu comerciando no Rio e outros grandes centros” como São Paulo, nordeste e regiões amazônicas “raramente esquece sua província natal” (CESAR, 1969, p. 39). Entretanto, quando o emigrante retorna, “vem exibir, eufórico” as suas conquistas, “[...] o chapéu do Chile, a corrente de ouro atravessada ao longo da barriga, o colete e as calças brancas. Isto, no que respeita a figura do torna-viagem,

tal como se vulgarizou em meados do século XIX”⁷.

Entretanto, Guilhermino Cesar nos apresenta o torna-viagem como um objeto que merece ser trabalhado mais profundamente, pela complexidade das experiências que esse emigrado traz consigo. Para o estudioso do assunto, tal tipo, quando retorna para sua terra, já não é mais o mesmo que dela saiu. O torna-viagem no século XIX representa o emigrado que, ao retornar para Portugal, recebe um tratamento de rejeição pelos que nunca emigraram. Essa será uma característica marcante e recorrente na história desse país. Com isso, o torna-viagem nos dá a oportunidade de refletirmos sobre essa intolerância do português com o próprio compatriota que volta para a suas origens:

Entretanto, ao regressar, após anos e anos de duro trabalho no estrangeiro, o antigo cavador minhoto não se apresenta renovado apenas pelo lado de fora. No seu íntimo, nos refolhos da sua psicologia, algo se passou que o torna quase estranho ao mundinho aldeão. Alargou-se o horizonte cultural, quer dizer – adquiriu novas técnicas de trabalho; conheceu ambiente totalmente diverso do seu, ao qual teve de adaptar-se para sobreviver; experimentou a nostalgia do exílio; entrou em contacto com novas formas de vida material e espiritual; em suma: já não se amola passivamente ao microcosmo da aldeia, cujas medidas lhe parecem estreitas demais. Na sua pronúncia, o Brasil deixou, entretanto, fortes marcas de tal sorte que, abrindo a boca para as primeiras efusões, é motivo de riso franco ou de ácido reparo dos circundantes. Troçam dele também às escondidas; e esse animal fabuloso, de bolsa estufada, logo o percebe, ressentido-se, e embarca de novo. Ou instala-se, complacente, para esperar a morte entre os seus, se a afectividade sobrepuja o interesse material. (CESAR, 1969, p. 40).

Para Guilhermino Cesar, o que mais pesa para o emigrado português nessa rejeição do seu compatriota é que todo o seu esforço “de procurar adaptar-se ao gênero de vida do Brasil terminou sendo uma caricatura do brasileiro nativo” (CESAR, 1969, p. 41) e, assim, ele percebe que já não pertence mais à aldeia, sendo necessário afastar-se. Por tudo isso, o torna-viagem também é de extrema importância para os estudos literários, pois, segundo Guilhermino Cesar, “foi esse homem, perturbado e alterado pela atmosfera a que se trasladou já adulto, o campo de observações da literatura, que o transformou em personagem”⁸. Assim, no Romantismo Português, escritores trouxeram o torna-viagem como personagem principal em suas narrativas. “Criou-se um “tipo”, um dos poucos efetivamente expressivos da ficção portuguesa, destinado a perdurar através das variações do

⁷ Ibidem, p. 39-40.

⁸ Ibidem, p. 41.

gosto e das escolas literárias”⁹.

Guilhermino Cesar ainda justifica que, a respeito da importância desse personagem para a literatura, a esse ser “meio-homem e meio-mito” escritores centraram a sua capacidade de “satirizar e caricaturar o desamparado ser humano”¹⁰. O teórico conclui seu capítulo afirmando que: “E, daí por diante, o ‘brasileiro’ jamais deixou de impressionar a pena dos escritores, jamais deixou de ser assunto para a composição de histórias crespas, ingênuas ou humorísticas”¹¹.

Igor José Renó de Machado em concordância com Guilhermino Cesar, também afirma que esses brasileiros de *torna-viagem* eram emigrantes que retornaram à pátria após algum tempo no Brasil, fazendo parte até mesmo do imaginário literário lusitano:

Foram eles os emigrantes que retornaram à pátria após algum tempo no Brasil e que, a partir do século XIX, passaram a fazer parte do universo simbólico português. Sobre eles foram criadas caricaturas mordazes, principalmente pelos literatos, entre os quais o mais famoso foi Camilo Castelo Branco. Nos livros em que se escreveu sobre a questão – os de Júlio Dinis, Mendes Leal, Sá de Albergaria, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Aquilino de Almeida e Eça de Queiroz, entre outros – fixou-se a imagem do regressado rico e também muito estúpido, ganancioso, usurário e faminto por comendas e nobilitação. Era o novo-rico alardeador, de costumes exóticos, com sotaque e roupas diferentes. (MACHADO, 2005, p. 48).

Podemos afirmar que dessa movimentação nasce um universo simbólico que entra no cenário das diferenças, criando um imaginário ficcional, nos dois países, sobre a “emigração para o Brasil, do retorno de brasileiros de torna-viagens a Portugal, e das imagens que se construíram no Brasil sobre os imigrantes e, em Portugal, sobre os regressados” (MACHADO, 2005, p. 48). Sobre essa imagem do emigrante de *torna-viagem*, Machado ainda conclui:

A imagem do torna-viagens bruto, selvagem e rico está ligada a uma concepção do Brasil como a “árvore das patacas”, lugar de infinita riqueza e potencialidades alvoroçames. Imagem de um país selvagem, tão bruto quanto os torna-viagens, mas, de certa forma, o paraíso da ascensão social. Por outro lado, alguns romancistas contestaram essa representação cruel do brasileiro de torna-viagens, dando ênfase ou à prodigalidade empreendedora ou ao “inferno” que o sonho da emigração poderia vir a ser. Autores como Luís de Magalhães, Gomes do Amorim, Ferreira de Castro e Magalhães Basto mostraram o outro lado do brasileiro de torna-viagens: aquele que retornou tão pobre quanto partiu e, ainda por cima, carcomido pelas doenças tropicais. Os romances sobre o falhanço da emigração enfatizam o Brasil

⁹ Ibidem, p. 41.

¹⁰ Ibidem, p. 41.

¹¹ Ibidem, p. 41.

como um inferno, um lugar de danação e desesperança, em oposição à tão sonhada árvore das patacas. Entretanto, seja como paraíso, seja como inferno, prevalece a imagem de um Brasil agreste, selvagem, perto demais da natureza. (MACHADO, 2005, p. 48).

O que não podemos perder de vista é que, para a política e a economia de Portugal, os *torna-viagem* foram de suma importância. Em que pese as acusações de enriquecimento ilícito e desonesto, importa mesmo é a imagem que esse tipo deixa para a história das emigrações portuguesa, sendo até mesmo tema recorrente na literatura, como aponta Machado:

Ou seja, os estereótipos produzidos em Portugal sobre os brasileiros de torna-viagens não foram muito diferentes dos que se criaram no Brasil sobre a mesma população. As acusações de enriquecimento ilícito e desonesto tinham íntima relação com o uso da fatia de mercado que eles dominavam no Brasil, o que não deve ser simplesmente negado. Mesmo porque, em termos simbólicos, não importa realmente a veracidade das imagens, e sim a sua força. E, hoje em dia, as representações sobre os "brasileiros" incluem ou reelaboram essas características de desonestidade, ignorância e não-confiabilidade. Vejamos, antes, como se construiu essa imagem do brasileiro de torna-viagens através da literatura portuguesa. (MACHADO, 2005, p. 60).

Na esteira dessa reflexão, Paulo Ricardo Kralik Angelini, em seu artigo “A doença do Brasil: imigração, estereotipização e transgressão no paraíso tropical”, versa sobre a manutenção desse estereótipo criado pelo português até os dias de hoje. A imagem do brasileiro selvagem e bruto acompanhou o imaginário lusitano durante a emigração portuguesa; no entanto, esse modo de ver o brasileiro pouco mudou na contemporaneidade¹². Ou seja, os defeitos passam a ganhar cada vez mais destaque na visão do português e essa imagem permanece na literatura contemporânea portuguesa, como nos mostra Angelini:

É sabido que a história dos movimentos migratórios brasileiros para Portugal apresenta diferentes ciclos, e a forma como o brasileiro é percebido pelo português, também. Parte da boa imagem conquistada, de início, devia-se aos brasileiros de torna-viagem, que na verdade eram portugueses ou seus parentes em retorno de uma vida, em geral, frutífera no Brasil. Essas pessoas ganharam destaque na sociedade da época, ainda que por vezes servissem de deboche, e viraram personagens imortalizados por autores como Júlio Dinis, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz; assim, o Brasil e o brasileiro nativo entraram no imaginário afetivo lusitano. Entretanto, a partir da Revolução dos Cravos, especialmente nos anos 80 e 90, Portugal começa a receber, paulatinamente, menos brasileiros oriundos de uma classe mais abastada e mais das classes menos privilegiadas, que chegam à Europa em

¹² Para mais informações sobre autores que se valem dessas imagens estereotipadas ler “Breviário do Brasil”, de Agustina Bessa Luís (1991), “O retorno”, de Dulce Maria Cardoso (2013), “Eu hei de amar uma pedra”, de António Lobo Antunes (2004), e o artigo “A doença do Brasil: imigração, estereotipização e transgressão no paraíso tropical”, de Paulo Ricardo Kralik Angelini (2016).

busca de melhores oportunidades. Há uma explosão de imigrantes brasileiros, muitos graças às instabilidades políticas e econômicas vividas no Brasil, pós-abertura democrática e durante a era Collor e seus sucessores. De acordo com a historiadora Ana Scott, na obra *Os portugueses*, o brasileiro passou, então, de “povo irmão, alegre e simpático” para o estereótipo de pessoas inconvenientes, malandras, aproveitadoras, sedutoras. (ANGELINI, 2016, p. 212-213).

Ainda segundo Angelini, a emigração do brasileiro para Portugal ganhou muito mais espaço na literatura portuguesa do que a imigração do português ao Brasil nas narrativas brasileiras. Na literatura portuguesa contemporânea, o Brasil ainda é visto como um espaço de fuga para personagens que necessitam sair de Portugal por razões políticas, econômicas ou até mesmo pessoais. Angelini ainda chama atenção para a interferência de “produtos televisivos de massa” que “ganham horário nobre na televisão portuguesa” (ANGELINI, 2016, p. 212) e contribuem para a consolidação de uma imagem negativa do brasileiro. Também, nesse sentido, torna-se óbvio que o Brasil está muito mais “vivo” em Portugal do que o contrário. De acordo com as palavras de Paulo Ricardo Kralik:

Nesse sentido, talvez se justifique o que afirma Lourenço, que os portugueses conhecem melhor o Brasil, ou pensam mais no Brasil. [...]O imaginário vendido através das redes televisivas, via novelas e seriados, mais a imagem do brasileiro que emigrou massivamente para Portugal, em especial no final do século XX, acabaram por interferir na construção desses personagens. Ou seja, o Brasil aparece, na maior parte destas narrativas, como uma representação estereotipada, ou como afirma Lourenço, como uma imagem extravagante. (ANGELINI, 2016, p. 212).

Ao traçar um percurso da emigração portuguesa para o Brasil até chegarmos ao brasileiro de *torna-viagem*, percebemos que ele realmente deixa um legado importantíssimo para pesquisas, tanto na História quanto na Literatura. “Lendo os autores portugueses, dos românticos aos neo-realistas de hoje, verificamos de imediato como os clichês da ficção têm força de perenidade” (CESAR, 1969, p. 46).

É pertinente dizer que há uma idealização do passado heroico de Portugal que enaltece o seu espírito desbravador que tanto orgulha o povo lusitano. Como já citado anteriormente, ao chegar na terra desconhecida, os portugueses se viram em uma missão de “educar” e “civilizar” aquele povo “incapaz” de se governar por ser “inculto”. Se a intenção era de colonizar ou não, o fato é que a colonização aconteceu de maneira irresponsável, como bem vimos ao longo dessa seção.

Não podemos perder de vista que o colonialismo difundiu ao mundo lusófono, amparado em ideias também propagadas, especialmente durante o

salazarismo, por Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala* (1933), a imagem de que a colonização portuguesa foi diferente, agregadora, criando o mito do *português suave*: “O luso-tropicalismo de Gilberto Freyre produzia uma imagem lisonjeira da expansão e do colonialismo portugueses – e do catolicismo” (SOBRAL, 2010, p.129). Em sua obra, o sociólogo brasileiro defende uma visão positiva sobre a colonização como esvaziamento do conflito entre o colonizador e o colonizado. Assim, os portugueses são retratados como um povo que, devido a sua história mercantil de constantes contatos com diversos povos diferentes, era menos racista. O escritor ainda coloca o português, dentre os povos europeus colonizadores, como o mais receptivo, que não tinham uma posição de superioridade racial como observado no resto da Europa. Tudo isso com a justificativa de que Portugal localizava-se na Península Ibérica, local visto geograficamente como fruto de miscigenação intensa devido à invasão Moura. Portanto, esse fato contribuía para que os portugueses não se importassem com a ideia de miscigenação. Assim, as narrativas de *Casa Grande e Senzala* apresentam um cenário de amizade e harmonia no período colonial.

Porém, na contramão de Gilberto Freyre, outra obra contemporânea à sua vai versar exatamente o contrário. Em *Raízes do Brasil* (1936), Sérgio Buarque de Holanda vai dizer que a colonização portuguesa no nosso país foi violenta, predatória e até mesmo desumana, pois não há violência maior do que a escravidão. O que se verifica nessa obra é que a colonização portuguesa no Brasil não foi positiva, foi mais um ato de crueldade por parte do colonizador europeu com sua visão eurocêntrica e sua irresponsabilidade.

Isto posto, torna-se pertinente trazer outra imagem do Brasil que também se propagou no imaginário lusitano, a ideia do eterno *paraíso tropical*. Sobre isso, segundo Angelini:

Obviamente, o país é descrito com todo o seu calor, e a intensidade do clima é usada como justificativa para as loucuras cometidas pelos portugueses quando no solo brasileiro. Com o sol abrasador, o clima amolecedor citado por Gilberto Freyre, e as regras sendo sistematicamente descumpridas, as mulheres exibem toda a sua sensualidade e o sexo é transformador. Há, aqui, mais um estereótipo, o das mulheres sedutoras, interesseiras, em geral mulatas, que enlouquecem os portugueses. Ou seja, mais algumas características que devem ser adicionadas à lista do tipo degenerado desenhado em alguns romances. Porém, para além da degeneração, entra também o desejo. [...] O outro, o diferente, é percebido em todos os seus extremos: fortemente depreciado e também extremamente desejável. [...] O Brasil é o paraíso tropical onde os portugueses descobrem o amor, o sexo e a felicidade. (ANGELINI, 2016, p. 217-220).

Que seja Portugal um país de emigração por excelência como tantos teóricos já o disseram, “de gente que se despencou em caravelas em busca de novas terras e que desde sempre precisou justificar as próprias ausências de um território pequeno com terras além de suas fronteiras [...]” (ANGELINI, 2016, p. 209), o fato é que Portugal nunca aceitou perder a sua maior conquista. Quem afirma que Portugal tinha o Brasil como sua maior conquista é Trindade Coelho:

Mas, se não foi a reluzente glória da nação portuguesa, valeu mais, muito mais, sob outro aspecto, do que tudo que fizéramos antes e do que tudo quanto fizemos depois. Descobrir é muito; civilizar é tudo. A colonização do Brasil é, para Portugal, a máxima honra entre todos os títulos da sua alta benemerência histórica. Esta é, em verdade, a suprema honra do nosso gênio. (COELHO, 1903, p. 335).

Como mencionado anteriormente, talvez Portugal não tivesse vindo ao Brasil para colonizar, mas assim o fez, desempenhando um papel de “pai de uma nação desconhecida”, responsabilidade que nunca soube cumprir. O Brasil, depois de se tornar a “menina dos olhos” da coroa portuguesa, já no final do século XIX, rejeita as heranças do colonizador, passando a vivenciar suas próprias mitologias. Quanto a isso, o pensador português Eduardo Lourenço faz uma importante reflexão, ao afirmar que:

A bem dizer, o Brasil vive-se e imagina-se, naturalmente inscrito num espaço de que ele é o centro e a circunferência. Pode dar-se ao luxo de não ter mais exterior do que o seu interior, já tão difícil de assumir. Mas não pode impedir de ser visto, de saber que os outros o vêem e, em particular, que é, em termos de potência e representatividade *lusófono* e centro empírico de uma comunidade que tem como único elo incontornável a língua que lhe dá lugar à parte no continente a que pertence. (LOURENÇO, 2004, p. 171).

Lourenço, inclusive, afirma que o brasileiro cometeu parricídio, matando a figura supostamente paterna, de criador, que Portugal tanto cultiva. Assim, não podemos perder de vista que Eduardo Lourenço sublinha a percepção de que o português o vê como um ingrato ao rejeitar a herança do colonizador. Quanto a isso, Kralik afirma:

Na obra recém lançada *Do Brasil, fascínio e miragem*, Lourenço postula que há uma espécie de paternalismo ressentido na relação de Portugal com o Brasil. Haveria, para o crítico, uma forte admiração retórica, beata, pela cultura brasileira, de modo a justificar a presença portuguesa nela. Uma espécie de reforço mítico, a sustentar um passado que já não é. Para Eduardo Lourenço, Portugal julga-se merecedor de uma deferência que o Brasil ignora. (ANGELINI, 2016, p. 212).

Há um ressentimento por parte do colonizador que não reconhece as suas falhas ao conduzir suas colônias: “Não são poucos os textos de pensadores renomados, como Eduardo Lourenço, que apontam para um esvaziamento no vínculo entre Portugal e Brasil, especialmente por parte deste último.” (ANGELINI, 2016, p. 211). Em sua obra *A Nau de Ícaro* (2004), Eduardo Lourenço escreve um texto intitulado “Nós e o Brasil: ressentimento e delírio” no qual o pensador afirma que “contam-se pelos dedos de uma só mão os portugueses que sabem até que ponto o Brasil é um país para quem Portugal é um ponto vago num mapa maior chamado Europa” (LOURENÇO, 2004, p. 135). Segundo Angelini, de acordo com Eduardo Lourenço,

[...] do ponto de vista português, o Brasil ocupa um lugar de destaque no imaginário, ainda que seja como justificativa simbólica de seu passado mítico: o sonho imperial, já desfeito, mas que tanto orgulha ainda um resquício de Portugal colonizador. (ANGELINI, 2016, p. 211).

Contudo, o Brasil torna-se realmente independente de Portugal e, dessa relação, apesar dos traumas causados pela colonização, o que realmente fica é a Língua Portuguesa como herança, porém, como ainda afirma Eduardo Lourenço:

[...] Com o tempo, sem dúvida, os Brasileiros [...] farão com a nossa língua comum o que os Lusitanos fizeram outrora com a língua imperial, e imperiosa, dos Romanos, embora nós nunca tenhamos sido – salvo em África – os romanos deles. Uma língua não é de ninguém, mas nós não somos ninguém sem uma língua que fazemos nossa. É nesse sentido, e unicamente nesse sentido – longe das identificações narcisistas dos nacionalismos culturais –, que uma língua é, como pensava Pessoa, *a nossa verdadeira pátria*. (LOURENÇO, 2004, p.132).

A partir da reflexão de Eduardo Lourenço, podemos pensar que, já ao final do século XIX, em 1873, é publicado o ensaio de Machado de Assis, denominado “Instinto de nacionalidade”, em que o autor reconhece esse “instinto” como traço da literatura brasileira daquele momento. Machado também admite, como já fizera José de Alencar, a existência de uma língua, praticada no Brasil, diferente daquela falada pelos portugueses. Assim sendo, podemos definir o brasileiro como um povo que nasce e vive em uma terra de contrastes inigualáveis, e isso revela o que nos une no meio de tantas diversidades.

03 – AS RELAÇÕES ENTRE EÇA DE QUEIROZ E O BRASIL

Muito antes de Eça de Queiroz começar a escrever, as narrativas sobre Brasil/Portugal já eram tema de literatura. Como podemos ver em *Os Lusíadas*, Luís Vaz de Camões já versava sobre esse assunto no Canto 10, estrofe 140:

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Para também, co pau vermelho nota;
De Santa Cruz o nome lhe poreis;
Descobri-la-á a primeira vossa frota,
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito, com verdade,
Português, porém não na lealdade
(CAMÕES, 2000, p. 273).

Ao contrário de muitos outros ilustres escritores estrangeiros que estiveram no Brasil e até viveram no país por algum tempo, Eça de Queiroz nunca por aqui esteve. Entretanto, sempre foi bastante lido pelo público brasileiro. Esse seu reconhecimento, segundo Benjamim Abdala Junior, fez com que o escritor português tivesse mais leitores aqui do que no seu Portugal. Sobre isso Abdala afirma que:

Eça de Queiroz radicou-se no Brasil embora aqui não colocasse seus pés, através do poder de um subcampo, intelectual renovador, formado no início de nossa república. A atuação dos agentes críticos desse campo abriu-lhe as páginas dos jornais brasileiros e o escritor português veio a ter mais leitores no Brasil do que em seu país de origem. Esse fato se explica pelo entrecruzamento das expectativas do escritor e seu público-leitor, entre estes e os mediadores críticos. (ABDALA JR, 2000, p. 99).

É pertinente dizer que o culto a Eça de Queiroz ainda permanece no Brasil e que sua obra tem sido objeto de estudos para as instituições acadêmicas. O escritor português continua sendo visto com muito apreço por seus fiéis leitores brasileiros, público cada vez mais crescente. Em concordância com Benjamim Abdala Junior, a professora e crítica literária Tânia Franco Carvalhal também reflete sobre esse fascínio pelo escritor português, mantido ainda na contemporaneidade, bem como sobre a importância da sua herança literária:

O certo é que o interesse por Eça, com maior ou menor intensidade, tem-se mantido vivo no Brasil e alcança sempre fiéis leitores em várias gerações, não se restringindo apenas ao círculo acadêmico nem aos artigos de jornais. Para além das ligações de ordem puramente intelectual, a formação de clubes e de sociedades dos amigos de Eça, e a permanência do escritor nas listas dos autores mais lidos até hoje, prova a criação de laços afetivos entre Eça e o seu público brasileiro, que são uma das características mais

interessantes das relações culturais entre os dois países. (CARVALHAL, 2000, p. 199).

Com efeito, na apresentação da Edição crítica de *Os Maias* (2019), organizada por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha, o professor José Carlos Siqueira faz algumas revelações pertinentes para que se entenda a dimensão do que foi, e ainda é, a recepção de Eça de Queiroz pelos brasileiros. Siqueira começa sua apresentação do livro falando a respeito de uma enquete, promovida por um programa de televisão, sobre quem seria o brasileiro mais inteligente. Em uma das entrevistas, um rapaz respondeu com muita segurança que era Eça de Queiroz. Siqueira explica que “o equívoco sobre a nacionalidade do escritor, mais do que um erro, talvez revelasse sem querer uma verdade latente, a de que o autor português foi um dos estrangeiros mais brasileiros da história do país” (SIQUEIRA, 2019, p. 11). O estudioso das narrativas queirozianas e membro fundador do grupo Eça no Ceará traz ao nosso conhecimento que, quando chegaram ao Brasil, no Rio de Janeiro, os primeiros exemplares da obra *O primo Basílio*, em 1878, “Eça de Queiroz já era conhecido e admirado aqui por seu jornalismo”:

Mas foi seu segundo romance que lhe trouxe imensa popularidade. *Best-seller* instantâneo, *O primo Basílio* gerou verdadeira revolução e, em pouco tempo, a história de Luísa foi adaptada em várias versões teatrais, com grande sucesso nos palcos do país; e personagens e passagens do livro passaram a compor o repertório das conversas de todos. A partir daí, Eça já era nosso. Mas o selo de familiaridade veio com a colaboração no mais importante do jornal da época, a *Gazeta de Notícias*. (SIQUEIRA, 2019, p.11).

Eça de Queiroz foi o único romancista português, no século XIX, a conquistar fama internacional no nível dos grandes escritores realistas, como os franceses Flaubert e Zola. Sua herança literária é enorme e sua obra é definitivamente brilhante, sendo até hoje leitura obrigatória em muitas seleções de ingresso em universidades brasileiras. Picaresco e irônico, Eça criticava com sarcasmo e elegância (característica primeira da sua obra) o provincianismo de uma pequena burguesia atormentada por preconceitos e hipocrisias. Em seu legado literário, destacam-se clássicos como *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *Os Maias*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *As Cidades e as Serras*, *Alves & Cia*, *A Correspondência de Fradique Mendes*, entre outros.

O escritor português foi o introdutor do realismo na literatura portuguesa. Iniciou sua carreira literária como jornalista, dialogou com a imprensa brasileira,

escreveu para jornais brasileiros, contribuiu bastante para divulgar a imagem do Brasil no exterior e influenciou muitos de nossos escritores. Para comprovar essa influência, recorreremos aos estudos da professora Maria da Glória Bordini, pesquisadora da herança literária de Erico Verissimo, um dos mais importantes escritores brasileiros. Em seu texto “Realismo e Resistência em *Os Maias* e *O Tempo e o Vento*”, Bordini (2002) afirma que Eça de Queiroz foi um dos autores que mais influenciou a literatura do escritor gaúcho:

[...] o Realismo como programa estético da modernidade que a retoma, teve no século XIX e ao longo do século XX, exímios praticantes, cuja intencionalidade artística se sentia mais à vontade ao lançar um olhar crítico ao real [...]. Em língua portuguesa, pode-se traçar um paralelo instigante entre o romance realista de Eça de Queiroz, o mais lídimo representante dessa estética em Portugal, para quem a arte deve ser sobretudo revolução, e o de um autor brasileiro como Erico Verissimo, que teve a produção queirosiana como um de seus parâmetros [...]. Ao encetar o processo criativo de sua obra-prima, *O tempo e o vento*, Erico Verissimo contempla o realismo queirosiano, na sua versão madura que se manifesta em *Os Maias*. [...] A prolífera reserva simbólica que a saga dos Maias oferece, em termo da figuração da nação portuguesa em seu momento de declínio, por meio de um discurso representativo não mais tão transparente e ideologicamente marcado como o de *O crime do Padre Amaro*, por exemplo, propunha, para o escritor brasileiro, um manancial de respostas a seus impasses criativos, sugestões que ele reinterpretou e que garantem a condição de intertextualidade às duas obras, apesar da lacuna temporal que as separa. (BORDINI, 2002, p. 83-84).

Na esteira dessa reflexão, é pertinentepresentar o estudo do professor Carlos Alexandre Baumgarten, que realiza uma pesquisa sobre a recepção da obra de Eça de Queiroz no âmbito da *Província de São Pedro*, revista de caráter interdisciplinar, que circulou no Rio Grande do Sul entre as décadas 40 e 50 do século passado. Em 1945, ano em que se realizaram diversas homenagens a Eça de Queiroz, por conta do centenário de seu nascimento, a revista *Província de São Pedro* não foi indiferente a esse evento, dedicando ao escritor lusitano algumas de suas edições. A partir daí, Baumgarten nos revela, em seu artigo intitulado “Eça de Queiroz na *Província de São Pedro*” (2014), que:

O exame das páginas da *Província*, no que respeita ao estudo de autores portugueses, revela que Eça de Queiroz é, dentre todos, aquele que goza de maior prestígio entre a intelectualidade brasileira da primeira metade do século passado. Nos vinte e um números da revista, é ele o autor lusitano mais estudado, seja através de ensaios críticos que abordam diferentes aspectos de sua obra, seja através de entrevistas com escritores brasileiros, que registram a importância do autor de *Os Maias* para a literatura de língua portuguesa. (BAUMGARTEN, 2014, p. 22).

Nesse mesmo artigo, Baumgarten afirma que, na edição de nº 3 da revista *Província de São Pedro*, houve a publicação de entrevistas com vários escritores brasileiros – dentre eles Erico Verissimo –, em que deveriam responder às seguintes perguntas:

1 – A seu ver, quais as razões da vitalidade e atualidade da obra de Eça de Queiroz? 2 – Se houve influência da obra de Eça, até que ponto ela se exerceu na sua formação literária? 3 – Escritores do caráter literário de Eça de Queiroz são espíritos construtivos ou não? A matéria, divulgada sob o título “Três perguntas sobre Eça de Queiroz” (VERISSIMO et al., 1945, p. 25-30), e motivada pelo transcurso do centenário de nascimento do autor de *As cidades e as serras*, traz o depoimento de romancistas, contistas, poetas e ensaístas, como Erico Verissimo, Dyonélio Machado, Cyro Martins, Darcy Azambuja, Mario Quintana, Carlos Dante de Moraes, Athos Damasceno e Vidal de Oliveira. (BAUMGARTEN, 2014, p. 22).

As respostas dos escritores foram unânimes em afirmar a atualidade da obra de Eça de Queiroz, embora se justifiquem a partir de elementos distintos. Quanto ao caráter das obras queirozianas, unanimemente os entrevistados negaram “revestir-se ela de uma intenção destrutiva.” (BAUMGARTEN, 2014, p.24). Assim, a partir dessa pesquisa, foi possível concluir que

O exame do conjunto de depoimentos de escritores e ensaístas brasileiros, cuja carreira intelectual teve início no curso da década de 30 do século passado, revela que são eles unânimes em reconhecer a permanência da obra do autor de *A relíquia*, ainda que decorridos então 45 anos de sua morte. O mesmo ocorre quando se manifestam a respeito da influência de Eça de Queiroz em sua formação literária. [...]O breve exame do conjunto de depoimentos e ensaios sobre a obra queirosiana permite algumas conclusões: a – em primeiro lugar, revela que a obra do autor português continua presente no horizonte de leitura de romancistas e ensaístas brasileiros em atividade no final da primeira metade do século XX; b – em segundo lugar, é provável que, para além do valor da produção literária do autor português, o fato de a literatura brasileira, desde o início dos anos 30 do século passado, se apresentar predominantemente marcada por uma narrativa de tom realista e com ênfase na representação do social seja o responsável pelo perfil positivo com Eça de Queiroz emerge das páginas da *Província*. (BAUMGARTEN, 2014, p.23-27).

Podemos dizer que, através da pesquisa realizada por Baumgarten, tivemos conhecimento de que todos esses escritores foram leitores de Eça de Queiroz. E, mais do que isso, também viram no escritor português um exemplo a ser seguido. Diz o pesquisador:

A constatação que se faz, após a leitura das entrevistas concedidas pelos escritores referidos, apesar de serem todos eles tributários da estética

modernista, que nas primeiras décadas do século XX promoveu profundas transformações na cena literária brasileira, é que eles revelam-se não apenas leitores de Eça de Queiroz, como são unânimes em registrar a importância e atualidade de sua prosa de ficção. (BAUMGARTEN, 2014, p. 24).

A leitura do artigo do professor Baumgarten nos despertou o interesse em buscar a opinião desses escritores. Assim, procuramos saber, na fala de cada um deles, como era essa relação com a literatura de Eça de Queiroz. Trouxemos, então, o depoimento do próprio Erico Verissimo, que nos conta:

Os romances de Eça de Queiroz estão vivos pela mesma razão pela qual os livros de Dickens ainda hoje estão vivos. Porque são vida. Porque as figuras de Eça não só respiram como também transpiram. Porque têm três dimensões e movem-se num mundo tridimensional. Acontece ainda que a prosa desse grande mestre é polpuda, sanguinea, gostosa. O estilo de Eça de Queiroz é contagioso. Houve um momento em que ele influenciou poderosamente na minha prosa. Isso, entretanto, se passou numa época em que eu não costumava publicar o que escrevia. Mais tarde passei a ler no original literatura francesa e principalmente inglesa, de sorte que o criador do fantasma do João da Ega deixou de assombrar minhas páginas. [...] confesso que a leitura dos romances de Eça nunca deixaram em mim um ressaibo amargo. Pelo contrário, elas sempre me deram e ainda hoje me dão um tremendo apetite com relação à literatura e à vida [...] (VERISSIMO, 1945, p. 25).

Também nos interessa o depoimento do poeta Mário Quintana:

Quanto à influência de Eça na minha formação literária, essa existiu, inegável, como aconteceu aliás a toda a minha geração e à anterior [...] Agora, se escritores do caráter de Eça são espíritos construtivos ou não, a resposta é positiva. Não quero fazer frases, mas não resisto a tentação de dizer que nem tudo está perdido enquanto não se perdeu a capacidade de odiar: ódio à hipocrisia, às falsas virtudes, à pasmaceira moral, ao cinismopolítico, à avareza do coração. Odiar tudo isso, combater tudo isso, é sem dúvida construir o contrário do que combatemos. E quando, como em nosso querido Eça, esse combate se faz por meio do riso [...]. (QUINTANA, 1945, p. 27).

O também poeta e crítico literário Athos Damasceno, considerado um dos mais importantes historiadores e cronistas da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, deixou o seu relato sobre a importância de Eça de Queiroz e da influência que o escritor português teve em sua formação literária, bem como na de muitos outros escritores brasileiros:

Nenhum de nós escapou à influência de Eça de Queiroz. Não adianta torcer o nariz, pretendendo esconder o que é tão claro. Escritor muito mais brasileiro do que português, ele foi para nós uma espécie de *irmão mais velho*, a quem se admirava e imitava. Na nossa literatura houve muito do seu monóculo, da sua bengala, do seu plastron, das suas polainas... mais tarde – sabe como é? – a gente se libertou desses atributos de toalete... mas o trespassante

sorriso daquela cara murcha nunca mais nos largou... - Arte que não é construtiva não é arte. E a obra literária de Eça de Queiroz é uma grande obra de arte. (DAMASCENO, 1945, p. 29).

O escritor Dyonélio Machado, autor da obra *Os ratos*, publicada em 1935, também contribuiu com a *Província de São Pedro* de 1945 para versar sobre Eça de Queiroz. Segue a afirmação de Dyonélio:

Penso que ninguém da minha geração pôde fugir à influência de Eça de Queiroz, acho que nenhum dos seus predicados, me impressionou, nos meus tempos de formação literária, aquêle seu sentido de unidade. Esse sentido de unidade não devia Eça de Queiroz ao seu “francesismo”, a sua formação inelectual francesa: era obra do seu gênio. A maior obra dum artista é a unidade na sua obra. (MACHADO, 1945, p. 30).

Para o crítico literário Carlos Dante De Moraes, Eça de Queiroz é um escritor eminentemente visual, que cria uma obra encantadora e que envolve quem a lê, pois, sendo de fácil leitura, Eça consegue como poucos “divertir, deliciar e repousar [...] se nos ativermos ao lado puramente literário, é inegável que Eça é um espírito puramente construtivo” (MORAES, 1945, p. 25-26). Concordando com Moraes, Vidal de Oliveira diz que o estilo de Eça é “leve e simples em contraste com o pêso do gramatismo clássico; o espírito arejado e receptivo para as idéias modernas, e seu nacionalismo internacionalista” (OLIVEIRA, 1945, p. 29). O escritor Cyro Martins também afirma ser muito difícil escapar da fascinação que Eça de Queiroz desperta ainda hoje em seus leitores:

Quanto a mim, entendo que, embora trabalhando com o obscuro material que é a língua portuguesa, Eça de Queiroz contribuiu para despertar, no espírito dos homens, o anseio para uma estrutura melhor do mundo que continua inacabado. (MARTINS, 1945, p. 30).

Ainda sobre essa edição da revista *Província de São Pedro*, não poderíamos deixar de citar Moyses Vellinho. O ensaísta, diretor da revista nessa época, apresenta a edição em homenagem ao centenário do nascimento de Eça de Queiroz, ressaltando o caráter reformador da prosa de ficção queiroziana, principalmente no que diz respeito à renovação da Língua Portuguesa:

A nenhum órgão, de fala potuguêsa é lícito deixar de associar-se às comemorações que assinalam o centenário do nascimento de Eça de Queiroz. E que ninguém levou mais longe que o grande romancista as velhas marcas da língua nas suas possibilidades de expressão e comunicação. [...] Quando se fala em estilo a propósito de Eça de Queiroz, está claro que não se pensa em mero arranjo de efeitos literários ou feliz combinação de valores plásticos ou ornamentais. Se bem que não lhe desagradassem tais recursos,

não é daí que vem a originalidade da linguagem que nos legou, mas de sua “atualidade”, do seu caráter direto e flagrante. Desembaraçando dos detritos históricos que vinham travancando a língua desde os séculos, êle conseguiu subordiná-la inteiramente às necessidades “atuais” de elocução. (VELLINHO, 1945, p. 5-6).

Na edição da revista *Província de São Pedro* de 1946, Moyses Vellinho volta a afirmar ser Eça de Queiroz o responsável pela renovação da Língua Portuguesa. Em um texto intitulado “Eça de Queiroz e o Espírito de Rebelião”, o ensaísta gaúcho realiza uma análise valorizando o estilo do escritor português e destacando pontos que fizeram com que a literatura de Eça persistisse no tempo e continuasse cada vez mais contemporânea. Para tanto, Vellinho pesquisa sobre o percurso literário que o autor faz, desde de sua juventude em Coimbra até seus últimos escritos. Para Baumgarten, “Segundo Vellinho, em todos os momentos dessa trajetória, o que marca a ação política do romancista e de sua obra é o que chama de espírito de rebeldia, sendo, por essa razão, o desacato a chave para a compreensão de sua obra” (BAUMGARTEN, 2014, p. 26). Moyses Vellinho afirma com veemência que:

[...] A língua portuguesa, mais ou menos enalhada durante séculos sofreu, sob a ação de Eça de Queiroz, uma revisão impenitente. A velha estrutura rangeu de meio a meio, mas, finda a experiência, estava mais segura nas suas legítimas fundações. Foi, sem dúvida, pelo estilo mais que pelo conteúdo político de sua obra, que o grande escritor português traduziu os impulsos de renovação que tanto o perseguiram. (VELLINHO, 1946, p. 90).

Benjamim Abdala Junior (2000) realiza uma análise comparativa em que resulta a aproximação entre Graciliano Ramos e Eça de Queiroz. O crítico faz uma “incursão” nas obras *Caetés*, *Angústia*, *São Bernardo* e *Vidas Secas*, do autor brasileiro, numa análise crítico-descritiva de personagens, linguagem e contexto, comparando-os a romances queirozianos.

Não podemos perder de vista que Manuel Bandeira também foi um estudioso de Eça de Queiroz. O poeta brasileiro escreveu, entre outros, o artigo “Correspondência de Eça para a Imprensa brasileira”, que integra a obra *Livro do Centenário de Eça de Queiroz* (1945), de Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reys.

Como podemos observar, no Brasil, Eça de Queiroz não foi apenas um colaborador estrangeiro, foi também um espelho para nossos escritores. A *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro pôde contar com uma importante colaboração do escritor português em 1880. Desta forma, é notável a importância de Eça de Queiroz para

esse jornal brasileiro, “não só em virtude da alta qualidade dos artigos e contos que ali foram publicados, mas também pelo fato de estender-se por um longo período” (BERRINI, 2000, p. 1057). Essa união se prolongaria (com interrupções) até 1897. No ano de 1880, é publicado em livro *O Mandarim* (escrito na França), depois de sair em folhetim (em 12 capítulos) no jornal *Diário de Portugal*.

É inegável que a literatura portuguesa foi uma referência para a literatura brasileira, uma vez que nosso país adotou como sua a língua do colonizador. Sabemos que a língua nos trouxe do além-mar uma história de tradições e culturas junto com a colonização. É claro que nosso passado – e presente – contou com a contribuição do multiculturalismo, porém não podemos perder de vista que a maior herança nos vem dos portugueses. A literatura é parte desse legado, e é através dela que muitas vezes temos a oportunidade de ampliar nossos conhecimentos, pois, por meio da literatura, também questionamos a nossa própria visão de mundo.

Visitando rapidamente a literatura portuguesa contemporânea, também encontramos depoimentos de importantes escritores que “de alguma forma se cruzaram e cruzam ainda, na sua vida literária, com Eça de Queiroz” (REIS, 2009, p. 125). Em sua obra *Eça de Queirós*, Carlos Reis, um dos maiores nomes nos estudos queirozianos, dedica um capítulo intitulado “Discurso Direto” que, assim como a *Província de São Pedro*, traz o depoimento de escritores portugueses versando sobre a importânciada literatura de Eça até os dia de hoje:

Em “Discurso Direto”, representa-se o eco de uma presença viva: a palavra de um escritor na memória, na formação e no trabalho de outros escritores. Sem outra mediação que não seja a expressão direta de um pensamento e de uma recepção difusamente crítica, “Discurso Direto” evidencia o prolongamento de Eça no nosso tempo, através do testemunho destes que são, à sua maioria, leitores qualificados da obra queirosiana. (REIS, 2009, p. 125).

Dentre os escritores entrevistados estão grandes nomes da literatura portuguesa como José Saramago, Almeida Faria, Fernando Pinto do Amaral, Helder Macedo, João de Melo, Mário Cláudio, Teolinda Gersão, Vasco Graça Moura e Lídia Jorge, sendo esta quem melhor resume a ideia presente em quase todas as respostas, quando afirma que:

Eça de Queirós escreveu sobre um tempo que já só em parte nos diz respeito, e no entanto, a impressão que a sua obra deixa é de que se trata do mais contemporâneo dos contemporâneos. [...] A ideia que tenho quando releio Eça, é de que estou junto da voz de alguém que é central na nossa língua,

na nossa mitologia, e até mais do que isso, na nossa própria submersão fantasmática. [...] É por isso que um português medianamente culto não pode dispensar a janela aberta ao conhecimento que a obra de Eça constitui. (JORGE, 2009, p. 134).

Saraiva (1972), ao comentar a literatura de Eça de Queiroz, afirma que o escritor tinha um papel moral e social que consistia em retratar objetivamente a realidade a fim de contribuir para o melhoramento dessa mesma realidade. Nesse sentido, a literatura do autor assume formas de denúncia social, de crítica à realidade circundante, de uma causa político-ideológica. Cabe, portanto, trazer aqui as ideias de Eça, contextualizando-as com o momento histórico pelo qual Portugal e Brasil estavam vivendo, pois, se consideramos a literatura como testemunho histórico por apreender a dinâmica social, devemos entender também o escritor como produto de sua época e de sua sociedade.

Antonio Candido (2000) diz que é o entrelaçamento entre a literatura, o escritor, a sociedade e a história que possibilita o surgimento da interdisciplinaridade, que vai servir de reflexão sobre as relações culturais na literatura. Para o teórico, a função social da literatura pode ser vista como expressão de identidade cultural. Logo, torna-se pertinente refletirmos sobre o que é “cultura” e qual sua relação com a sociedade. Podemos entender o termo como uma diversidade que explica a pluralidade existente nas sociedades humanas. Algo que o homem adquire e cultiva, um complexo padrão de comportamento que envolve crenças. A partir daí, Candido (2000) recorda que, em vista de que a literatura é um ato social na representação da cultura de um povo, é imprescindível situarmos autor e obra em seu tempo. Assim, buscamos, por base nas palavras de Antonio Candido, analisar a literatura de Eça de Queiroz como homem de seu tempo.

Segundo o teórico brasileiro, a obra literária é um objeto vivo, resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade. E, igualmente a outras obras de arte, ela não só nasce vinculada à certa realidade, mas também pode interferir nessa realidade, auxiliando no processo de transformação social. O artista transmite seus conhecimentos e ideias ao mundo real, de onde tudo se origina. Assim, a reação do público à obra também pode modificar as atitudes futuras do artista. Nesse sentido, entendemos que as atitudes de Eça de Queiroz mudaram ao longo do tempo. Se sua visão primeira era do europeu preconceituoso e, em seus textos, refletia as condições do colonizador e do colonizado, já a sua relação com o seu público leitor no Brasil fez de Eça um europeu mais brasileiro.

Candido afirma que a literatura desempenha um papel de instituição social e que a influência por ela exercida no receptor faz de si um instrumento poderoso de mobilização social. Antonio Candido afirma que

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre o indivíduo um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. [...] Na medida em que a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, a obra, o autor e o público, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido à realidade e à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. (CANDIDO, 2000, p. 19-33-34).

Com base nos excertos acima, podemos compreender que Eça de Queiroz apresentou uma literatura constituída de função social, em que buscava denunciar, expor, mostrar, provar e explicar tudo o que considerava errado na sociedade em que vivia. Eça de Queiroz renovou a visão da literatura e da vida através das críticas profundas que fez ao seu país e à sociedade da época. A ideia de Eça era combater a hipocrisia e foi através de seus textos que fez sua revolução. Foi por isso que ele lutou pela Literatura Realista como uma arte de denúncias.

A partir daí, para entendermos melhor sobre as ideias de Eça de Queiroz, sua relação com o Brasil e também sobre sua produção literária a respeito dos brasileiros, é necessário fazer um percurso, ainda que muito breve, sobre a trajetória literária do escritor e pelo processo pelo qual passava a literatura dessa época.

Na segunda metade do século XIX, ocorreram várias mudanças, principalmente na Europa, com um grande avanço na indústria, nas ciências naturais e humanas. Novas ideias políticas, científicas e filosóficas fizeram parte deste cenário europeu, que influenciou mudanças também na literatura da época. Nessa trajetória, surgiu uma nova escola literária – era a chegada do Realismo, que teve como desdobramento o Naturalismo. Seus principais adeptos foram Gustave Flaubert – com o romance *Madame Bovary* marcando o início do movimento –, Honoré de Balzac, Émile Zola, Guy de Maupassant, Eça de Queiroz, entre outros. O Realismo se tornou a corrente estética predominante na segunda metade do século XIX, na Europa, sendo um dos seus objetivos, conforme Saraiva (1972) confrontar os ultrarromânticos e mostrar as coisas como elas realmente são.

Não podemos perder de vista que o Realismo não é só mais um estilo entre outros. Muito pelo contrário, ele surge como escola literária bem na fase de

decadência da burguesia. Essa escola utilizou-se de determinadas fórmulas como pretexto para representar fielmente a realidade dos acontecimentos e denunciar os males da sociedade: “Por meados do século XIX, verifica-se em França uma reação contra os mitos e as ilusões da mentalidade romântica, especialmente contra certo falso idealismo e o embelezamento fantasista da realidade” (SARAIVA, 1972, p. 201).

Para Ian Watt (1990), a palavra “realismo” está primeiramente associada à escola dos realistas franceses e tem na sua origem a intenção de explicar a verdade humana, entrando em contradição com a idealidade poética presente inclusive na pintura neoclássica. A palavra foi utilizada pela primeira vez em 1835; mais tarde, em 1856, com a fundação do jornal *Realismo*, o vocábulo assumiu uma conotação literária. Após essa primeira denominação, o termo sofreu inúmeras modificações, mas o que sabemos é que o realismo dentro de uma obra é o que chamamos de mais humano, e sua tendência fez – e faz – história ao longo dos anos, sempre contrário ao idealizado. O termo “realismo” abrange também as questões próprias das experiências humanas, e não apenas relatar a vida superficialmente, conforme explica Watt:

Entretanto esse emprego do termo “realismo” tem o grave defeito de esconder o que é provavelmente a característica mais original do gênero romance. Se esse fosse realista só por ver a vida pelo lado mais feio não passaria de uma espécie de romantismo às avessas; na verdade, porém, certamente procura retratar todo o tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada, e sim na maneira como a apresenta. [...] Evidentemente tal posição se assemelha muito à dos realistas franceses, os quais dizem que, se seus romances tendiam a diferenciar-se dos quadros lisonjeiros da humanidade, mostrados por muitos códigos éticos, sociais e literários estabelecidos, era apenas porque constituíam o produto de uma análise da vida mais desapaixonada e científica do que se tentara antes. (WATT, 1990, p. 13).

É nesse contexto que Saraiva (1972) afirma que em Portugal surge a geração de 1870, um grupo de intelectuais formados em Coimbra que ascenderam à vida pública e, tomados pela inquietação do momento, deram início às primeiras manifestações das novas influências na literatura. Eles tiveram a oportunidade de entrar em contato com as correntes literárias, científicas e filosóficas mais recentes, ainda mal conhecidas em Portugal, visto que essas matrizes vinham da França. Faziam parte desse grupo, entre outros, Antero de Quental, Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, que falavam com entusiasmo sobre o Realismo na arte, defendendo a função social da literatura e ridicularizando o Romantismo.

Sob o título: *A Nova Literatura*, Eça de Queiroz palestrou sobre o tema do Realismo abordando-o como uma nova expressão da arte. Assim, combinando as ideias de Taine e de Proudhon, o escritor português defendeu a teoria de que a arte deve ser condicionada por diversos fatores, alguns permanentes como o solo, o clima e a raça; outros acidentais ou históricos como ideias e diretrizes de cada sociedade. Portanto, dentre os ideais do escritor português estava o apoio à arte e à literatura como uma função social, criticando a literatura romântica e trazendo como objetivo histórico uma nova literatura, a qual deveria ser a expressão de uma revolução. Segundo Eça de Queiroz, nas palavras de Saraiva (1972), o Realismo se propõe a essa nova arte.

Na Geração de 70, surge a Questão Coimbrã, que, de acordo com Saraiva (1972), foi um dos primeiros sinais da revolução literária ideológica do século XIX, ocorrido entre o novo espírito científico europeu e o velho sentimentalismo ultrarromântico. Os jovens pertencentes à Geração de 70 revoltaram-se contra o atraso cultural do país, uma vez que a sociedade se caracterizava pela falta de avanços na cultura e pela crença em falsas esperanças deixadas pelo Romantismo. Baseando-se no que já acontecia na França, esse grupo de jovens escreveu textos e organizou reuniões, a fim de mudarem a atitude nacional:

O grupo Coimbrã reencontra-se em Lisboa, nos anos decisivos de 1870-1871, e agrega a si novos elementos, como Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, recém-convertido à nova escola literária, Guilherme de Azevedo e outros. Antero de Quental [...] é também desta vez o chefe do grupo. Desta conjugação de esforços nascem *As Farpas*, redigidas, na primeira fase, por Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz e que se apresentam como uma sátira do “mundo oficial, constitucional, burguês, proprietário, doutrinário e grave”, e nascem, por outro lado, as “Conferências Democráticas”. (SARAIVA, 1972, p. 205).

Essas “Conferências Democráticas” ficaram conhecidas como “Conferências do Casino” por serem realizadas no Casino Lisboense. Saraiva (1972) diz que elas tinham a função de divulgar algumas ideias mais recentes e algumas aquisições das ciências contemporâneas, ainda desconhecidas em Portugal. Porém, isso causou muito atrito entre esses jovens e o sistema de poder da época:

Em uma das primeiras conferências, retomando e desenvolvendo uma tese de Herculano, Antero atribuiu a decadência dos povos peninsulares à Contra-Reforma e ao espírito guerreiro alimentado pelas conquistas do ultramar. Noutra, Eça de Queiroz, falando sobre “o realismo na arte”, defende a função social da literatura, ridicularizando o romantismo. Quando estava sendo anunciada uma conferência sobre “os historiadores críticos de Jesus”, o

governo mandou encerrar a sala das conferências, dando lugar a uma onda de protestos na imprensa e no parlamento. (SARAIVA, 1972, p. 25-26).

Tamanha foi a repercussão dessas Conferências que elas acabaram por alcançar dimensões políticas e sociais: visto que eram compostas por um grupo de intelectuais revolucionários, as autoridades ainda dedicaram-lhe uma atenção especial. Resultou, então, em um fechamento compulsório por ordem do ministro do reino, Antônio José de Ávila. Consoante Saraiva (1972), as conferências foram acusadas de subversivas e adeptas da comuna após os ataques aos jornais conservadores.

Como podemos perceber até aqui, Eça de Queiroz foi um revolucionário que brigou por uma nova literatura, pois não se sujeitava mais à idealização dos românticos. D'Onofrio (1997) fala que, na verdade, o Realismo sempre existiu, mesmo em autores anteriores ao século XIX, mas o que mudou foram os graus e o tipo de Realismo. Conforme o autor:

Em Portugal, emerge a figura grandiosa de Eça de Queiroz (1845-1900), o maior escritor português da escola realista. Suas melhores obras de ficção são: *O Crime do Padre Amaro*, em que retrata a lascívia, a hipocrisia e a insensibilidade humana do clero de sua época; *O Primo Basílio* onde ataca o falso moralismo da sociedade burguesa, focalizando particularmente as causas psíquicas e ambientais que induzem a protagonista Luísa ao adultério, *Os Maias*, parte de um projeto inacabado de descrição da totalidade social através de romances e seriados (o nome do programa era *Cenas da Vida Portuguesa*), seguindo o exemplo de Balzac. Além de romancista, Eça foi também um ótimo escritor de contos. Um deles, *Singularidades de uma rapariga loura*. (D'ONOFRIO, 1997, p. 388-389).

Quando Eça de Queiroz estreou nas Letras com seus escritos num estilo novo, causou muita estranheza em Portugal. Num primeiro momento, Eça não foi muito aceito, pois seu estilo gerou uma incompreensão até mesmo de seus contemporâneos, ainda tão habituados à ferramenta retórica dos franceses de 1830. Saraiva (1972) afirma que isso acontecia porque o escritor tinha um olhar à frente de seu tempo. E com a figura de Eça e suas ideias revolucionárias é que, enfim, começava o tão esperado grito da independência de Portugal na literatura:

O grande esforço de actualização formal da literatura portuguesa, de substituição dos cansados lugares-comuns românticos por um novo material de imagens e por novas combinações vocabulares, deve-se a um prosador, José Maria Eça de Queiroz (1845-1900).[...] Eça de Queiroz introduziu na literatura portuguesa a influência dos românticos de inspiração germânica, como Michelet, Gerard de Nerval e Heine, e já a de Baudelaire; introduziu um caudal de imagens audaciosas, inesperadas, e uma língua nova, muito

afrancesada, tudo isso a pretexto de um misticismo panteísta que transfigurava e antropomorfizava a natureza. (SARAIVA, 1972, p. 209-210).

Para Saraiva (1982), Eça de Queiroz era um homem que não temia enfrentar a sociedade portuguesa da época e via na literatura uma ferramenta importante para denunciar as mazelas de uma sociedade em decadência. Para Eça a literatura deveria ser vista como uma verdadeira função social, para ajudar a melhorar a condição da vida humana. O escritor manteve-se fiel aos seus princípios, escrevendo uma série de romances, iniciando com *O Crime do padre Amaro*, seguindo com *O Primo Basílio* e continuando com *Os Maias*, entre outros. Esses romances constituem, no conjunto, um inquérito a vários aspectos da sociedade portuguesa. “O ponto de vista sociológico em que Eça se colocava a partir de 1870 permite-lhe encetar um largo inquérito da nossa vida social até hoje realizado metódica e sistematicamente” (SARAIVA, 1982, p. 117) Sobre isso Saraiva ainda vai dizer que:

Na sua conferência no Casino, além de fazer a crítica do romantismo sob o aspecto formal, procurou definir o papel moral e social do artista, que, segundo Eça, consistia em retratar objectivamente a realidade social com o fim de contribuir para o melhoramento dessa mesma realidade foi notada a sua frase (abaixo os heróis), que resume uma das noções básicas do romance realista: (o homem é um resultado, uma conclusão e um produto das circunstâncias que o envolvem). O romancista deveria, conseqüentemente, relatar não o individual e excepcional, mas sim o caso típico de uma instituição ou de um meio. (SARAIVA, 1972, p. 210).

Concordando com as ideias de Saraiva, Vianna Moog, um dos escritores brasileiros que mais estudou a biografia de Eça de Queiroz, também vê o escritor português como um homem à frente de seu tempo. Na sua obra *Eça de Queiroz e o século XIX* (2006), Moog diz que nenhum de seus colegas jamais imaginaria que “daquele rapaz tímido e franzino haveria de sair uma das figuras mais representativas do século XIX” (MOOG, 2006, p. 74). Para Moog, foi a Questão Coimbrã que constituiu uma grande oportunidade para Eça de Queiroz e para todos os jovens do grupo. Porém, foi Eça quem mais deixou-se impregnar pela essência dessa questão:

Ela é que lhe fecundou a inteligência com as suas ideias fundamentais [...] nos seus arrebatamentos é que se convence de que a sua geração cabe o dever de reerguer Portugal da apatia e incorporá-lo ao movimento do século XXI. Para consegui-lo tudo deve ser movimentado, até a arte, apesar dos seus *intermezzos* de arte de pura ficção, dominá-lo-ia toda a vida. [...] (MOOG, 2006, p. 75).

Moog também diz que Eça de Queiroz tinha tamanha confiança nas possibilidades do século e que, com todos os seus esforços, haveria de realizar a sua

maior conquista: “incorporar o seu retrógrado Portugal à grande marcha do tempo” (MOOG, 2006, p. 75). Como podemos observar nas palavras de Moog, o verdadeiro desejo de Eça – desejo marcado por uma trajetória de contínuas rivalidades e lutas na literatura – era tão somente ver o seu velho Portugal acordar no tempo e sair do atraso em que há muito o mantinha adormecido. Vianna Moog ainda afirma que:

Por tudo isso é que nenhum escritor português seria mais caracteristicamente século XIX. Nenhum mais representativo, mais identificado com a alma de sua época, mais absoluta e irrestritamente integrado no espírito do seu tempo. Em sua obra repercutiram todos os acontecimentos, todas as revoluções, todas as revelações da passada centúria. Basta passar em revista, num ligeiro confronto, os homens, os fatos e as ideias do século XIX, com os homens e os fatos e as ideias que passam e repassam em seus livros, para verificar até que ponto ele se deixou deslumbrar pelos feitos dos seus contemporâneos. (MOOG, 2006, p. 75).

De acordo com Moog, foi Eça de Queiroz o escritor que mais se preocupou com o dever de produzir uma literatura que tivesse um papel moral e social, que retratasse objetivamente a realidade. Também foi o escritor que mais soube representar na sua literatura as ideias e os acontecimentos que repercutiram no século XIX. Moog conclui com a seguinte afirmação:

No conjunto de sua obra viveria somente o século XIX, nos seus aspectos predominantes, nos seus defeitos, como nas suas virtudes, e até nos seus transitórios desfalecimentos. Do século XIX vir-lhe-ia o cientificismo, o naturalismo, a irreligiosidade, o gosto pelos problemas psicológicos e sociais. Desde o narcisismo, o orgulho da razão, o materialismo, a suficiência, a fatuidade, o cinismo, o satanismo, a leviandade, a ligeireza, a procura desesperada da originalidade, a falta de originalidade, a arrogância, a paixão pelo bizarro, o dandaísmo e, no seu acaso, o grande desencanto do fim. (MOOG, 2006, p. 76).

Por fim, o grupo de estudantes que integrou a Geração de 70, fundador da Questão Coimbrã, que brigou por um espaço a fim de dar voz às suas ideias, como as “Conferências do Casino”, acabou se dispersando e seguindo rumos diferentes na vida. Alguns no futuro até se encontrariam e saudosamente fundariam um grupo intitulado “Os Vencidos da Vida”. Eça de Queiroz faz parte desse grupo quando chega ao consulado de Paris: “Nomeado Cônsul em Paris (1888-1900), integra o Grupo dos Vencidos da Vida, que reunia os principais intelectuais do país – o vencidismo seria uma posição mais intelectual, segundo Eça de Queiroz” (ABDALA JUNIOR, 2000, p. 96).

Ao traçar um pequeno percurso da literatura de Eça de Queiroz até aqui, na tentativa de trazer as ideias do escritor e o que ele esperava da nova literatura que

se iniciava, mostramos também seu comportamento e atitudes característicos de um desejo constante de superação e evolução por parte de seu Portugal. Sobre isso, Eduardo Lourenço, em sua obra *O Labirinto da Saudade*, faz uma reflexão em que se percebe a importância de Eça de Queiroz para a História de Portugal e para a literatura portuguesa. Podemos dizer que Portugal tem em Eça um dos seus filhos mais ilustres.

De todas as interpretações da realidade nacional da geração de 70 – e acaso do século e de sempre [...] – a mais complexa, a mais obsessiva, ardente, fina e ao fim e ao cabo a mais bem sucedida, por mais adequada transposição mítica, sentido da realidade e criação de imagens e arquétipos ainda de pé, é sem dúvida a de Eça de Queiroz. [...] A um Portugal rude, provinciano, analfabeto, a uma capital *mimética*, indolente, medíocre de fazer chorar as pedras, os jovens Eça e Ramalho pretenderam ensinar-lhe tudo – mesmo o que não sabiam – transformar um e outra numa espécie de pequena França que os não envergonhassem nem de que eles se envergonhassem. (LOURENÇO, 1982, p. 102-103).

Assim como na Europa, o Realismo/Naturalismo também chegou ao Brasil num clima de mudanças. O país passava por diversos acontecimentos, alterando a vida dos brasileiros: a fundação do clube republicano, a questão religiosa e a militar, a abolição e o fim da monarquia. Mas, segundo Merquior (1976), o romance realista custou a penetrar na literatura brasileira e foi com muito atraso que essa nova literatura foi adotada no Brasil. Para alguns críticos, isso se deu pelo alheamento à visão de mundo e pela condição em que o próprio país se encontrava. Merquior ainda afirma que a ficção nacional parecia estar hipnotizada pelo triunfo da prosa indianista e ficava alheia às novas ideias e condições de vida suscitadas pelo progresso científico e industrial do século XIX:

O romance realista – a dissecação impassível das biografias ordinárias, dos destinos comuns e anti-heroicos – não chegou a penetrar na literatura brasileira. Na estreia de Flaubert, a ficção nacional estava hipnotizada pelo triunfo da prosa indianista: *O guarani* é um ano mais novo que *Madame Bovary* (1856). Foi o romance naturalista à Zola, que trocou a objetividade esteticista de Flaubert pela análise de pretensões científicas, que constituiu, entre nós, a primeira manifestação de peso de um estilo pós-romântico. (MERQUIOR, 1976, p. 108-109).

Para Merquior, os escritores brasileiros deveriam fazer uma literatura de consciência sociológica, pois essas mudanças já aconteciam em toda Europa e só o Brasil ainda estava preso às amarras do Romantismo. Merquior ainda vai dizer que “atualizar a nossa consciência sociológica significava, porém, romper com a mitologia indianista” (MERQUIOR, 1976, p. 110).

É nesse contexto que surgem as críticas de Eça de Queiroz em relação ao

Brasil, uma vez que o escritor já fazia uma literatura denunciando os males da sociedade portuguesa. Eça sinalizava para que o Brasil se adequasse a essa nova literatura, pois era necessário despertar para uma literatura de cunho mais social. Algo que refletisse o retrato da sociedade em que vivíamos, retratando, sobretudo, uma identidade nacional, pois a escola Realista, como vimos, surgia justamente para acabar com a literatura idealizada.

Arnaldo Faro em *Eça e o Brasil* (1977), assinala que essas críticas de Eça em relação ao Brasil foram inscritas no seguinte quadro: o autor teria zombado cruelmente do imperador; teria se referido aos brasileiros do Brasil (e não aos “brasileiros”, ou seja, os portugueses que voltavam a Portugal depois de terem enriquecido no Brasil) entre outras coisas menos lisonjeiras, que eram maridos enganados; mais tarde, ao publicar esse artigo em volume, o teria deliberadamente alterado, de modo a lhe modificar o alvo, que passou a ser o “brasileiro”, isto é, o português “torna-viagem”; teria sido Eça, por fim, e não Ramalho, o autor da “Carta ao presidente da Província de Pernambuco”, epístola de tom inegavelmente áspero, aparecida no fascículo de julho-agosto, 1872, de *As Farpas*, e que Eça teria deixado, intencionalmente, de incluir em *Uma campanha alegre* (FARO, 1977, p. 66).

Na maioria das vezes, essas críticas de Eça de Queiroz não foram bem aceitas pelos intelectuais brasileiros da época, verificando-se uma certa animosidade em suas relações com o Brasil. É comprovado que o escritor português tinha um grande público leitor no nosso país – muitos liam o que Eça publicava, inclusive a nossa crítica literária, formada pelos intelectuais brasileiros da época, não muito simpatizantes com o escritor português. Conferimos o tom irônico que Eça de Queiroz responde a uma das críticas feita por Machado de Assis, em uma nota, na segunda edição da obra *O crime do Padre Amaro*: “Aproveito este momento para agradecer à Crítica do Brasil e de Portugal a atenção que ela tem dado aos meus trabalhos. Bristol, 1 de janeiro de 1880” (QUEIROZ, s/d¹³, p. 10).

Verificamos que durante muito tempo a figura de Eça de Queiroz foi um tanto controvertida no Brasil. Embora o escritor tivesse um público leitor expressivo, a intelectualidade brasileira de um determinado período sempre torceu o nariz para a pessoa de Eça, justamente apartir das crônicas de *As Farpas*. Em um dado momento no Brasil, assim como aconteceu em Portugal, Eça vai causar um certo estranhamento

¹³ Lê-se “sem data”.

na nossa crítica literária. Um dos motivos, evidentemente, foi por conta de textos em que Eça registrava o que ele entendia por brasileiro.

A partir daí, sublinhamos o fato de que o escritor português teve dois momentos distintos em relação ao Brasil. O primeiro, com Eça sendo influenciado por temas literários da época, mostrando um brasileiro muito caricaturizado em seus escritos – o que, inclusive, gerou várias polêmicas em relação aos muitos textos que ele escreveu sobre a imagem do Brasil e do brasileiro. O segundo momento, com um Eça mais maduro, ou seja, com um escritor que vê a literatura e a cultura do Brasil presas às matrizes europeias de 1830, ainda hipnotizado pelo atraso do Romantismo. Percebe-se, então, que Eça de Queiroz constrói suas críticas por um viés mais social, pois, assim como em sua juventude lutou para seu Portugal sair do atraso em que vivia, agora chamava a atenção para o mesmo problema constatado por ele no Brasil. Muitos anos depois, outros escritores do Modernismo no nosso país também viriam a refletir sobre essa literatura verdadeiramente brasileira.

Contudo, é válido dizer que essas questões do nacional, presentes na raiz de muitas dessas divergências entre os dois países, estão relacionadas também com a tentativa de desvinculação que o Brasil queria ter de Portugal – ou seja, uma independência também no ponto de vista intelectual. Como o Brasil não tinha como inventar uma cultura, visto que ainda não tinha tradição cultural suficiente para fazer isso, mas como também não queria ser português em função das relações de colonização, adaptou-se ao modelo francês. Isso durante muito tempo não foi possível, porque nossas primeiras fontes eram portuguesas. Em um dado momento, houve a rejeição da literatura portuguesa de um modo geral e isso também contribuiu para aquele primeiro momento em que Eça de Queiroz não foi bem aceito pela crítica brasileira. O escritor português também teve que lidar com essas questões.

Para além dessas querelas que os textos de Eça sobre o brasileiro criaram no Brasil, é importante lembrar que a relação colonizador e colonizado também interferiu no processo de aceitação da literatura do escritor português pelos críticos brasileiros da época. Essas relações entre Brasil e Portugal, a partir de um determinado momento, sempre foram muito polêmicas. Isso vem desde o século XIX, principalmente quando, na tentativa de buscar se desvencilhar dos portugueses, nossa literatura passa a ter um vínculo maior com a literatura francesa. Houve uma negação do modelo da literatura portuguesa, pois o exemplo agora eram as matrizes francesas. A França era considerada o grande centro cultural do mundo no século XIX

até o início do século XX, portanto, toda a elite brasileira passava a ler a literatura francesa. A maioria de nossos escritores foram tradutores dos franceses. A própria literatura de Eça de Queiroz vinha dessas matrizes.

Se verificarmos os textos dos intelectuais brasileiros que escrevem na década de 1920 e 1930, veremos que as citações são todas dos autores franceses – Balzac, Zola, Flaubert, entre outros – mas não de autores portugueses. Era como se Portugal não fizesse parte da nossa história. A crítica brasileira dessa época começa a ver a literatura portuguesa com uma certa indiferença, valorizando mais as fontes francesas como acontecia também em toda Europa. Assim, como bem vimos nas palavras de Eduardo Lourenço, o Brasil começa a vivenciar suas próprias mitologias.

Quando os brasileiros optaram pela literatura francesa, foi porque queriam matar o pai português naquele momento. E foi o que o Brasil fez, cometeu o tal parricídio já tão citado por Eduardo Lourenço. Mais tarde, a partir dos anos 40, quando essa questão do nacional deixou de ser tão visada, os rumos começaram a mudar, com Eça de Queiroz passando a ter o reconhecimento canônico no Brasil.

Logo, percebe-se que nessa trajetória há uma grande analogia entre as relações Brasil/Portugal e a aceitação da literatura portuguesa, bem como do escritor português, pela crítica brasileira da época. Se no primeiro momento Eça de Queiroz tinha essa visão muito crítica em relação ao brasileiro, depois, buscou amenizar tais animosidades e fazer as pazes com o nosso país. Assim, Eça passa a ter o verdadeiro reconhecimento canônico no Brasil, conquistando a todos pelo caráter irônico e pelo tom de humor bem peculiar de sua obra, características que agradaram sobremaneira o público leitor no Brasil. O crítico brasileiro Miguel Mello, ao analisar a obra de Eça de Queiroz, observou que a ironia constituiu um elemento fundamental na produção queiroziana, tendo em vista que por meio desse recurso crítico o autor conseguiu atingir em profundidade “uma sociedade em desmantelo” (MELLO, 1911, p. 12).

É inegável a presença do Brasil e do brasileiro na ficção de Eça de Queiroz, porém, é pertinente dizer que esse tema era recorrente nas narrativas portuguesas, como afirmou Guilhermino Cesar (1969), quando disse que, muito antes de Eça de Queiroz escrever sobre o brasileiro, outros escritores já usavam essa figura como caricatura do ridículo. Não foi Eça que adotou essa escrita, muito pelo contrário: foi Eça de Queiroz o escritor quem tentou amenizar essa imagem do brasileiro no imaginário literário português. Entretanto, não podemos esquecer que o escritor também era europeu. Eça gostava do Brasil, pois seu público leitor era fiel e isso lhe

trazia rendas.

Em concordância com Guilhermino Cesar, Carlos Reis (2011) ainda afirma que alguns escritores sempre tentaram dar destaque ao brasileiro e ao Brasil, atribuindo-lhes outras feições. No entanto, aquele estereótipo romântico e preconceituoso em que, por vezes, cristalizara-se o brasileiro de torna-viagem, agora passa a receber uma revisão mais realista, em que todos os seus defeitos e o que mais era tido como negativo nesse “tipo” passam a ser suavizados. Carlos Reis também afirma que foi Eça de Queiroz quem primeiro notou essa mudança, destacando o assunto num texto admirável, quando o amigo Luiz de Magalhães publicou o romance *O brasileiro Soares*. Diz o prefácio, escrito por Eça de Queiroz, em 1886:

V. portanto, indo buscar o *brasileiro* a esses limbos da caricatura disforme para o fazer reentrar na natureza, e na partilha comum do bom e do mau humano; revestindo-o, pela verdade observada, de todas as excelências morais de que o despira, sistematicamente, a calúnia romântica; mostrando no antigo tipo do Bruto a possível existência do Santo – executou uma verdadeira reabilitação social. V. desabrasileirou o *brasileiro*, humanizando-o: e como todo aquele que, com um tranquilo desprezo das convenções, faz uma obra de Verdade. V. elevou-se sensivelmente a esse feito mais raro e melhor, que se chama uma Boa Ação. (QUEIROZ, 2000, p. 1809).

Não podemos esquecer que, desde o tempo da emigração portuguesa, como visto no capítulo anterior, o “brasileiro de torna-viagem” se tornara herança dessa emigração, adentrando o imaginário literário português, ainda que o *brasileiro* fosse sempre visto com um olhar depreciativo por escritores portugueses. Até a metade do século XIX, ele era o indivíduo das classes mais pobres de Portugal, que conseguia fugir ao seu meio para tentar sorte no exterior e fazer fortuna. Embarcar para o Brasil era uma opção; porém, quando retornava, o emigrado era chamado de “brasileiro”.

Na esteira dessa reflexão, Carlos Reis (2011) diz que já existem aspectos que fazem parte do imaginário literário português e, quando se trata do Brasil, um deles é o brasileiro como personagem da literatura, ressaltando-o como o torna-viagem. Ou seja, é o português que leva a sua rudeza campesina na bagagem para o Brasil, mas traz consigo, no regresso à “terrinha”, alguma coisa como o sotaque dos lugares exóticos que conheceu. Carlos Reis ainda afirma que esse tema do torna-viagem na literatura já está um tanto quanto ultrapassado, tendo em vista que depois dele outros emigrados também regressaram. Segue a reflexão do pesquisador

especializado nos estudos queirozianos:

Não se dirá que é este o imaginário do Brasil que nos nossos dias conhecemos. Tendo sido glosado *grosso modo* na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, ele pode dizer-se hoje ultrapassado por outros motivos de tematização literária. Depois da emigração para o Brasil, a emigração portuguesa alargou-se a outras partes do mundo, com outras idiosincrasias, recortadas em diferentes cenários económico-sociais. (REIS, 2011, p. 91).

Verifica-se, então, a partir do excerto acima, que há um fenómeno no regresso a Portugal, uma espécie de estigmatização que o indivíduo sofre quando volta à terra de origem (vide os retornados da África portuguesa nos anos 1970). Porém, nossa análise discorre pelo viés da literatura do século XIX. Portanto, apresentaremos um dos textos que Eça de Queiroz escreveu sobre o brasileiro. Trata-se de um escrito não ficcional, uma das crônicas de *As Farpas* (1871-1872).

Lembramos que tudo indica que o assunto era somente sobre uma visita de D. Pedro II à Europa, mas Eça resolveu estendê-lo e relacionar ao brasileiro. Isso já aponta a ideia da necessidade do escritor em estabelecer uma aproximação, ou um distanciamento, dessas duas identidades: Brasil/Portugal. Seguramente, foi um dos seus textos mais polêmicos e, sem dúvida alguma, o mais duro, chegando até mesmo a ser cruel. Mais tarde, o escritor português vai reescrever esse mesmo texto, retratando-se com os brasileiros. Segue um trecho do primeiro texto, datado de novembro de 1871:

Há longos anos o *brasileiro* é entre nós o tipo de caricatura mais francamente popular. Cada nação tem assim um personagem típico, criado para o riso público. [...] Nós temos o brasileiro: grosso, trigueiro com tons de chocolate, modo ricaço, arrastando um pouco os pés, burguês como uma couve e toscos como uma acha, pescoço suado, colete com grilhão, chapéu sobre a nuca, guarda-sol verde, a voz fina e adocicada, ar desconfiado, e um vício secreto. É o brasileiro: ele é o pai achinelado e ciumento dos romances satíricos: é o gordalhufo amoroso das comédias salgadas: é o figurão barrigudo e bestial dos desenhos facetos: o maridão de tamancos, traído, - das epigramas [...]. Nenhuma qualidade simpática e de fino relevo se supõe no *brasileiro*: não se lhe supõe espírito, como não se supõe aos negros corredios cabelos louros; não se lhe supõe coragem, eles são na tradição popular, como aquelas abóboras de agosto que sofrem todas as soalheiras da eira [...] tudo o que se respeita no homem é escarnecido aqui no *brasileiro*; trabalho, tão santamente justo, lembra nele, com riso, a venda da tapioca numa baiúca de Pernambuco; o dinheiro, tão humildemente servido, recorda nele, com gargalhadas, os botões de brilhantes nos coletes de pano amarelo; a pobreza, tão justamente respeitada nele é quase cômica e faz lembrar os tamancos com que embarcou a bordo do patacho *Constância*, e os fretes de café que carregou para as bandas de Tijuca [...] Pois bem! É uma torpe injustiça que seja assim. E nós os portugueses fazemos ficiosamente mal em nos rirmos dele, os brasileiros! Por que, enfim, eles vêm de nós! As suas qualidades tiveram o seu germe nas nossas qualidades. Somente neles alargaram, floresceram,

cresceram, frutificaram: em nós estão latentes e tácitas. O Brasileiro é a expansão do Português. (QUEIROZ, 2000, p. 910-911).

No excerto acima, é possível perceber que o escritor português faz uma profunda reflexão acerca da identidade portuguesa e das relações culturais luso-brasileiras. Com a independência do Brasil, Portugal perdeu parte de sua extensão, ainda que simbólica, e também seu prestígio enquanto colonizador, “daí a importância de se reinventar, de restabelecer sua identidade cultural” (PAREDES, 2012, p. 107). Por outro lado, o Brasil também passa por “um processo de construção da cultura nacional, “[...] Daí a importância de legitimá-lo instituindo as imagens da nova nação, da nova cultura.”¹⁴. Para Portugal, a emancipação do Brasil significou a perda da sua mais importante colônia e isso fez, segundo Paredes (2012), com que o ex-colonizador passasse por um processo de redefinição da própria identidade enquanto país, povo e cultura. Nesse período, o que estava em causa era o “movimento de mudança no quadro da demarcação da identidade”¹⁵. Conforme aponta Marçal de Menezes Paredes:

Por um lado, a fratura do Império português repercutiu uma nova compreensão acerca da cultura portuguesa, que perdia grande parte de sua extensão, simbologia e importância. [...] Devido à fratura do Império Português representada pela perda da colônia brasileira, assim como em função das importantes modificações políticas decorrentes da instalação da monarquia liberal, operou-se também em Portugal um movimento de redefinição do que se entendia por cultura portuguesa.[...] Não é casual, assim, que as gerações de intelectuais portugueses que se seguem ao período de 1822-1834 se dedicassem a problematizar a existência de Portugal como cultura. (PAREDES, 2012, p. 107-108).

Paredes (2012) fundamenta uma problematização de identidade que Brasil e Portugal estavam vivendo, “na delimitação e institucionalização da relação entre as culturas dos dois países”¹⁶. Compreendemos, porém, que ao estabelecer uma conexão entre o brasileiro de torna-viagem e o português que nunca saiu da “terrinha”, Eça joga com os sentidos, utilizando suas próprias opiniões para problematizar essa questão da identidade e da cultura desses povos. Ao colocar o brasileiro como um estereótipo, o escritor faz uma aproximação desse personagem-tipo com o português, apontando uma ligação entre os dois, o que resulta no torna-viagem sendo o estereótipo do próprio português. Ou seja, ao escrever essa crônica, não significa que

¹⁴ Ibidem, p. 107.

¹⁵ Ibidem, p. 107.

¹⁶ Ibidem, p. 106.

“Eça de Queiroz se restringe a reproduzir o brasileiro do imaginário social português [...] o que ele faz é jogar em oposição ao português que fica e, mais especificamente, ao lisboeta que fica” (TUTIKIAN, 2009, p. 137).

Uma das características desse texto é a ambiguidade, pois ao falar do brasileiro de torna-viagem o autor coloca em evidência aspectos do brasileiro nato. Para Jane Tutikian, Eça trabalha com o duplo e apresenta o brasileiro para que possa aparecer o português. Em seu artigo “A identidade pelo avesso” (2009), a autora relaciona as ideias de Machado e Pageaux para explicar questionamentos que Eça de Queiroz faz com a identidade de Portugal e também a do Brasil:

Interessante observar, porém, que, nessa crônica que serve de base a esse estudo, o Brasil só aparece para que apareça Portugal, o brasileiro só é apresentado para que se apresente o português. Quer dizer, ainda segundo pensamento de Pageaux, a imagem do Outro veicula – aqui de forma explícita – a imagem do Mesmo, quando o primeiro espelha e reflete o segundo, revelando as relações que o português da segunda metade do oitocentos – o que não saiu da capital – tem com o mundo. (TUTIKIAN, 2009, p.138).

Para além do deboche, o texto passa a ideia de Portugal como criador do Brasil, pois, segundo Jane Tutikian, ao falar sobre estereótipo, diz que mesmo de “maneira implícita, ele é, também, portador de uma hierarquia, uma dicotomia do mundo e das culturas [...] uma síntese deformante ou expressão emblemática de um sistema ideológico e cultural” (TUTIKIAN, 2009, p. 136). É importante lembrar que o estereótipo revela uma intenção de quem o cria. Não estamos dizendo com isso que foi Eça de Queiroz quem o criou, mas ele o analisa de forma muito particularizada. O estereótipo traz uma ideia já bem disseminada: a imagem de superioridade do “Eu” sobre o “Outro”. Assim, Tutikian novamente sustenta suas afirmações com base nas ideias de Machado e Pageaux, afirmando que “o estereótipo levanta o problema de uma hierarquia de culturas: ele distingue o “eu” do “outro” e, quase sempre, valoriza o primeiro em detrimento do segundo (PAGEAUX, 1981, p. 45). Seguem as ideias de Tutikian:

Importam essas colocações se atentarmos para o fato de que as grandes oposições levantadas por Eça de Queiroz, no texto de 1872, dizem respeito à cultura original, representada pelo português que não deixa a capital, vs o Outro, também português, o brasileiro, que traz consigo o estrangeiro. Quer dizer: um Outro não puro, porque resultante da assimilação ou, em última análise, um não-Mesmo/um não-Outro, que – no esforço de adaptar-se à vida no Brasil, não mais consegue adaptar-se passivamente à vida na sua pátria, como síntese das negações como é concebido, ao mesmo tempo que passa a constituir apenas uma caricatura do brasileiro nativo – termina veiculando, na essencialidade, a imagem do Mesmo. (TUTIKIAN, 2009, p.137).

Com sua subjetividade, Eça de Queiroz escreve uma crônica que pode ter infinitas interpretações, porém é inegável que a questão da identidade perpassa por todo o texto. Reconhecemos a ambiguidade desses escritos, nos quais subjaz a ideia de que o Brasil é criação de Portugal e que o brasileiro traz consigo a identidade portuguesa. Isso é perceptível porque o escritor de *As Farpas* aponta o brasileiro como a expansão do português.

Muitos teóricos defendem a ideia de que se trata tão somente do brasileiro de torna-viagem e não do brasileiro nativo. Mas Eça reforça sua afirmação, dizendo: “Pois bem: eis aí. O Brasil é Portugal – dilatado pelo calor” (QUEIROZ, 2000, p. 912). Não se trata mais da identidade do brasileiro, mas sim a do próprio Brasil. Aqui desaparece a ambiguidade e sua afirmação torna-se objetiva. Como já dissemos, Eça trabalha com o duplo e, para o Brasil aparecer como criação de Portugal, ele precisa mostrar o torna-viagem de modo a fazer um jogo de sentidos: “Eis o formidável princípio – o brasileiro é o português desabrochado [...] e o português é o brasileiro encolhido”¹⁷. Jane Tutikian diz que “o que Eça de Queiroz faz “é mostrar a identidade pelo avesso do avesso” (TUTIKIAN, 2009, p. 139). É através desse personagem-tipo da época que o escritor português põe em choque a identidade e a cultura de Portugal. “Quer dizer: o aparente comprometimento com a imagem do Outro inscreve a reflexão sobre a identidade cultural do Mesmo, apontando para uma consciência crítica acerca de determinadas práticas culturais”¹⁸. Eça de Queiroz ainda afirma:

Portanto, quando nos rimos dele – intentamos a nós mesmos um processo terrível. No inverno a pavide contém a abóbora; mas quando a abóbora cresce no verão é ela que contém a pavide. Nós cá contemos o brasileiro; mas ele depois, no Brasil, cresce, alarga, abre em fruto, e nós ficamos-lhe dentro. (QUEIROZ, 2000, p. 913-914).

Em conformidade com Jane Tutikian, Maria Aparecida Ribeiro, outra estudiosa das narrativas portuguesas, também fala dessa ambiguidade instaurada no texto de Eça, em que ora remete ao português que nunca saiu de Portugal, ora apresenta o torna-viagem, ora é o brasileiro nato. Segue o olhar que Ribeiro dá à crônica:

¹⁷ Ibidem, p. 912.

¹⁸ Ibidem, p. 139.

A farpa divide-se em quatro partes: a primeira recapitula o que faz a literatura da imagem do brasileiro e a repercussão desta figura: a segunda desenvolve a tese de que o brasileiro é o “português desabrochado”, pois as suas extravagâncias seriam do português se ele vivesse ao sol; na terceira parte, mostrando que, se o brasileiro tem defeitos, o português não fica atrás, conclui: “ E que esta visita do imperador seja traço justificador, sólido e unido – que ligue os dois corações – o coração onde se bate o amor da orelheira e o coração onde pulsa a paixão da tapioca. São dignos um do outro”. A quarta e última parte desta farpa tenta recompor as relações com o brasileiro, embora reafirme a ambigüidade instaurada: o brasileiro é um objeto de riso e prazer, pelos seus doces e papagaios (o que remete ao brasileiro de origem), mas um objeto útil, pelas divisas que traz (o que remete ao torna-viagem). O último parágrafo parece separar os dois conceitos: o brasileiro (de origem), que “recebe regimento”, e o brasileiro (torna-viagem), português ávido que explora. (RIBEIRO, 1995, p. 142).

Importante lembrar que a ambigüidade desse texto causou um certo mal-estar entre as duas nações envolvidas, pois, no Brasil, entendeu-se que se tratava do brasileiro nato e o escrito foi recebido como deboche e desrespeito para com os brasileiros. Na época, houve uma grande polêmica, ocasionando protestos contra o autor do texto e, conseqüentemente, contra a comunidade portuguesa no Brasil. Atos de violências foram cometidos principalmente em Pernambuco, e isso não foi bom para a imagem do escritor português aqui no Brasil.

Segundo Carlos Reis (2011), Eça tinha presente em sua ficção artigos jornalísticos do “brasileiro” que era o emigrante português. Esse tipo fazia parte do momento histórico, como já dito antes; por conseguinte não poderia nem deveria se ausentar da literatura. No entanto, Carlos Reis afirma que Eça de Queiroz, mesmo que talvez tardiamente, tentou, de forma diplomática, retratar-se com os brasileiros:

[...] isso não impediu que o grande romancista português tenha tentado, quase sempre de forma enviesada ou tardia, proceder a uma refiguração valorativa do brasileiro. [...] Aconselhavam-no a isso as suas relações literárias com o Brasil, sobretudo através da *Gazeta de Notícias*, jornal em que Eça longamente colaborou. É conhecido o episódio da revisão (e correção) da “farpa” composta por ocasião da visita do imperador D. Pedro II a Portugal, texto que reaparece com outra feição no volume *Uma Campanha Alegre*. (REIS, 2011, p. 89-96).

Assim sendo, pretendemos trazer algumas das tentativas do escritor português para retratar-se com o Brasil. O autor de *O Crime do Padre Amaro* reedita a crônica sobre o brasileiro e essa correção é publicada em *Uma Campanha Alegre* (1872). O texto que outrora aparecia em uma edição de *As Farpas* para espetar, agora reaparece com outra feição. Percebemos que, ao apontar o brasileiro nessa reedição, Eça de Queiroz se antecipa explicando que se trata do torna-viagem, e não o brasileiro

nato. Com isso, Eça tenta se legitimizar das acusações e continuar com seu prestígio aqui no nosso país:

Há longos anos o *brasileiro* (não o brasileiro brasílico, nascido no Brasil – mas o português que emigrou para o Brasil e que voltou rico do Brasil) é entre nós o tipo de caricatura mais francamente popular. Cada nação possui assim um tipo criado para o riso público. [...] Nós temos o brasileiro: grosso, trigueiro com tons de chocolate, pança ricaça, joanetes nos pés, colete e grillão de ouro, chapéu sobre a nuca, guarda-sol verde, a vozinha adocicada, olho desconfiado, e um vício secreto. É o brasileiro: ele é o pai achinelado e ciumento dos romances românticos: o gordalhufo amoroso das comédias salgadas: o figurão barrigudo e bestial dos desenhos facetos: o maridão de tamancos, sempre traído, de toda boa anedota. Nenhuma qualidade forte ou fina se supõe no *brasileiro*: não se lhe imagina inteligência, como não se imaginam negros com cabelos louros; não se lhe concede coragem, ele é na tradição popular, como aquelas abóboras de agosto que sofrem todas as soalheiras da eira [...] tudo o que se respeita no homem é escarnecido aqui no *brasileiro*. O trabalho, tão santamente justo, lembra nele, com riso, a venda da mandioca numa baiúca de Pernambuco; o dinheiro, tão humildemente servido, recorda nele, com gargalhadas, os botões de brilhantes nos coletes de pano amarelo; a pobreza, tão justamente respeitada nele é quase cômica e faz lembrar os tamancos com que embarcou a bordo do patacho. *Constância*, e os fardos de café que carregou para as bandas de Tijuca [...]. Pois bem! É uma injustiça que assim seja. E nós os portugueses que cá ficamos não temos o direito de nos rirmos dos *brasileiros* que de lá voltaram. – Por que, enfim, o que é o Brasileiro? É simplesmente a expansão do Português. (QUEIROZ, 2000, p. 839-840).

É possível observar que houve poucas mudanças nesse texto reeditado. Certamente, Eça tenta uma retratação, mas a ambiguidade do primeiro texto permanece no segundo, como podemos perceber ao final do excerto, quando o escritor faz certo questionamento: “Por que, enfim, o que é o Brasileiro? É simplesmente a expansão do Português” (QUEIROZ, 2000, p. 839-840). O escritor permanece com o duplo sentido, inclusive com ideias resultantes da relação colonizador e colonizado. Não podemos esquecer que nessa época ainda existia uma antipatia mútua por parte dos dois países. Esse sentimento já vinha desde o tempo em que se tratava da metrópole e da colônia, e que depois se seguiu como uma condição natural do histórico da dominação.

Outro acontecimento importante sobre as relações de Eça de Queiroz com o Brasil foi o de o escritor português ter sido aprovado em primeiro lugar em um concurso diplomático realizado pelo Ministério dos negócios estrangeiros de Portugal. Esse concurso lhe garantia o cargo de Cônsul no Brasil, mas Eça nunca o ocupou, já que a função foi atribuída ao candidato classificado em segundo lugar. De acordo com Lyra (1964), uma das versões que repercutiu na decisão tomada pelo Ministério justificava-se pelo fato de que o segundo candidato vinha de uma das famílias mais

ilustres de Portugal. A outra versão, era pelo fato de Eça de Queiroz ter agitado as Conferências do Casino com sua posição revolucionária. Eça de Queiroz não chegou a ser nomeado cônsul no Brasil, mas sua carreira diplomática fez com que fosse cônsul Português em Havana, Inglaterra e Paris.

Um episódio que também é válido lembrar foi a rivalidade que existiu entre os escritores Eça de Queiroz e Machado de Assis. De certo modo, sempre houve no âmbito da nossa intelectualidade, ou seja, da nossa crítica literária, uma disputa que sempre apontava Machado como superior a Eça. No início, Machado criticou muito o estilo do escritor português. Essas críticas causaram muitas polêmicas na época, mas não podemos negar que também trouxeram ainda mais visibilidade para a obra de Eça de Queiroz. Porém, mesmo criticando muito a literatura do escritor português, em um primeiro momento, Machado de Assis nunca deixou de reconhecer o talento daquele que foi o seu maior “rival” literário no Brasil – importante esclarecer que essa rivalidade foi alimentada mais pelos outros do que por eles. Não podemos perder de vista que Machado sempre fez questão de afirmar que apontava suas críticas para o que ele considerava “defeitos” na obra de Eça, mas reconhecia o talento do escritor português. Durante muito tempo, os dois escritores trocaram várias farpas; entretanto, ambos se admiravam e se respeitavam, como afirma Machado ao saber da morte de Eça:

Que hei de eu dizer que valha esta calamidade? Para os romancistas é como se perdêssemos o melhor da família, o mais esbelto e o mais válido. E tal família não se compõe só dos que entraram com ele na vida do espírito, mas também das relíquias da outra geração, e, finalmente, da flor da nova. Tal que começou pela estranheza acabou pela admiração. Os mesmos que ele haverá ferido, quando exercia a crítica direta e quotidiana, perdoaram-lhe o mal da dor pelo mel da língua, pelas novas graças que lhe deu, pelas tradições velhas que conservou, e mais a força que as uniu umas e outras, como só as une a grande arte. A arte existia, a língua existia, nem podíamos os dois povos, sem elas, guardar o patrimônio de Vieira e de Camões; mas cada passo do século renova o anterior e acada geração cabem os seus profetas. (ASSIS, 2004, p. 307).

Passado algum tempo, em meados dos anos 40, quando se comemora o centenário de nascimento de Eça, é que aparece, verdadeiramente, a importância e a influência do escritor Português para a literatura brasileira. É aí que se dá o verdadeiro reconhecimento canônico do autor de *A Relíquia*.

É viável recordar também que no Brasil o escritor português fez laços de amizades muito profundos, apesar de nunca ter estado por aqui. Em *Revista Moderna*,

no ano de 1898, Eça de Queiroz dedicou um artigo elogioso a Eduardo Prado e, dessa vez, não era uma personagem quem falava, e sim, o próprio Eça que finalizava com a seguinte conclusão:

Eis aqui pois um Brasileiro, singularmente interessante, que na verdade honra o Brasil. E eu, meramente arrolando, sem as estudar, algumas das qualidades, doces ou fortes, que ele herdou da sua raça, e a que deu relevo e brilho todo seu, sinto a dupla felicidade de louvar, através de homem que tanto prezo, a terra que tanto amo! (QUEIROZ, 2000, p.1614).

É certo que houve muitos fatos que ligaram a vida de Eça de Queiroz ao Brasil, mas aqui a tentativa foi a de apontar aqueles que consideramos mais relevantes para a presente pesquisa. Assim, é válido lembrar que Eça era filho de um brasileiro, José Maria Teixeira de Queiroz. Logo, podemos entender que, segundo nos conta a mitologia, os fios que as Moiras tecem o destino de cada ser, desde o seu nascimento até a morte, já haviam entrelaçado a vida e o destino de Eça de Queiroz com o Brasil.

No que diz respeito à imagem do Brasil e do brasileiro, Eça de Queiroz só vai conseguir uma verdadeira retratação muitos anos depois, quando surge um Eça mais maduro. Esse será o que definimos nesta pesquisa como o segundo momento de Eça com o Brasil. Essa mudança está evidente em *A correspondência de Fradique Mendes*, um dos romances que servirá de análise para este trabalho e que mostraremos no capítulo seguinte.

04 – O ESTEREÓTIPO DO BRASILEIRO NA OBRA DE EÇA DE QUEIROZ: O PRIMO BASÍLIO E A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES

A literatura é um espaço de memória, e o imaginário literário lusitano sempre encontrou apoio na sua historiografia, referência para narrar os grandes feitos do império ultramarino português. A partir daí, é correto afirmar que a História das grandes navegações passa a ser contada pela visão do europeu em suas aventuras marítimas e grandes descobertas. Na obra *Os Lusíadas*, Luís Vaz de Camões já mostrava um olhar em que o diferente é visto com estranhamento, bem como podemos ver no Canto IV, estrofe 65:

Viram gentes incógnitas e estranhas
Da Índia, da Carmânia e Gedrosia,
Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região produz e cria.
Mas de vias tão ásperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia.
Lá morreram, enfim, e lá ficaram,
Que à desejada pátria não tomaram.
(CAMÕES, 2000, p. 119).

Conforme verificamos, os impulsos que levaram os portugueses às aventuras marítimas não eram apenas comerciais, pois já era de conhecimento dos europeus que existiam continentes pouco ou totalmente desconhecidos, “oceanos inteiros ainda não atravessados” (FAUSTO, 2015, p. 11), ou ainda, como disse Camões, “Mares nunca dantes navegados” (CAMÕES, 2000, p. 15). Ao se deparar com essas terras ainda desconhecidas, o europeu se viu diante de um cenário de múltiplas culturas, o que causou um certo estranhamento. Mas não foi só isso; não podemos perder de vista que o olhar do europeu em relação a essas culturas distintas tinha uma visão baseada a partir de sua própria perspectiva, ou seja, uma visão eurocêntrica, com uma postura que coloca os valores e os costumes da Europa como centro de referência, superior e verdadeira, principalmente no que diz respeito à história da colonização. O europeu, mesmo antes de chegar nessas terras longínquas, já desprezava as culturas que não estabeleciam relações com as culturas europeias. Os habitantes dessas regiões eram vistos como bárbaros ou até como monstros. Como bem explica Boris Fausto:

As chamadas regiões ignotas concentravam a imaginação dos povos europeus, que aí vislumbravam, conforme o caso, reinos fantásticos,

habitantes mostruosos, a sede do paraíso terrestre. Por exemplo, ao descobrir a América, Colombo pensava que, mais para o interior da terra por ele descoberta encontraria homens de um só olho e outros com focinho de cachorro. Viu três sereias pularem fora do mar, decepcionando-se com seu rosto: não eram tão belas quanto imaginara. Em uma de suas cartas, referia às pessoas que, na direção do poente, nasciam com rabo. (FAUSTO, 2015, p. 11).

Além da história, podemos também, através da literatura, ter conhecimento que o “diferente”, aquele que não pertence ao “mesmo” é subjugado como um ser humano menos evoluído – exemplo disso pode ser averiguado no Mito do “Bom Selvagem”¹⁹. Desta forma, ao chegar nesses territórios tão distantes e ainda desconhecidos pelos europeus, os portugueses consideraram esses povos incultos, primitivos e incapazes. Nesse sentido, com uma visão etnocêntrica, considerando sua própria cultura superior, o europeu inferiorizou a cultura desses outros povos. Assim, diante dessa grande diversidade, os portugueses viram-se com a missão de “educar” e “civilizar” aqueles povos “não civilizados”.

A partir desse olhar de superioridade sobre o “outro”, aquele que não pertence ao “mesmo”, podemos verificar que surgem os chamados estereótipos. De acordo com Homi Bhabha (1998):

A fixidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca. Do mesmo modo, o estereótipo, que é sua principal estratégia discursiva, e uma forma de conhecimento e identificação que vacila [...]. (BHABHA, 1998, p. 105).

O estereótipo, segundo Bhabha, apresenta-se como sustentação da discriminação, pois não nega somente as representações simbólicas da vida cotidiana dos sujeitos, mas a própria intencionalidade da “alteridade”. A ambiguidade do discurso colonial, o hibridismo, a diferença cultural, o “outro”, os deslocamentos de identidade são alguns conceitos abordados por Bhabha para falar sobre a alteridade. O autor se questiona sobre a escrita pautada na diferença cultural, afirmando que ela consiste “na encenação do significante colonial na incerteza narrativa do entre lugar

¹⁹O mito do “bom selvagem” tem sua origem na obra do filósofo franco-suíço Jean-Jacques Rousseau e consiste na tese de que o ser humano era puro e inocente em seu estado natural. Para Rousseau (1978), a sociedade é responsável por inculcar nele valores e hábitos que o conduzem ao conflito e aos problemas característicos do meio onde vive. (ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril, 1978).

da cultura” (BHABHA, 1998, p. 182).

Diante desse contexto, neste capítulo pretendemos fazer uma análise sobre a imagem que Eça de Queiroz confere às suas personagens nas obras *O Primo Basílio* (1878) e *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), perpassando pela identidade portuguesa e também brasileira que estava em formação. Desse modo, nossa análise centraliza-se nas personagens portuguesas Basílio de Brito e Carlos Fradique Mendes, pois ambas estiveram no Brasil. Com efeito, a figura do “brasileiro” nesses dois romances permite compreender certos questionamentos a respeito de aspectos identitários e culturais estabelecidos entre os dois países no final do século XIX.

4.1 O BRASILEIRO COMO UM TIPO PORTUGUÊS: A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CULTURAL EM *O PRIMO BASÍLIO* (1878)

O Primo Basílio, obviamente, não é um romance que tematiza apenas o adultério ou a paixão entre primos. Eça cria um enredo que traz uma série de críticas à sociedade e a seus costumes e, mesmo sendo uma obra de ficção, a narrativa vai descortinando diversos acontecimentos históricos, também perpassando as relações entre Portugal e Brasil. Dentre esses pontos abordados, está o tema da emigração e o que dela resulta como herança literária, a figura do “brasileiro” de torna-viagem, emigrante português que vinha para o Brasil fazer fortuna.

O termo “brasileiro”, empregado inicialmente para identificar o indivíduo nascido no território do Brasil, passou a circular com maior frequência em Portugal no decorrer do século XIX²⁰, assumindo um outro significado. Essa expressão já era bastante conhecida dos portugueses, encontrando referência na literatura pela voz de Alexandre Herculano desde dezembro de 1873:

A denominação de brasileiro adquiriu para nós uma significação singular e desconhecida para o resto do mundo. Em Portugal, a primeira ideia talvez que suscite este vocábulo é a de um indivíduo cujas características principais e quase exclusivas são viver com maior ou menor largueza, e não ter nascido no Brasil; ser um homem que saiu de Portugal na puerícia ou na mocidade mais ou menos pobre e que, anos depois, voltou mais ou menos rico. (HERCULANO, 1983, p. 68).

²⁰ Conforme aponta Rowland (1998, p. 334), a designação “brasileiro” já deveria estar bem “enraizada no uso corrente da língua portuguesa, pelo menos desde 1720, alternando-se com a designação de “mineiro”, oriunda do fluxo migratório para as Minas Gerais, no século XVIII”.

Nos tempos de Eça, quando o Brasil já se encontrava em uma condição de independência política em relação à antiga metrópole portuguesa, paulatinamente, a expressão passou a ser empregada para se referir ao chamado português de “torna-viagem”. É sobre esse tipo português que Eça nos fala em *O primo Basílio*, ou seja, o indivíduo que havia partido para o Brasil em busca de melhores condições de vida e retornava ao país de origem.

Situando o autor como homem de seu tempo, Eça de Queiroz cumpre com seu compromisso com a escola Realista. Se o Realismo tinha como principal objetivo retratar o que existe de mais humano, trazendo as experiências da vida, o autor assim o fez, trazendo na personagem de Basílio de Brito a representação de um momento histórico resultante das relações de emigração entre Brasil e Portugal da época: o torna-viagem. Esse personagem, então, após sua família ficar pobre, vê na emigração para o Brasil uma opção de fazer fortuna e voltar rico a Portugal:

[...] Um dia veio o final. João de Brito, que fazia parte da firma Bastos & Brito, faliu. A casa de Almada, a quinta de Colares foram vendidas. [...] Basílio estava pobre: partiu para o Brasil. Que saudades! Passou os primeiros dias sentada no sofá querido, soluçando baixo, com a fotografia dele entre as mãos. (QUEIROZ, 1998, p. 20).

Conforme já vimos nessa pesquisa, segundo Leite (2000), no ciclo da emigração para o Brasil, tivemos grupos de emigrantes bem distintos, pois cada região de Portugal demandava como causas desse processo diferentes necessidades. Para alguns grupos a razão era fugir da pobreza e da condição de miséria, ou, conforme Eça de Queiroz (2000), buscar em outros países o pão que não tinha no seu. Mas também tivemos o grupo dos jovens das classes mais abastadas que queriam adquirir fortuna. Para esse grupo, embarcar para o Brasil era “desde o ciclo do ouro, uma espécie de prêmio da fortuna” (CESAR, 1969, p. 20).

Pretendemos mostrar aqui que Basílio de Brito faz parte desse grupo pelas características assim conferidas. É fato que a família de Basílio caiu na bancarrota e ficou pobre; mesmo assim, sua situação não seria de miserabilidade. No entanto, reconhecemos que esse personagem era muito ambicioso e não teria um perfil psicológico para saber conviver com uma vida simples e burguesa como viviam os personagens Jorge e Luísa. Importante dizer ainda que o Brasil aparece nessa obra como “árvore de patacas”, e não mais como a solução para o degrado, pois quem para cá vem, como Basílio de Brito, carrega a intenção de fazer fortuna:

- Ah! — fez Luísa de repente, toda admirada para o jornal, sorrindo.
 — É o primo Basílio que chega! — E leu alto, logo:
 — "Deve chegar por estes dias a Lisboa, vindo de Bordéus, o Sr. Basílio de Brito, bem conhecido da nossa sociedade. Sua Excelência que, como é sabido, tinha partido para o Brasil, onde se diz reconstituíra a sua fortuna com um honrado trabalho, anda viajando pela Europa desde o começo do ano passado. A sua volta à capital é um verdadeiro júbilo para os amigos de Sua Excelência que são numerosos."
 — E são! — disse Luísa, muito convencida.
 — Estimo, coitado! — fez Jorge, fumando, anediando a barba com a palma da mão. — E vem com fortuna, hem?
 — Parece. (QUEIROZ, 1998, p. 14).

Como podemos perceber, o primeiro questionamento que Jorge, marido de Luísa, faz é sobre a fortuna de Basílio: o que realmente importa é retornar muito rico. Mas, na história da emigração, como visto, há também “o emigrado que retorna sem ter amealhado um bom dinheiro, o “mão furada”, como chamam, desclassifica-se. Só o dinheiro qualifica” (CESAR, 1969, p. 20). Esse não aparece na obra, pois o torna-viagem da ficção é “uma criatura mítica: mora no El-Dorado; dorme à sombra da árvore das patacas; não há restrições ao seu apetite e ao seu desmedido enriquecimento”²¹. Não interessa mostrar o torna-viagem dentro de uma vida àspere a qual o emigrante se propõe quando resolve sair de Portugal.

De fato, quando o emigrado volta para a “terrinha” rico, ninguém questiona como essa fortuna foi adquirida, mesmo que a origem tenha sido ilícita ou desonesta. Isso é um retrato da vida real. Não estamos afirmando, contudo, que Basílio tenha adquirido sua fortuna dessa forma, até porque na obra não há informações como foi o percurso que esse personagem fez no Brasil, ainda que, como veremos, existam indícios no comentário de outros personagens e do próprio narrador. Eça não nos passa essa informação, pois teria que revelar o quanto esse ser suou trabalhando e isso desmistificaria o que “desde o século XVI se vem construindo, na mente popular, essa criatura mítica – com o baú cheio de ouro e prata” (ibidem). Só sabemos que Basílio ficou rico com o negócio da borracha no alto Paraguai. Eis a origem de sua fortuna no Brasil:

A sua fortuna tinha sido feita com negócio de borracha, no alto Paraguai; a grandeza da especulação trouxera a formação de uma companhia, com capitais brasileiros; mas Basílio e alguns engenheiros franceses queriam resgatar as ações brasileiras, “que eram um empecilho”, formar em Paris uma outra companhia, e dar ao negócio um movimento mais ousado. Basílio

²¹ Ibidem, p. 25.

partira para Lisboa entender-se com alguns brasileiros, e comprara as ações habilmente²². (QUEIROZ, 1998, p. 259-260).

Há um momento em que Basílio, estando na Bahia, envia uma carta para Luísa – é assim que ela tem as primeiras notícias de seu primo. Nessa carta, Basílio informa a ela que ainda está pobre, portanto sem condições para assumir um casamento. A carta também dizia que eram muitas as dificuldades que ele enfrentava no Brasil e que teria de lutar bastante para conseguir o suficiente para ter uma família. Em suas palavras, havia muito sofrimento; o Brasil era um lugar horrível e por isso não queria exigir tamanho sacrifício de sua amada. Assim, Basílio dava por encerrado qualquer compromisso com a prima. Isso faz com que, ao observar o desenrolar da trama, duvidemos da personalidade de Basílio, cujo caráter é nada confiável. Não sabemos, portanto, se o conteúdo da carta era realmente verdadeiro. Pelas atitudes do moço, no decorrer da narrativa, tudo indica que a carta foi só uma estratégia para fugir da responsabilidade com Luísa:

Passou um ano. Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: "Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma criancice..." Desmaiou logo. Basílio afetava muita dor em duas laudas cheias de explicações: que estava ainda pobre; que teria de lutar muito antes de ter para dois; o clima era horrível; não a queria sacrificar, pobre anjo; chamava-lhe "minha pomba" e assinava o seu nome todo, com uma firma complicada. (QUEIROZ, 1998, p. 20-21).

Passado algum tempo, Luísa casa-se com Jorge, um engenheiro de minas, muito bem apresentável, e durante muito tempo esse assunto do primo ficou encerrado. Mas, ao receber a notícia da volta de Basílio para Portugal, Luísa começou a pensar no que teria sido sua vida se tivesse ido com ele ao Brasil. Nesse momento, Eça de Queiroz, através da consciência de sua personagem, revela como era o Brasil no imaginário lusitano. Uma vez que o autor nunca por aqui esteve, ele só poderia descrever aquilo que já fazia parte da imagem do Brasil em Portugal. A ideia de uma “não civilização”, de um lugar selvagem, um primitivismo, um país de escravatura, de animais exóticos, o eterno paraíso tropical. Vejamos como Luísa se refere a um destino infeliz, caso tivesse vindo ao Brasil. Uma vida selvagem, sem ocupação, uma inércia, um ócio. Luísa se via em um lugar sem perspectiva alguma, embalada em

²² A temática da exploração da borracha em território brasileiro, aliás, foi explorada por outro autor português, Ferreira de Castro, numa obra clássica, publicada em 1930 e precursora do neorealismo: *A Selva*.

uma rede, tendo que conviver com escravos, “cercada de negrinhos” (QUEIROZ, 1998, p. 23), em um lugar onde a natureza era a única distração, mas que a levaria a um primitivismo. Essa cena traz muitos elementos interessantes, mostrando os fantasmas do colonialismo, o olhar superior do português sobre o brasileiro:

Pôs-se a pensar, o que teria sucedido se tivesse casado com o primo Basílio. Que desgraça, hem! Onde estaria? Perdia-se em suposições de outros destinos, que se desenrolavam, como panos de teatro: via-se no Brasil, entre coqueiros, embalada numa rede, cercada de negrinhos, vendo voar papagaios! (QUEIROZ, 1998, p. 23).

Muito tempo depois, já em outra cena do romance, quando Basílio já está em Portugal, tenta justificar o rompimento do namoro com Luísa. O primo dá como pretexto as condições que o emigrado vivia ao chegar no Brasil. Assim, ele tenta provar para ela que seu amor era verdadeiro, mas que o Brasil era um inferno, um lugar para onde ele nunca a levaria:

Não. Hás de ouvir. Desde o primeiro dia que tornei a ver estou doido por ti, como dantes, a mesma coisa. Nunca deixei de me morrer por ti. Mas não tinha fortuna, tu bem o sabes, e queria-te ver rica, feliz. Não te podia levar para o Brasil. Era matar-te, meu amor! Tu imaginas lá o que aquilo é! Foi por isso que te escrevi aquela carta, mas o que eu sofri, as lágrimas que chorei! (QUEIROZ, 1998, p. 111).

Em outro momento, Juliana, criada de Luísa, descobre sobre o caso de amor entre os primos, e Luísa vê como única solução para seus problemas fugir com Basílio. Ao propor essa ideia para seu amante, mais uma vez ele coloca o Brasil como um lugar inóspito. Necessário lembrar aqui que o primo de Luísa usa como justificativa para não fugirem para o Brasil a mesma descrição que Eça de Queiroz faz ao relatar como eram essas viagens: as dificuldades dentro dos navios, os quais levavam muito tempo para atravessar o oceano; a falta de segurança; e os riscos das doenças. Basílio cita, principalmente, a falta de conforto: “Eu tenho decerto de ir ao Brasil; onde hás de tu ficar? Queres ir também, um mês num beliche, arriscar-te à febre amarela?” (QUEIROZ, 1998, p. 255).

Verifica-se, então, que Eça de Queiroz apresenta, através de sua personagem, o Brasil como um lugar nada favorável para viver. Lembramos que esse pode ser o resultado do sentimento de rejeição, pois os portugueses acusavam os brasileiros de ingratidão. Há esse sentimento por parte do português desde que o Brasil rejeitou a herança lusitana, como uma espécie de paternalismo ressentido. Se

ainda na contemporaneidade esses temas persistem, podemos dizer que esse ressentimento era ainda mais forte no tempo em que Eça de Queiroz escreveu seu romance.

Outro fato relevante para nossa discussão é que, em um dado momento, tentou-se criar uma imagem de que o colonizador português foi diferente, menos racista e que a colonização portuguesa foi agregadora. A partir de ideias difundidas, inclusive por Gilberto Freyre (2003), dizia-se que os portugueses, já tão acostumados com a miscigenação, logo se misturaram com os nativos, fossem eles brancos ou pretos. Mas, como podemos perceber, essas ideias não condizem com as atitudes das personagens, pois na obra, ao relatar sobre alguns momentos vividos no Brasil, Basílio reforça a ideia de superioridade entre colonizador e colonizado como uma relação nada amistosa.

Em seu discurso, percebem-se críticas ao Brasil como sendo um lugar de escravos, extremamente atrasado, onde só se poderia viver por pouco tempo, o suficiente para fazer fortuna. Aliás, esse era o mesmo pensamento que Basílio tinha de Portugal, exceto pelo fato de que no Brasil ele ainda poderia ganhar dinheiro, enquanto em Portugal, não. Segue o discurso racista e preconceituoso de Basílio como homem de seu tempo:

Ela sorriu, perguntou:
— E no Brasil?
Um horror! Até fizera a corte a uma mulata.
— E por que te não casaste?... Estava a mangar! Uma mulata!
(QUEIROZ, 1998, p. 65).

A referência ao “absurdo” de fazer corte a uma mulata no Brasil revela não apenas a visão estereotipada sobre o Brasil, mas também a permanência de um olhar de superioridade em relação aos mestiços brasileiros, como se a eles não fosse atribuída a prerrogativa de humanidade. A respeito do estereótipo e seus desdobramentos nas relações entre raça e representação, Robert Stam apresenta algumas considerações bastantes esclarecedoras, complementando, mais tarde, que o discurso artístico, incluindo o literário, é atravessado por uma infinidade de discursos ideológicos em diferentes perspectivas sociais, de modo que as produções narrativas não apenas refletem a realidade social, mas também a modulam, estilizam, caricaturam e alegorizam (STAM, 2008, p. 456). Ele afirma sobre o estereótipo:

Como uma espécie de atalho mental, os estereótipos constituem um

instrumento pelo qual as pessoas caracterizam, de maneira necessariamente esquemática, outro grupo com o qual estão apenas parcialmente familiarizadas. Contudo, numa situação de domínio racial, os estereótipos possuem a clara função de controle social; indiretamente, eles racionalizam e justificam as vantagens dos detentores do poder social. (STAM, 2008, p. 456).

Sobre esse assunto, há ainda uma cena em que Basílio canta, ao piano, uma modinha brasileira da Bahia que versava sobre a história de uma menina negra que sofria de amor por um feitor branco. Para agradar Luísa ainda mais, Basílio parodiava o tom sentimental da moça da música, e a modinha acabou agradando não só Luísa, como todos os presentes na sala:

Basílio riu. Uma vez que tinha sucesso, então ia dizer-lhes uma modinha brasileira da Bahia. Sentou-se ao piano, e depois de ter preludiado uma melodia muito balançada, de um embalado tropical cantou:

— Sou negrinha, mas meu peito sente mais que um peito branco.

E interrompendo-se:

— Isto fazia furor nas reuniões da Bahia quando eu parti.

Era a história de uma "negrinha" nascida na roça, e que contava, com lirismos de almanaque, a sua paixão por um feitor branco.

Basílio parodiava o tom sentimental de alguma menina baiana; e a sua voz tinha uma preciosidade cômica, quando dizia o ritornelo choroso:

— E a negra pra os mares Seus olhos alonga; no alto coqueiro cantava a araponga.

O Conselheiro achou "delicioso"; e, de pé na sala, lamentou a propósito da cantiga a condição dos escravos. Que lhe afirmavam amigos do Brasil que os negros eram muito bem tratados. Mas enfim a civilização era a civilização! E a escravatura era um estigma! Tinha, todavia, muita confiança no imperador...

— Monarca de rara ilustração... — acrescentou respeitosamente. (QUEIROZ, 1998, p. 108-109).

Em tom de deboche, Basílio comenta que a música causava delírio quando cantada no Brasil, divertindo seus amigos enquanto a imitava com escárnio. A letra da música tratava de uma "negrinha", nascida na roça, que se apaixona por um feitor branco, revelando forte conteúdo racista. Ao afirmar: "sou negrinha, mas meu peito sente mais que um peito branco", a música sugere o tom de deboche, como se os negros tivessem sentimentos diferentes dos brancos.

A propósito dessa canção, o assunto da escravidão é introduzido na narrativa. O conselheiro Acácio comenta que até achara a modinha "deliciosa", e que reconhecia que no Brasil os negros eram "muito bem tratados", numa alusão à visão consolidada em Portugal de que o Brasil era herdeiro de um colonialismo caracteristicamente mais brando. Entretanto, mesmo assim, o personagem afirma que escravidão era "um estigma", ressaltando a percepção corrente em relação aos negros como seres "pouco humanos" ou "humanamente inacabados" e à escravidão como

sendo característica de lugares não civilizados e atrasados.

Goffman (1981) explica que o estigma pode ser entendido como uma marca que denota inferioridade moral, tornando as pessoas desacreditadas e desacreditáveis na constituição das interações sociais. Nesse sentido, ao caracterizar a escravidão no Brasil como um “estigma”, a personagem traz à cena os ecos de uma importante reflexão sobre as relações entre Brasil e Portugal no século XIX, uma cicatriz deixada por uma ferida que nunca poderia ser apagada. A personagem apresenta a visão da antiga colônia como um lugar de povos bárbaros e incivilizados, ressaltando, porém, que “Tinha todavia muita confiança no imperador...” (QUEIROZ, 1998, p. 108-109).

Também não podemos deixar de citar que um dos hábitos do brasileiro de torna-viagem quando chega a Portugal é comprar uma bela quinta onde possa viver sossegado e ostentar sua fortuna. Quando o primo de Luísa a visita, os dois relembram seus tempos de juventude na quinta de João de Brito. Logo Luísa informa ao primo que “ouvira dizer que a quinta pertencia agora a um brasileiro” (QUEIROZ, 1998, p. 63). A personagem comenta sobre a transformação pela qual o local sofrera com a decoração feita pelo novo proprietário: “Sobre a estrada havia um mirante com um teto chinês, ornado de bolas de vidro; e a velha casa morgada fora reconstruída e mobiliada pelo Gardé”²³. Observamos que o comentário de Luisa traz uma crítica velada sobre o ridículo e o grotesco mau gosto do brasileiro. O ambiente outrora tão charmoso e requintado, agora era um local onde toda a fortuna do brasileiro era ostentada com muita cafonice, com uma decoração exagerada que misturava exotismo com uma total falta de originalidade. Percebe-se, porém, que nas narrativas de Eça, mesmo que em mensagens subliminares, há sempre o discurso do grotesco e do ridículo quando se trata do brasileiro.

Com efeito, o Brasil sempre foi um tema constante na obra de Eça de Queiroz. Embora nosso país ainda hoje apareça como local de degredo ou, segundo Angelini (2016), de refúgio para personagens que por algum motivo precisavam sair fugidos de Portugal, Eça sempre localizou o Brasil como um lugar seguro para essas personagens, visto que, no imaginário do escritor português, para além da distância ainda tinha a questão de que no Brasil não havia uma ordem, uma fiscalização, um policiamento. A imagem que o autor passa é a de que no Brasil um português poderia

²³ Ibidem, p. 63.

viver bem mesmo tendo cometido algum delito em Portugal.

Um fator interessante que merece destaque nesta análise é a aparência das personagens, pois é através desse elemento mais visual que surgem as primeiras impressões para a criação de estereótipos. Depois, é claro que outros pontos, como raça e cultura, agregam para a consolidação desses estereótipos. Já sabemos que o brasileiro de torna-viagem adquiria uma aparência muito extravagante e, quando chegava em Portugal, era visto com estranhamento. Porém, podemos conferir que Basílio de Brito ainda nem tinha pisado no Brasil e já apresentava uma certa extravagância em seu jeito de vestir. A personagem também mostrava gostar muito de ostentar uma vida de riqueza, exibindo seu dinheiro:

Lembrou-lhe de repente a notícia do jornal, a chegada do primo Basílio... [...] Fora o seu primeiro namoro, o primo Basílio! Tinha ela então dezoito anos! [...] Devia estar mudado o primo Basílio. Lembra-se bem dele — alto, delgado, um ar fidalgo, o pequenino bigode preto levantado, o olhar atrevido, e um jeito de meter as mãos nos bolsos das calças fazendo tilintar o dinheiro e as chaves! Aquilo começara em Sintra, por grandes partidas de bilhar muito alegres, na quinta do tio João de Brito, em Colares. Basílio tinha chegado então da Inglaterra: vinha muito bife, usava gravatas escarlates passadas num anel de ouro, fatos de flanela branca, espantava Sintra! (QUEIROZ, 1998, p. 19).

Observa-se aqui que o personagem português já se apresenta diferente do lisboeta que ficou em Portugal, pois Basílio recém chegado da Inglaterra já mostrava suas extravagâncias. Isso, conforme afirma Jane Tutikian (2009), é confrontar o português que sai de Portugal com aquele que fica. A partir daí, é possível retomarmos algumas ideias que foram discutidas neste trabalho em relação à maneira como Eça de Queiroz apresenta o brasileiro de torna-viagem em sua narrativa. Segundo a descrição de Luísa, ao encontrar uma foto do primo tirada na Bahia, a personagem nos apresenta exatamente o brasileiro de torna-viagem através da aparência do primo. O que podemos conferir é que dessas características surge uma caricatura do brasileiro nato, algo muito extravagante e ridículo na opinião da personagem, bem como na visão da sociedade portuguesa da época e também na de hoje:

E um dia, tendo achado numa gaveta uma fotografia que logo ao princípio Basílio lhe mandara da Bahia, de calça branca e chapéu panamá, fitou-a, encolhendo os ombros:
— E o que eu me ralei por esta figura! Que tola! (QUEIROZ, 1998, p. 20-21).

Algum tempo depois, quando eles se encontram em Portugal, Luísa ainda comenta que “Havia sete anos que não via o primo Basílio! Estava mais trigueiro, mais queimado; mas ia-lhe bem!”²⁴. Sobre essa aparência trigueira e mais queimada, nitidamente uma alusão ao clima tropical, à quentura, Eça de Queiroz diz que “os nossos defeitos sob o sol do Brasil expandem-se” (2000, p.912).

Jane Tutikian (2009), já comentamos aqui, diz que Eça só apresenta esse tipo para que apareça o português Eça afirma que “O Brasileiro é a expansão do Português” (QUEIROZ, 2000, p. 911). Tudo o que se atribui ao português que retorna, obviamente é porque é do Brasil: a extravagância, um certo exotismo. “Nós temos o brasileiro: grosso, trigueiro com tons de chocolate, modo ricaço, [...] colete com grilhão, chapéu sobre a nuca, guarda-sol verde, a voz fina e adocicada, ar desconfiado”²⁵. Eça relaciona essas características ao português que volta, mas vale recordar que esse emigrante adquiriu tais modos aqui no Brasil, do brasileiro: “Nos últimos degraus da escada estava um sujeito, que lhe pareceu estrangeirado. Era trigueiro, alto, tinha um bigode pequeno levantado, um ramo na sobrecasaca azul, e o verniz dos seus sapatos resplandecia.” (QUEIROZ, 1998, p. 60-61).

Esses estereótipos aparecem no romance de Eça não só na figura de Basílio de Brito, mas também em outros personagens menos importantes, que se caracterizam pela imagem estereotipada do brasileiro. A “voz fina e adocicada” era uma das características que o autor agregava ao brasileiro, seja ele de torna-viagem ou o brasileiro nato. “Na sua pronúncia, o Brasil deixou, entretanto, fortes marcas, de tal sorte que, abrindo a boca para as primeiras efusões, é motivo de riso franco ou de ácido reparo dos circundantes” (CESAR, 1969, p.40). Vejamos uma personagem enigmática que por vezes surge no romance querendo falar com Luísa:

Luísa ia desesperada; o tique-taque das suas botinas batia vivamente a laje do passeio; de repente, ao pé de São Pedro de Alcântara, de sob o chapéu de palha saiu uma voz adocicada e brasileira, dizendo-lhe junto ao pescoço [...] (QUEIROZ, 1998, p. 250)

Além dessas questões mais sinestésicas, como as características do brasileiro de torna-viagem, há também o aspecto do caráter do emigrado. Como vimos, Basílio de Brito, mesmo antes de vir para o Brasil, já tinha o hábito da ostentação. Logo, é possível dizer que o autor da obra assumiu um tom a ponto de

²⁴ Ibidem, p. 69.

²⁵ Ibidem, p. 910-911.

situar o Brasil em um lugar que intensifica os defeitos do português que para cá vem. Se Basílio já era uma personagem de caráter duvidoso, apresentando uma certa boçalidade, ao vir para o Brasil tudo isso aflorou ainda mais na personagem: “Pois bem: eis aí. O Brasil é Portugal – dilatado pelo calor. O que eles são expansivamente – nós somo-lo encolhidamente: as qualidades que estão retraídas em nós estão neles florescentes” (QUEIROZ, 2000, p. 912).

Além disso, há também uma problemática na questão da volta do emigrado para a terra natal. Esse quando volta já é “outro” e a sociedade portuguesa, como podemos perceber, parece não conseguir lidar com aquele que não pertence ao “mesmo”. Nas palavras de Gilhermino Cesar, “o emigrado volta renovado no seu íntimo, nos refolhos da sua psicologia, algo se passou que o torna quase estranho ao mundinho aldeão” (CESAR, 1969, p. 40). Essa mudança é refutada pelos que da terra nunca saíram. Pode-se perceber isso na fala de uma das personagens quando comenta sobre a aparência de Basílio: “— Um pouco sobrecarregado nas jóias e nos bordados das meias. De resto é moda no Brasil, creio...” (QUEIROZ, 1998, p. 298). Percebe-se que há um misto de desprezo e inveja na fala da personagem que representa o lisboeta que fica:

Basílio, recostado no sofá, como um parente íntimo, examinava a sua meia de seda bordada de estrelinhas escarlates, e cofiava indolentemente o bigode, arrebitando um pouco o dedo mínimo — onde brilhavam, em dois grossos anéis de ouro, uma safira e um rubi.
A afetação da atitude, o reluzir das jóias irritaram Julião. (QUEIROZ, 1998, p. 101).

Para Jane Tutikian (2009), o que Eça de Queiroz faz, quando mostra a identidade pelo avesso do avesso, é confrontar a sociedade portuguesa da época, questionando a identidade e a cultura de Portugal. Em outras palavras, Eça compromete a imagem do “outro” para refletir sobre a identidade e cultura do “mesmo”. Assim, o escritor português traz uma crítica acerca de questões de ordem cultural, como determinados comportamentos da sociedade da época. Sobre isso, Ana Silvia Scott afirma:

Nos conterrâneos, os brasileiros despertaram não só curiosidade, admiração ou reverência, mas também inveja e rivalidade disfarçadas que podiam desembocar em raiva ou maledicência. Assim, além de incensado, o retornado também foi alvo de escárnio e de deboche em Portugal. Entre a realidade e a ficção, ao longo dos séculos XIX e XX, o fenômeno complexo da emigração portuguesa para o Brasil e o seu retorno propiciou diferentes leituras que são os testemunhos diretos do desconforto de uma sociedade

que exportava e depois reintegrava os seus filhos, frequentemente “tão desajustados à chegada quanto à partida”, como disseram alguns. (SCOTT, 2010, p. 23).

A autora acrescenta que diversos autores se esmeraram em descrever esse tipo social, sendo o estereótipo depreciativo mais comum aquele que associa a figura do brasileiro ao novo-rico, o qual se exhibe com ostentação sem, entretanto, conseguir disfarçar sua boçalidade, suas maneiras rudes, sua “feiúra moral”²⁶. A partir daí, compreendemos que o que Eça de Queiroz faz em seu romance é estabelecer uma conexão entre o brasileiro de torna-viagem e o português que nunca saiu de Portugal. O escritor realista joga com os sentidos e com a ambiguidade para problematizar essa questão da identidade e da cultura desses povos. Quando Eça aproxima o personagem-tipo ao português, sua intenção é justamente fazer uma ligação cujo resultado seja mostrar que o torna-viagem traz o brasileiro nato como um estereótipo do português. Assim, delegou-se a esse tipo um ridículo cuja finalidade é causar o riso:

Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Fialho de Almeida valeram-se da sátira sobre os emigrantes retornados para entreter os portugueses, estabelecendo que “o pobre brasileiro, o rico torna-viagem é hoje, para nós, o grande fornecedor do nosso riso”. (SCOTT, 2012, p. 23).

Com efeito, é pertinente trazer aqui a imagem do “outro” e o que ele reflete no “mesmo”. Conforme Machado e Pageaux (1981), quando a imagem do “outro” veicula a imagem do “mesmo”, como uma espécie de espelho, vai revelando as relações entre um e outro, respectivamente. Para os autores, o estereótipo configura, assim, um ponto de confluência entre uma determinada sociedade e uma de suas expressões culturais simplificadas, que se apresentam de modo reduzido a um essencial ao alcance de todos. Nesse sentido, podemos dizer que Eça de Queiroz usa esse jogo de espelhos para revelar essas relações entre o português que nunca saiu de Portugal, o português de torna-viagem e o brasileiro nato.

É imprescindível que não percamos de vista, como afirmou Ribeiro (1994), que o escritor usa da ambiguidade para poder falar ora de um, ora de outro, mas sempre falando do mesmo: quando nos rimos dele – intentamos a nós mesmos um processo terrível. [...] Nós cá contemos o brasileiro; mas ele depois, no Brasil, cresce, alarga, abre em fruto, e nós ficamos-lhe dentro. (QUEIROZ, 2000, p. 913-91). À luz

²⁶ Ibidem, p. 23.

desse pensamento, Julia Kristeva apresenta uma importante reflexão sobre o papel do “estrangeiro” que habita em nós, ideia que transparece diretamente ligada com o discurso de Eça, ao abordar o português e o brasileiro em seus textos:

Estranhamente o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamos-nos de ter que detestá-lo em si mesmo. Sintoma que torna o nós precisamente problemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência da minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades. (KRISTEVA, 1994, p. 9).

Embora exista um distanciamento temporal em relação à obra de Eça de Queiroz, sendo necessário situá-la em sua contemporaneidade, o pensamento de Kristeva fornece um embasamento importante para a compreensão do estereótipo em seus desdobramentos na literatura do escritor luso. Nesse sentido, a reflexão de Kristeva torna visível um duplo movimento, o de identificação com o outro, pois “somos todos estrangeiros”, e o de alteridade, pois há um conflito não resolvido acerca do lugar ocupado por cada um, especialmente por aquele que costumava estar no centro. É exatamente sobre esse movimento bidimensional do qual Eça de Queiroz trata em *O primo Basílio*, ao problematizar o tema da identidade em paralelo com as relações de alteridade, pois o protagonista situa-se justamente nesse conflito, tornando-se um estrangeiro nos dois países, um “outro” em um espaço deslocado e, concomitantemente, às margens destas duas sociedades.

Ainda sobre essa aparência que faz uma distinção entre o estrangeiro e quem ficou em Portugal, percebe-se que Eça de Queiroz faz aparecer esse contraste a todo momento, tendo em vista que essas características são retomadas muitas vezes no romance: “— O meu quarto é para a rua, e todos os dias [...] tenho visto aquele rapaz, a modo estrangeirado, entrar para lá... todos os dias! ‘Este é o Basílio de Brito!’, disse eu” (QUEIROZ, 1998, p. 126). Eça de Queiroz também coloca Jorge e Basílio em contraste um com o outro. É importante recordar que Jorge, marido de Luísa, é a representação do lisboeta que fica e Basílio, a do torna-viagem. Daí a necessidade de conferir as características atribuídas por Eça a cada um desses personagens, posto que Jorge,

[...] Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas. Só duas vezes por semana, regularmente, ia ver uma repariguita costureira, a Eufrásia, que vivia ao Borratem, e nos dias em que o Brasileiro, o seu homem, ia jogar o bóston

ao clube, recebia Jorge com grandes cautelas e palavras muito exaltadas; [...]. (QUEIROZ, 1998, p. 13).

A partir do que o narrador atribui como sendo características específicas de Jorge, logo percebe-se que se trata de um personagem muito discreto. Observamos, também, que o autor da obra não deixa de colocar Jorge, personagem português, em posição de superioridade ao personagem que nem nome tem – só sabemos que se trata de um brasileiro. Fica evidente aí que Eça cria grupos distintos para mostrar quem está em situação de poder. Consoante Pageaux e Machado (1981), o estereótipo traz consigo uma questão hierárquica dentro das culturas, distinguindo o “Eu” do “Outro”, quase sempre favorecendo o primeiro e desfavorecendo o segundo.

Ainda sobre a comparação do estilo de vida de Jorge em contraste com Basílio, verifica-se que aquele era uma personagem com uma vida regrada. Um jovem de caráter sólido, com um futuro promissor e que agregaria muito em uma tentativa de tirar Portugal da condição de país periférico, contribuindo para colocá-lo no centro da Europa. Basílio, por sua vez, aparece com uma certa boçalidade desde a juventude, como alguém cujo caráter não era capaz de contribuir em nada para o avanço do país. Talvez a intenção do autor fosse levantar uma crítica acerca de uma mocidade acostumada a viver no atraso – como no caso de Portugal, cuja sociedade estava em decadência, consoante as denúncias de Eça em seus romances.

Nessa galeria de personagens considerados inúteis para a nação portuguesa, também podemos citar o Conselheiro Acácio, que assim como Basílio não contribuía em nada para a evolução da nação. O Conselheiro é um burocrata admirador de fichas e relatórios que de nada serviam. Além disso, a figura de Acácio ilustra o formalismo e a hipocrisia moral, pois ele defendia as instituições e os boncostumes, mas mantinha um relacionamento às escondidas com sua criada bem mais jovem do que ele. É com muita ironia que Eça escolhe o Conselheiro Acácio para redigir o necrológico de Luísa. Como vimos, Acácio é um personagem que representa um ócio, tão oco em suas atitudes quanto Basílio.

Basílio não era adepto ao trabalho; seu espírito era o de um aventureiro. Suas extravagâncias estavam mais associadas ao brasileiro de torna-viagem. Esse, na maioria das vezes, conforme Eça (2000), quando voltava para Portugal, se tornava tão inútil quanto improdutivo. Assim, Eça cria uma personagem que contrasta também com o grupo de jovens da geração de 70, grupo do qual o escritor fez parte, chamando atenção para que o seu Portugal deixasse de ser um país europeu periférico:

Foi ao outro dia que soube que o sujeito era o primo Basílio, o Basílio de Brito. O seu vago desgosto dissipou-se, mas um receio mais definido veio inquietá-lo. Sebastião não conhecia Basílio pessoalmente, mas sabia a crónica da sua mocidade. Não havia nela certamente, nem escândalo excepcional, nem romance pungente. Basílio tinha sido apenas um pândego e, como tal, passara metodicamente por todos os episódios clássicos da estroinice lisboeta: — partidas de monte até de madrugada com ricaços do Alentejo; uma tipóia despedaçada num sábado de touros;[...] ouvira que ele tinha ido para o Brasil para fugir aos credores; que enriquecera por acaso, numa especulação, no Paraguai; que mesmo na Bahia, com a corda na garganta, nunca fora um trabalhador; e supunha que a posse da fortuna para ele, seria apenas um desenvolvimento dos vícios. (QUEIROZ, 1998, p. 115-116)

Conferimos que a figura de Basílio está, em certa medida, atribuída aos questionamentos realizados pela intelectualidade portuguesa sobre Portugal. Nessa personagem, verifica-se algumas das interpretações da realidade nacional suscitadas pela geração de 70. Conforme as palavras de Moog, além das questões de identidade nacional, havia, na visão de Eça, a necessidade de “incorporar o seu retrógrado Portugal à grande marcha do tempo” (2006, p. 75). Assim, a figura de Basílio contribui para uma melhor compreensão sobre certas questões identitárias e culturais estabelecidas entre Brasil e Portugal no final do século XIX.

Ressalta-se, entretanto, que não se trata aqui de um aspecto biológico, mas de uma identidade criada a partir das relações históricas e sociais adquiridas pelo sujeito, uma vez que ele mesmo está suscetível a adquirir diversas identidades, em diferentes momentos de sua vida, conforme demandam suas necessidades. Basílio de Brito figura isso no romance.

É perceptível que, quando ele volta a Portugal, sua aparência já não é mais a mesma da foto tirada na Bahia: “A Bahia não o vulgarizara. Voltava mais interessante!” (QUEIROZ, 1998, p. 62) Interessante pensar essa observação de Luísa, pois quando ela faz essa afirmação, verifica-se que a aparência de Basílio lhe causa uma certa surpresa, contrariando suas expectativas, tendo em vista que o Brasil é visto por ela como um país vulgar. Isso está implícito no discurso de Luísa. Seguem outras características que descrevem a aparência de Basílio:

Tinha deixado o "degredo" — disse ele. — Viera respirar um pouco à velha Europa. [...] Falava devagar, recostado, com um ar íntimo, estendendo sobre o tapete, comodamente, os seus sapatos de verniz.
Luísa olhava-o. Achava-o mais varonil, mais trigueiro. No cabelo preto anelado havia agora alguns fios brancos; mas o bigode pequeno tinha o antigo ar moço, orgulhoso e intrépido; os olhos quando ria, a mesma doçura amolecida, banhada num fluido. Reparou na ferradura de pérola da sua

gravata de cetim preto, nas pequeninas estrelas brancas bordadas nas suas meias de seda. (QUEIROZ, 1998, p. 62)

Verifica-se, então, que Basílio traz em sua aparência um pouco de cada um dos lugares por onde passou. Mesmo após ter vivido por sete anos no Brasil, ele retorna sem as características outrora bem descritas pela prima Luísa, exceto pela extravagância e o ar esnobe, as quais já lhe eram próprias. Se antes o primo de Luísa apareceu como o brasileiro torna-viagem, agora ele surge como um português afrancesado, homem viajado que traz consigo muita experiência.

Os jovens da geração de 70 tiveram a oportunidade de entrar em contato com os avanços que aconteciam na Europa e que não chegavam a Portugal. A França já era considerada o grande centro cultural do mundo no século XIX, pois essas novas tendências eram todas de matrizes francesas. A partir daí, esses jovens revoltaram-se contra o atraso em que vivia Portugal e contra sua sociedade, marcada pela falta de avanços já ocorrentes em toda Europa. Isso nos leva a refletir sobre todas as críticas que Basílio faz ao visitar seu país de origem.

Eça de Queiroz parece delegar a Basílio tudo aquilo que ele pensava, uma vez que o autor também sofreu de forma acentuada essa influência da França, em questões científicas, literárias e filosóficas. Voltamos ao que já foi afirmado neste trabalho: Eça de Queiroz foi o português mais europeu. Isso nos remete àquele primeiro momento do autor, ao qual já nos referimos.

Todas as críticas a Portugal tecidas pelo escritor, devido à falta de civilização, logo depois também se estenderam ao Brasil. É interessante pensar que, ao mesmo tempo em que Eça faz a sua revolução na literatura, o escritor também está em busca da identidade portuguesa. Porém, acreditava que a identidade de seu país estava em incorporá-lo ao resto da Europa. Mais tarde, essas ideologias vão mudar, como mostraremos na seção que aborda a obra *A correspondência de Fradique Mendes*, que revisita a questão do nacional, inclusive no Brasil. Daí a necessidade de uma problematização de identidade entre Portugal e Brasil. Quanto às críticas de Eça como homem de seu tempo, todas estão muito evidentes na personagem de Basílio de Brito:

Basílio, ao pé de Luísa, ia calado. "Que horror de cidade!" — pensava. — "Que tristeza!" E lembrava-lhe Paris, de verão; subia, à noite, no seu faéton, os Campos Elísios devagar; centenares de vitórias descem, sobem rapidamente, com um trote discreto e alegre; e as lanternas fazem em toda a

avenida um movimento jovial de pontos de luz; vultos brancos e mimosos de mulheres reclinam-se nas almofadas, balançadas nas molas macias; o ar em redor tem uma doçura aveludada, e os castanheiros espalham um aroma sutil. Dos dois lados, dentre os arvoredos, saltam as claridades violentas dos cafés cantantes, cheios do brouhaha das multidões alegres, dos brios impulsivos das orquestras, os restaurantes flamejam; há uma intensidade de vida amorosa e feliz; e, para além, sai das janelas dos palacetes, através dos estores de seda, a luz sóbria e velada das existências ricas. Ah! Se lá estivesse! (QUEIROZ, 1998, p. 97).

Para que Eça mostrasse o atraso de Portugal, era necessário apontar, na contramão, os avanços da França com suas novidades. Como centro de referência, a França era modelo em todas as esferas sociais, servindo de berço ao Realismo. Os franceses também ditavam a moda que Basílio tanto admirava. No entanto, por ser uma personagem que transitou por lugares diversos, desde o Brasil até o Egito, Basílio já não é o mesmo, pois, como explica Guilhermino Cesar (1969), a força de se adaptar ao lugar em que o emigrado se instala faz com que ele traga um pouco de cada uma dessas identidades consigo. Basílio voltou com ares muito afrancesados:

— E qual é o outro presente, então, além do rosário?

— Ah! Luvas. Luvas de verão, de peau de suède, de oito botões. Luvas decentes. Vocês aqui usam umas luvitas de dois botões, a ver-se o punho, um horror!

De resto pelo que tinha visto, as mulheres em Lisboa cada dia se vestiam pior! Era atroz! Não dizia por ela; até aquele vestido tinha chique, era simples, era honesto. Mas em geral era um horror. Em Paris! Que deliciosas, que frescas as toaletes daquele verão! Oh! Mas em Paris!... Tudo é superior! Por exemplo, desde que chegara ainda não pudera comer. Positivamente não podia comer! — Só em Paris se come — resumiu. (QUEIROZ, 1998, p. 66).

Ao analisar as características conferidas por Eça de Queiroz ao primo de Luísa, é pertinente afirmar que Basílio torna-se a representação do próprio Brasil na perspectiva portuguesa. A própria sonoridade do nome já propõe essa ideia: Basílio, Brasília, Brasil. Essa percepção do personagem como a representação do “brasileiro” verifica-se, principalmente, nos processos de transformações identitárias pelas quais o personagem passa ao longo da obra. Ao viajar por muitos lugares, ele vai adquirindo hábitos e costumes locais; daí, a falta de uma identidade genuinamente portuguesa.

No percurso da narrativa, o autor chama atenção para as atitudes de Basílio e para o que as outras personagens vão relatando a respeito dele. Logo, percebe-se que o protagonista diverge muito das personagens lisboetas do romance. Basílio é um homem de caráter duvidoso, sua juventude foi marcada pela boçalidade, investiu na emigração para conseguir ficar rico. Todas essas ações da personagem recaem exatamente naquilo contra o qual a geração de Eça sempre lutou. Basílio é assim

colocado pelo autor sob pena de contraste, representando tudo o que Eça de Queiroz considerava desnecessário para Portugal.

Constatamos, assim, que por meio dessa síntese da representação do “brasileiro”, Eça de Queiroz pôs em cena o estereótipo cultural, buscando gerar uma reflexão sobre o próprio povo português. Ao trazer esse personagem-tipo na obra *O primo Basílio*, o autor propõe uma profunda reflexão sobre as contradições existentes na sociedade portuguesa, situando no contexto das representações do “outro” uma crítica aos próprios vícios que existiam em Portugal.

4.2 A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES (1900): UMA RELAÇÃO DE ALTERIDADE ENTRE EÇA DE QUEIROZ E O BRASIL NA BUSCA PELA IDENTIDADE NACIONAL

A Correspondência de Fradique Mendes é considerado um dos textos mais complexos e estimulantes da ficção queiroziana. O escritor traz como protagonista desse romance epistolar o poeta Carlos Fradique Mendes, personagem criado coletivamente por Eça de Queiroz e seus amigos Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, quando ainda estavam no fervor de sua juventude. Muito tempo depois, Eça cria esse romance, no qual Fradique Mendes reaparece, porém, agora com um Fradique modificado pela maturidade que os anos lhe agregaram à vida, e que já o distancia muito daquele outrora criado pelos jovens intelectuais, “Um Fradique *outro*, relativamente ao Eça que com ele ‘dialoga’ pela via da mistificação ficcional” (REIS, 2015, p. 8-9).

A obra, dividida em duas partes, traz na primeira, intitulada “Memórias e notas”, uma biografia do protagonista, apresentada por um narrador em primeira pessoa. Já na segunda parte, designada como “As Cartas”, são apresentadas as correspondências de Carlos Fradique Mendes, as quais foram selecionadas por esse mesmo narrador. O autor da obra cria uma trama em que primeiro é apresentada a biografia de Fradique para só depois apresentar sua produção. Desta forma, Eça consegue confundir seus leitores entre o real e o fictício.

Para que tenhamos um melhor entendimento sobre o protagonista da obra, é necessário trazer alguns esclarecimentos sobre seu processo de criação. Segundo Carlos Reis, em sua obra *Estudos Queirosianos* (2001), Carlos Fradique Mendes

surge, pela primeira vez, em 1869, como um poeta satânico, cujos poemas foram publicados no jornal *A revolução de setembro*. Alguns meses depois, surge uma nova publicação no jornal *O primeiro de Janeiro*, com uma coletânea denominada *Poemas do Macadam*. Esse personagem, como dissemos, foi criado no auge da juventude desses intelectuais da geração de 70, e trazia características um pouco excêntricas, “como um certo exotismo e dantismo, também com uma inclinação para o satânico” (REIS, 2001, p. 137-138).

Esse primeiro momento de Carlos Fradique Mendes é marcado por uma produção de conteúdos ideológico-culturais influenciados diretamente por Baudelaire, com uma forte tendência decadentista, muitas referências exóticas e um certo dantismo. O poeta apresenta poemas ultrarromânticos, como “Serenata de Satã às estrelas” e “As flores do asfalto”. Segundo Reis (2001), esses poemas despertaram uma inquietação da juventude lisboeta da época, que foi em busca de novas publicações do tal poeta ainda desconhecido pelo público.

Ao que tudo indica, Eça e seus amigos inventaram o poeta Fradique Mendes apenas como uma brincadeira com o seu público, pois eles sabiam que seus leitores tinham por hábito um interesse em saber da vida íntima de personagens ilustres. Esse tipo de publicação era bastante popular. Daí, a crítica e ironia na criação de uma personagem que é tão fictícia quanto seus poemas. Após um ano da primeira aparição de Fradique Mendes, ele reaparece, mas agora como uma personagem do romance *O mistério da estrada de Sintra*, em 1870, ainda como um poeta satânico.

Muito tempo depois, Eça de Queiroz percebe que Carlos Fradique Mendes deveria voltar. Em 1888, o escritor resolve criar *A Correspondência de Fradique Mendes*, que só foi publicado em 1900, postumamente. Para dar uma impressão de que Fradique realmente existiu, Eça também cria um narrador em primeira pessoa no primeiro momento da obra. Ele é quem vai relatar sobre seus laços de amizade com Fradique Mendes, sinalizando-nos para uma trajetória que nos possibilita localizar pontos em comum entre ele e o próprio Eça de Queiroz. Em nenhum momento, esse narrador se identifica como sendo Eça, mas o leitor conhecedor da obra do escritor português logo percebe essa aproximação, possibilidade que também nunca foi negada:

Durante anos não tornei a encontrar Fradique Mendes, que concentrara as suas jornadas dentro da Europa Ocidental — enquanto eu errava pela América, pelas Antilhas, pelas repúblicas do golfo do México. E quando a

minha vida enfim se aquietou numvelho condado rural de Inglaterra, Fradique, retomado por essa bisbilhotice etnográfica, a que ele alude numa carta a Oliveira Martins, começava a sua longa viagem ao Brasil, aos Pampas, ao Chile e à Patagónia. (QUEIROZ, 2000, p. 63-64).

É perceptível o quanto Eça de Queiroz se empenhou para dar veracidade à existência de Carlos Fradique Mendes. O narrador inicia sua apresentação se colocando como um leitor de Fradique desde o tempo em que o poeta publicou seus poemas em uma das edições do jornal *A revolução de setembro*, de 1867. Percebe-se que esse narrador é um grande admirador seu:

A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880, em Paris, pela Páscoa, — justamente na semana em que ele regressara da sua viagem à África Austral. O meu conhecimento, porém, com esse homem admirável datava de Lisboa do ano remoto de 1867. Foi no Verão desse ano, uma tarde, no café Martinho, que encontrei, num número já amarrotado da *Revolução de Setembro*, este nome de C. Fradique Mendes, em letras enormes, por baixo de versos que me maravilharam. Os temas («os motivos emocionais», como nós dizíamos em 1867) dessas cinco ou seis poesias, reunidas em folhetim sob o título de LAPIDÁRIAS, tinham logo para mim uma originalidade cativante e bem-vinda. Era o tempo em que eu e os meus camaradas de Cenáculo, deslumbrados pelo Lirismo Épico da *LégendedesSiècles*, «o livro que um grande vento nos trouxera de Guernesey» — decidíamos abominar e combater a rijos brados o Lirismo íntimo, que, enclausurado nas duas polegadas do coração, não compreendendo dentre todos os rumores do Universo senão o rumor das saias de Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monótona e interminável confidência de glórias e martírios de amor. (QUEIROZ, 2000, p.17).

Com o título de “Lapidárias”, os versos do poeta Fradique Mendes causaram uma fascinação no narrador em questão, ainda que as datas não estivessem sido confirmadas – os poemas de Fradique, como já dito, apareceram em 1869. Carlos Reis (2001) afirma que é notável, nas palavras do narrador, que há vários pontos em conformidade entre a trajetória do protagonista do romance e a do próprio Eça. Dentre essas coincidências está a referência ao Cenáculo. Assim, essa aproximação se reforça ainda mais, principalmente no que diz respeito à ideologia do autor da obra nessa época. Segue outra sequência dessa mesma narrativa:

Ora Fradique Mendes pertencia evidentemente aos poetas novos que, seguindo o Mestre sem igual da *Légende des Siècles*, iam, numa universal simpatia, buscar motivos emocionais fora das limitadas palpitações do coração — à História, à Lenda, aos Costumes, às Religiões, a tudo que através das idades, diversamente e unamente, revela e define o Homem. Mas além disso Fradique Mendes trabalhava um outro filão poético que me seduzia-o da Modernidade, a notação fina e sóbria das graças e dos horrores da Vida, da Vida ambiente e costumada, tal como a podemos testemunhar ou pressentir nas ruas que todos trilhamos, nas moradas vizinhas das nossas,

nos humildes destinos deslizando em torno de nós por penumbras humildes. (QUEIROZ, 2000, p. 18).

Verificamos que, além dessa passagem do romance, há muitos outros pontos de contato que se identificam entre Eça e Fradique. Porém, não nos deteremos nessa questão, haja vista que nosso objetivo não é apresentar um cenário das coincidências identificadas entre o autor, o narrador e o protagonista do romance. O motivo pelo qual trouxemos a presente obra para análise em nosso trabalho é apresentar a transformação ocorrida na trajetória de vida de Carlos Fradique Mendes, que coincide com as mesmas mudanças pelas quais o escritor português também passará durante seu percurso literário. A partir daí, sublinhamos o fato de que essas transformações apontam para um outro olhar que Eça de Queiroz lança para a imagem do Brasil e do brasileiro. Esse é o nosso objetivo.

Assim, é necessário lembrar que, nessa obra, Eça brinca o tempo todo com o leitor quando cria o personagem em questão, pois a ele o autor transfere todo o seu discurso. Logo, nessa brincadeira, Eça consegue fazer suas críticas e através de Fradique Mendes dar voz a sua própria visão de mundo, tal como podemos verificar nessa cena, na qual podemos vislumbrar o impacto causado por Fradique Mendes no narrador, quando apresenta seu novo posicionamento sobre a literatura da época:

Eu acudi afirmando, todo em chama, que depois da obra de Baudelaire nada em Arte me impressionara como as LAPIDÁRIAS! E ia lançar a minha esplêndida frase, burilada nessa noite com paciente cuidado: — «A forma de V. Ex.^a é um mármore divino...» Mas Fradique deixara o divã e pousava em mim os olhos finos de ónix, com uma curiosidade que me *verrumava*. — Vejo então — disse ele — que é um devoto do maganão das *Flores do Mal*!

Corei, àquele espantoso termo de maganão. E, muito grave, confessei que para mim Baudelaire dominava, à maneira de um grande astro, logo abaixo de Hugo, na moderna Poesia. Então Fradique, sorrindo paternalmente, afiançou que bem cedo eu perderia essa ilusão! Baudelaire (que ele conhecera), não era verdadeiramente um poeta. Poesia subentendia emoção: e Baudelaire, todo intelectual, não passava dum psicólogo, dum analista — um dissecador subtil de estados mórbidos. As *Flores do Mal* continham apenas resumos críticos de torturas morais que Baudelaire muito finamente compreendera, mas nunca pessoalmente *sentira*. [...] Tanto assim que Baudelaire compusera primeiro em prosa as *Flores do Mal* — e só mais tarde, depois de rectificar a justeza das análises, as passara a verso, laboriosamente, com um dicionário de rimas!... De resto em França (acrescentou o estranho homem) não havia poetas. (QUEIROZ, 2000, p. 40-41).

Como se observa, a relação que se estabelece entre Eça de Queiroz e Fradique Mendes encontra-se demarcada pela alteridade, de modo que nela se pode

identificar profundas nuances entre o criador e seu personagem. A esse respeito, Carlos Reis (2001) dedicou um capítulo intitulado “Fradique Mendes: origem e modernidade de um projeto heteronímico” em que analisa a relação entre Eça e Fradique com muita profundidade e certifica-se de que Fradique fazia parte de um projeto que tinha como objetivo levá-lo a ser o heterônimo de Eça. O crítico literário conclui, porém, que isso não pôde ser totalmente concretizado, mas ressalta que “ao dobrar da esquina estava a fragmentação heteronímica” dessa relação (REIS, 2015, p. 8-9).

Esse artifício narrativo surgiu quando o escritor português demonstrou-se muito “preocupado em acentuar o que existe de novo nesse Fradique meio ressuscitado, meio reconstruído: o vigor do temperamento, a originalidade do pensamento, a requintada sensibilidade” (REIS, 2001, p. 142). Reis também esclarece que o projeto de se construir uma entidade de perfil heteronímico fosse talvez muito avançado para a época e por isso não podemos afirmar que Fradique Mendes se configure como um heterônimo de Eça. Desse modo, essa estratégia funciona mais como um artifício narrativo, um projeto literário, uma espécie de brincadeira do autor.

Partindo dessa reflexão, verifica-se que, mesmo por muito pouco, o projeto heteronímico não se concretizou. Entretanto, é possível perceber ainda assim que Eça de Queiroz continua jogando com o leitor na tentativa de fazê-lo acreditar na existência de Fradique Mendes. Há um esforço de Eça para convencer seu leitor disso. Vejamos como o autor da obra descreveu esse novo Fradique, o qual, segundo Carlos Reis, encontrava-se “perfeitamente ajustado à referência a uma personalidade que realmente tivesse existido” (REIS, 2001, p. 142). Segue a descrição que Eça confere a Fradique em uma carta a Oliveria Martins:

Trata-se, como desde logo deduzes, de fazer para Fradique (não sei se tu te lembras deste velho amigo) o que está na moda fazer a todos os grandes homens que morrem – publicar-lhe as cartas particulares. Fradique foi um grande homem – inédito. Eu revelo-o aos seus concidadãos, publicando-lhes a correspondência. Se bem te recordas dele, Fradique, no nosso tempo, era um pouco cômico. Este novo Fradique que eu revelo é diferente – verdadeiro grande homem, pensador original, temperamento inclinado às acções fortes, alma requintada e sensível... Enfim, o diabo! (REIS, 2001, p. 142).

É importante constar que Eça de Queiroz faz ressurgir esse personagem em um período finissecular. Esse período, portanto, já é marcado por muitas tensões que a própria noção de “fim” causa. Uma certa exaustão de um tempo que traz

também muitas angústias, preocupações e até mesmo traumas – “Para Portugal o fim do século XIX foi um tempo de crise profunda e de decadência das instituições, em particular a monarquia e a democracia parlamentar” (REIS, 2015, p. 8). Vale lembrar que nesse período Portugal também passa por uma grande humilhação com o Ultimato²⁷ inglês (1890). Para Eça de Queiroz (1915), tal evento foi, sem dúvida, o acontecimento que mais abalou a sociedade portuguesa daquela época. Consta-se também que a humilhação do Ultimato inglês serviu de mote para ser iniciada uma profunda reflexão sobre algo que já vinha causando uma certa inquietação dos intelectuais da época: um sentimento de buscar uma nacionalidade que despertasse o amor pela pátria lusitana. Isso resultou em um movimento de atitudes patrióticas, com um sentimento coletivo de voltar às origens da verdadeira identidade nacional.

A partir daí, há uma negação aos modelos europeus dos quais outrora os jovens intelectuais portugueses tanto tentaram se aproximar. Com efeito, é nesse clima de retorno às origens que a intelectualidade portuguesa da época vai trazer uma valorização das tradições verdadeiramente lusitanas e um despertar para uma identidade portuguesa genuína, original e espontânea. Assim, essa época fica marcada por uma forte tentativa de reforçar o reconhecimento da necessidade do estudo histórico para o conhecimento das novas formas de progresso. Aquelas ideias, antes expressas pela Geração de 70, nas Conferências do Casino, agora passam por uma metamorfose pela qual os caminhos percorridos vão em busca de uma ambicionada regeneração nacional.

É a partir daí que Eça de Queiroz, também já liberto dos excessos dessa “civilização europeizada”, escreve primeiro o Conto “Civilização”, publicado em 1892, originando o romance *As Cidades e as Serras* (1901). Nesses textos, Eça aborda valores que trazem questionamentos e se relacionam com a índole e a cultura nacional. Podemos dizer que é nesse contexto que Fradique Mendes passa a ser ainda mais admirado pelo narrador da primeira parte da obra *A Correspondência de*

²⁷As autoridades inglesas enviaram um telegrama ao governo português no dia 11 de janeiro de 1890. Era o Ultimato, uma exigência da retirada imediata das forças militares portuguesas, mobilizadas nos territórios entre Angola e Moçambique. Se Portugal não cumprisse a exigência, a Inglaterra entraria com uma intervenção militar. Portugal acatou a ordem inglesa, causando muita indignação e um forte sentimento nacional de humilhação, principalmente por partes dos intelectuais. (QUEIRÓS, Eça. O Ultimatum, in, *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1915, p. 266-298)

Fradique Mendes, exatamente pela originalidade de seus pensamentos, ideias e atitudes:

O que impressionava logo na Inteligência de Fradique, ou antes na sua maneira de se exercer, era a suprema liberdade junta à suprema audácia. Não conheci jamais espírito tão impermeável à tirania ou à insinuação das «ideias feitas»: e decerto nunca um homem traduziu o seu pensar original e próprio com mais calmo e soberbo desassombro. (QUEIROZ, 2000, p. 24).

Nesse período de fim de século, também surge uma nova fase na vida de Eça, a qual ficou conhecida como “O último Eça”. Não se pretende fazer aqui um estudo detalhado desse momento, visto que o assunto tem muito a ser dito. Situamos apenas a temporalidade que marcou mudanças na literatura de Eça, discutindo sobre esse novo Fradique como sendo fruto dessa fase final da literatura do autor e também de um final de século.

Com efeito, nessa nova fase da vida literária do escritor, está muito evidente uma maturidade que o leva até mesmo a avaliar suas próprias atitudes. Na advertência do texto “O País e a Sociedade Portuguesa”, introdução de *Uma Campanha Alegre* (1890-1891), que em sua primeira edição foi intitulada de *Das Farpas*: (1871-1872), aparece nitidamente essa mudança de comportamento, conferida na reflexão do próprio Eça de Queiroz:

Quem era eu, que força ou razão superior recebera dos deuses, para assim me estabelecer na minha terra em justiceiro destruidor de monstros?... A mocidade tem destas esplêndidas confianças; só por amar a Verdade imagina que a possui; e, magnificamente certa da sua infalibilidade, anseia por investir contra tudo o que diverge do seu ideal, e que ela portanto considera Erro. Irremissível Erro, fadado à exterminação. Assim foi que, chegando da Universidade com o meu Proudhon mal lido debaixo do braço, me apressei a gritar na cidade em que entrava – «Morte à Tolice!» E desde então, à ilharga de Ramalho Ortigão, não cessei durante dois anos de arremessar farpas, uma após outra, para todos os lados (QUEIROZ, 2000, p. 661).

Trata-se de uma autocrítica sobre sua trajetória na literatura, crítica que também se estende ao Naturalismo, tendo em vista que, nessa mudança do escritor, verifica-se uma transformação na sua estética que resulta do reconhecimento nas limitações da razão e do cientificismo positivista, que o levou a se afastar dos dogmas da escola Realista e das armadilhas do Naturalismo. Segue a reflexão do escritor português:

[...] vinte anos são passados; – e hoje releio essas páginas amareladas das *Farpas*. Que encontro nelas? [...] por determinação minha eu deixaria essas

Farpasnos breves folhetos amarelos onde o Diabo ri por trás de um óculos, já tão raros, e cada vez mais sumidos nessa corrente vaga chamada “dos Tempos” que providencialmente vai acarretando tudo o que se tornou inútil, folhas de lírio e folhas de louro, os homens, as suas ilusões imensas, e os seus pequeninos livros. As minhas FARPAS surgem à superfície, enferrujadas, sem gume e sem brilho, como as antigas armas de uma batalha de que ninguém sabe o nome. Que importa? (QUEIROZ, 2000, p. 661-662).

A partir da reflexão de Eça, é possível entrever a importância que o escritor confere ao “brasileiro” como um tipo português em sua ficção, mobilizando um conhecido estereótipo cultural na perspectiva de gerar uma reflexão sobre o próprio povo lusitano. No romance *A Correspondência de Fradique Mendes*, o autor trata sobre os mais diversos temas, como a reflexão sobre a descaracterização da sociedade portuguesa frente ao seu afrancesamento, a crítica de costumes em relação aos excessos da “civilização”, a vida cotidiana portuguesa, de onde emergem seus principais tipos, como o político constitucionalista, o religioso hipócrita e o brasileiro de torna-viagem. A respeito deste último tipo português, deteremo-nos mais aprofundadamente nesta seção, a fim de identificar como o autor o ficcionaliza frente ao contexto da última etapa de sua produção literária, ressaltando como essas novas nuances transparecem no denominado “Último Eça”. Nessa perspectiva, selecionamos a seguir as cartas cujo diálogo está diretamente relacionado com a temática da pesquisa.

Na carta de número X, para uma certa Madame de Jouarre, Fradique informa a sua madrinha sobre sua rotina em Lisboa. Ele conta que se encontrou com um parente “que vive há três anos no terceiro andar duma casa de hóspedes, na Travessa da Palha” (QUEIROZ, 2000, p. 169). Fradique visita seu parente com frequência, passando a conhecer os outros hóspedes da casa. O afilhado conta a sua madrinha que conheceu um certo brasileiro, chamado Pinho. Segue a descrição do hóspede mais antigo da casa:

Na casa, bem afreguesada, há agora sete hóspedes — e todos fiéis, sólidos, gastando, com os extras, de quarenta e cinco a cinquenta mil réis por mês. O mais antigo, o mais respeitado (e aquele que eu precisamente já conheço) é o Pinho — o Pinho brasileiro, o comendador Pinho. É ele quem todas as manhãs anuncia a hora do almoço (o relógio do corredor ficou desarranjado desde o Natal), saindo do seu quarto às dez horas, pontualmente, com a sua garrafa de água de Vidago, e vindo ocupar à mesa, já posta, mas ainda deserta, a sua cadeira, uma cadeira especial de verga, com almofadinha de vento. Ninguém sabe deste Pinho nem a idade, nem a família, nem a terra de província em que nasceu, nem o trabalho que o ocupou no Brasil, nem as origens da sua comenda. (QUEIROZ, 2000, p. 172).

O que chama atenção para o tema da carta, que no primeiro momento parecia se tratar da rotina de Fradique em Lisboa, é o fato da importância que o autor da carta confere a esse brasileiro, pois logo percebemos que a ele é dedicado o assunto principal da correspondência. Todo o texto tem como propósito trazer a figura do brasileiro de torna-viagem, com sua aparência, seus hábitos e sua rotina. Ao descrever a rotina de Pinho, Eça nos remete a lembrar daqueles que compõem – como dito na seção anterior – uma galeria de personagens inúteis, que contribuem muito para o atraso do país (vide Basílio e Conselheiro Acácio). Interessante pensar que esse torna-viagem aparece nessa carta muito distinto daqueles que Eça costumava trazer:

Chegou uma tarde de Inverno num paquete da Mala Real; passou cinco dias no Lazareto; desembarcou com dois baús, a cadeira de verga, e cinquenta e seis latas de doce de tijolo; tomou o seu quarto nesta casa de hóspedes, com a janela para a travessa; e aqui engorda, pacífica e risonhamente, com os seis por cento das suas inscrições. É um sujeito atochado, baixote, de barba grisalha, a pele escura, todaem tons de tijolo e de café, sempre vestido de casimira preta, com uma luneta de ouropendente duma fita de seda, que ele, na rua, a cada esquina, desemaranha do cordão de ouro do relógio, para ler com interesse e lentidão os cartazes dos teatros. A sua vida tem uma dessas prudentes regularidades, que tão admiravelmente concorrem para criar ordem nos Estados. (QUEIROZ, 2000, p. 172).

Esse personagem-tipo faz parte do imaginário ficcional de Eça, mas, desta vez, não é só isso. Verificamos que, nos primeiros textos do escritor lusitano, que trazia a imagem do brasileiro de torna-viagem, havia, para além da caricatura que o ridicularizava, uma ambiguidade carregando sempre um duplo sentido em relação à identidade desse tipo que ora era o português emigrado, ora era o brasileiro nato. Agora, é notável que o escritor abre mão tanto da imagem caricaturizada quanto desse duplo sentido, pois, em nenhum momento, o narrador coloca em choque a identidade brasileira.

Eça de Queiroz parece realmente estar se referindo ao próprio português, ou seja, ao emigrado que volta para Portugal. Como vimos, em seus primeiros textos sobre o brasileiro de torna-viagem, Eça de Queiroz tecia suas críticas pelo fato desse emigrado retornar a Portugal com ares demasiadamente brasileiros, selvagem, com características extravagantes de um tropicalismo ridículo na visão lusitana. Agora, no entanto, as críticas de Eça discorrem para um emigrado que retorna ainda mais europeizado do que quando partiu. Um ser demasiadamente acomodado. Esse ócio está evidente na descrição da rotina de Pinho:

Depois de almoço calça as botas de cano, lustra o chapéu de sedae vai muito devagar até à Rua dos Capelistas, ao escritório térreo do corretor Godinho, onde passa duas horas pousado num mocho, junto do balcão, com as mãos cabeludas encostadas ao cabo do guarda-sol. Depois entala o guarda-sol debaixo do braço, e pela Rua do Ouro, com uma pachorra saboreada, parando a contemplar alguma senhora desedada mais tufada, ou alguma vitória de librés mais lustrosas, alonga os passos para atabacaria Sousa, ao Rossio, onde bebe um copo de água de Caneças, e repousa até que atarde refresque. Segue então para a Avenida, a gozar o ar puro e o luxo da cidade, sentado num banco; ou dá a volta ao Rossio, sob as árvores, com a face erguida e dilatada embem-estar. Às seis recolhe, despe e dobra a sobrecasaca, calça os chinelos de marroquim, enverga uma regalada quinzena de ganga, e janta, repetindo sempre a sopa. (QUEIROZ, 2000, p. 172-173).

A construção desse personagem se volta para uma grande reflexão que Eça de Queiroz faz ao questionar uma identidade genuinamente nacional. Essa nova figura do brasileiro de torna-viagem problematiza uma questão da identidade, tanto para Portugal quanto para o Brasil. Pinho é o português emigrado que já não volta modificado pelos modos brasileiros, como voltara Basílio.

Podemos perceber que o pedido de Pinho sobre a sua última morada é o mesmo que o Conselheiro Acácio – que nunca esteve no Brasil – também faz na obra *O Primo Basílio* – o personagem não gosta de exageros, o que se reflete bem nas palavras do narrador: “Mesmo acerca dum ponto tão importante, como é para um comendador o seu mausoléu, Pinho pouco requer: - apenas uma pedra lisa e decente, com o seu nome, e um singelo *orai por ele*”. (QUEIROZ, 2000, p.175). Ressaltamos aqui que Acácio nunca esteve no Brasil, a fim de reforçar nossa afirmação de que Pinho não adquiriu características brasileiras, haja vista que seus modos e vontades coincidem com os mesmos do português que nunca emigrou. Segue ainda outras descrições de Pinho, indo ao encontro de nossa afirmação:

Nas funções do sentimento, Pinho só pretende modestamente (como revelou um dia ao meu primo) «não apanhar uma doença». Com as coisas públicas está sempre agradado, governe este ou governe aquele, contanto que a polícia mantenha a ordem, e que não se produzam nos princípios e nas ruas distúrbios nocivos ao pagamento do cupão. E enquanto ao destino ulterior da sua alma, Pinho (como ele a mim próprio me assegurou) — «só deseja depois de morto que o não enterrem vivo». (QUEIROZ, 2000, p.174-175).

Assim, com muita ironia, o autor do romance situa o leitor naquilo que ele confere como o verdadeiro papel do torna-viagem dentro de Portugal. Sinalizamos para essa mudança que Eça confere a esse brasileiro, visto que nela o autor também

traz uma crítica sobre o estilo de vida que a nação brasileira estava vivendo naquela época. Ainda seguimos com a descrição da rotina do Comendador Pinho:

Depois do café dá um «higiênico» pela Baixa, com demoras pensativas, mas risonhas, diante das vitrinas de confeitarias e de modas; e em certos dias sobe o Chiado, dobra a esquina da Rua Nova da Trindade, e regateia, com placidez e firmeza, uma senha para o Ginásio. Todas as sextas-feiras entra no seu banco, que é o *London Brazilian*. Aos domingos, à noite, com recato, visita uma moça gorda e limpa que mora na Rua da Madalena. Cada semestre recebe o juro das suas inscrições. (QUEIROZ, 2000, p. 173).

A partir daí, vislumbramos o fato de que, no romance *A Correspondência de Fradique Mendes*, as críticas que Eça faz se elevam para discussões de cunho mais social e menos agressivo. Agora, aquela preocupação que antes consistia em desafetos, em ficar espetando o brasileiro, menosprezando-o com suas pejorativas farpas, como uma figura caricaturizada, com exageiros do ridículo, já não reaparece no discurso dessa carta. Para bem dizer, esse termo “brasileiro” só aparece nessa obra, pois a ele, ao emigrante português que retorna à pátria, conferia-se essa insígnia na época. Porém, agora as críticas recaem sobre o próprio povo lusitano que convive com o ócio, com a incapacidade, a inutilidade, o egoísmo, a ganância desmedida pelo lucro. A tudo isso, as críticas de Eça ainda são bem contundentes:

Toda a sua existência é assim um pautado repouso. Nada o inquieta, nada o apaixona. O Universo, para o comendador Pinho, consta de duas únicas entidades — ele próprio, Pinho, e o Estado que lhe dá os seis por cento: portanto o Universo todo está perfeito, e a vida perfeita, desde que Pinho, graças às águas de Vidago, conserve apetite e saúde, e que o Estado continue a pagar fielmente o cupão. De resto, pouco lhe basta para contentar a porção de Alma e Corpo de que aparentemente se compõe. A necessidade que todo o ser vivo (mesmo as ostras, segundo afirmam os Naturalistas) tem de comunicar com os seus semelhantes por meio de gestos ou sons, é em Pinho pouco exigente. [...] À mesa, contanto que lhe sirvam uma sopa suculenta, num prato fundo, que ele possa encher duas vezes — fica consolado e disposto a dar graças a Deus. (QUEIROZ, 2000, p. 173-174).

Retoma-se aqui o tempo em que Eça de Queiroz situa esse romance. Essa é a fase do “Último Eça”, um escritor que agora se apresenta com uma certa sensibilidade outrora não existente. Além de se mostrar mais favorável às questões nacionalistas, voltando um certo interesse para o passado histórico de Portugal, Eça também passa a discutir sobre o sentimento de ser português, sobre o amor pela cultura de seu país, sobre a decadência desse período finissecular que afetava a política e a economia de Portugal. Frisa-se que, nessa fase, o escritor passa a trazer esses assuntos para serem refletidos, e não para acentuar ainda mais os aspectos

negativos de seu país, como visto em seus primeiros textos. Eça fazia os mesmos questionamentos, mas agora os tecia com muita reflexão, sem abrir mão da ironia. Esse estilo vai acompanhá-lo até seus últimos escritos:

Erraríamos, porém, minha querida madrinha, em supor que Pinho seja alheio a tudo quanto seja humano. Não! Estou certo que Pinho respeita e ama a Humanidade. Somente a Humanidade, para ele, tornou-se, no decurso da sua vida, excessivamente restrita. Homens, homens sérios, verdadeiramente merecedores desse nobre nome, e dignos de que por eles se mostre reverência, afecto, e se arrisque um passo que não canse muito — para Pinho só há os prestamistas do Estado. (QUEIROZ, 2000, p. 175).

Constata-se que, nessa última fase literária de Eça, ele também retratou uma sociedade em decadência, mesquinha, com limitações de perspectivas de um horizonte pleno para seu Portugal. O autor da obra apresenta Pinho, nessa carta, com a perspectiva de criticar também o comportamento do português, porque “é essa cultura de emigração que em parte origina uma economia estática, fundada na prática de uma poupança passiva, aquém de qualquer lógica de investimento ou desenvolvimento” (REIS, 2011, p.92). Para Eça, portugueses como Pinho, egoístas e ambiciosos, são os responsáveis pela falta de ação política e econômica do país. Não investem no desenvolvimento da nação e apenas se preocupam em garantir o lucro com os juros de sua poupança. Segue essa crítica de Eça com muita ironia e bom humor:

Assim, meu primo Procópio, com uma malícia bem inesperada num espiritualista, contou-lhe há tempos em confiança, arregalando os olhos, que eu possuía muitos papéis! muitas apólices! muitas inscrições!... Pois na primeira manhã que voltei, depois dessa revelação, à casa de hóspedes, Pinho, ligeiramente corado, quase comovido, ofereceu-me uma boceta de doce de tijolo embrulhada num guardanapo. Acto tocante, que explica aquela alma! Pinho não é um egoísta, um Diógenes de rabona preta, secamente retraído dentro da pipa da sua inutilidade. Não. Há nele toda a humana vontade de amar os homens seus semelhantes, e de os beneficiar. Somente quem são, para Pinho, os seus genuínos «semelhantes»? Os prestamistas do Estado. E em que consiste para Pinho o acto de benefício? Na cessão aos outros daquilo que a ele lhe é inútil. Ora Pinho não se dá bem com o uso da goiabada — e logo que soube que eu era um possuidor de inscrições, um seu semelhante, capitalista como ele, não hesitou, não se retraiu mais ao seu dever humano, praticou logo o acto de benefício, e lá veio, ruborizado e feliz, trazendo o seu doce dentro dum guardanapo. (QUEIROZ, 2000, p.175).

É perceptível que Fradique Mendes, por vezes, faz alguns questionamentos nessa carta, a fim de deixar evidente que Pinho carrega os defeitos e os vícios do próprio português (“Somente quem são, para Pinho, os seus genuínos

semelhantes? Os prestamistas do Estado.”²⁸). Aqui, como em outras cenas, verifica-se que o escritor português faz essa crítica acirrada ao seu povo que vive da especulação financeira, como se observa em: “E em que consiste para Pinho o acto de benefício? Na cessão aos outros daquilo que a ele lhe é inútil”²⁹. Chamamos atenção para esse momento:

É o comendador Pinho um cidadão inútil? Não, certamente! Até para manter em estabilidade e solidez, a ordem duma nação, não há mais prestadio cidadão do que este Pinho, com a sua placidez de hábitos, o seu fácil assentimento a todos os feitos da coisa pública, a sua conta do banco verificada às sextas-feiras, os seus prazeres colhidos em higiênico recato, a sua reticência, a sua inércia. Socialmente, Pinho é um lobinho. Ora nada mais inofensivo que um lobinho: e nos nossos tempos, em que o Estado está cheio de elementos mórbidos, que o parasitam, o sugam, o infeccionam e o sobreexcitam, esta inofensibilidade de Pinho pode mesmo (em relação aos interesses da ordem) ser considerada como qualidade meritória. Por isso o Estado, segundo corre, o vai criar barão. E barão dum título que os honra a ambos, ao Estado e a Pinho, porque é nele simultaneamente prestada uma homenagem graciosa e discreta à Família e à Religião. O pai de Pinho chamava-se Francisco — Francisco José Pinho. E o nosso amigo vai ser feito barão de S. Francisco. (QUEIROZ, 2000, p. 176).

Observa-se, na cena apresentada, que a imagem do brasileiro de torna-viagem, estereotipada por Eça de Queiroz, que outrora trazia uma crítica ao brasileiro nato e seus modos tão caricaturizados, agora aparece suavizada, isso porque suas críticas não são mais voltadas ao brasileiro. É muito perceptível que toda a ironia de Eça é voltada às características de ser português, e não de ser brasileiro. Todas os atributos apresentados em Pinho, durante todo o texto, remetem ao jeito lusitano de ser, ainda muito europeizado. Interessante pensar que Eça traz esse personagem-tipo a fim de levantar também um questionamento sobre a identidade brasileira da época.

Num primeiro momento, o escritor trazia esse personagem-tipo para que aparecesse o próprio português que nunca havia saído de Portugal. Antes, Eça fazia esse contraponto entre o brasileiro e o português como forma de questionar a identidade de cada um e, ainda, de sobrepor a identidade portuguesa à brasileira. Agora, verifica-se que o escritor lusitano traz o “brasileiro” Pinho, o português emigrado quando retorna, para destacar que esse português não foi contaminado pelo calor do clima tropical, não voltou trigueiro, nem queimado pelo sol. Todas essas

²⁸ Ibidem, p. 175.

²⁹ Ibidem, p. 175.

características que foram atribuídas à aparência de Basílio, no seu retorno, agora já não aparecem no brasileiro Pinho.

Eça levanta uma problematização trazendo essa nova imagem do brasileiro de torna-viagem. Isso porque, se o personagem não volta com os hábitos e costumes do povo brasileiro, se não sofreu a contaminação do colonizado e retorna ainda mais europeizado, remete-nos a pensar que o Brasil, como já fizera Portugal, também passava por um processo de desnacionalização se afastando das suas origens. Assim como Portugal, faltava uma identidade genuína para o Brasil, aspecto que veremos na análise da carta de Fradique a Eduardo Prado.

Nesse momento da vida do autor, chamam atenção seus personagens, agora mais reflexivos quanto ao estilo de vida, haja vista que são mais voltados ao bucolismo do campo do que ao deslumbramento com a cidade. Tal comportamento está refletido na despedida dessa carta. Vejamos como Fradique se despede da madrinha, descrevendo a natureza sem se referir à cidade como grande centro urbano, mas observando o que nela ainda resta de mais natural:

Adeus, minha querida madrinha! Vamos no nosso décimo-oitavo dia de chuva! Desde o começo de junho e das rosas, que neste país de sol sobre azul, na terra trigueira da oliveira e do louro, queridos a Febo, está chovendo, chovendo em fios de água cerrados, contínuos, imperturbados, sem sopro de vento que os ondule, nem raio de luz que os diamantize, formando das nuvens às ruas uma trama mole de humidade e tristeza, onde a alma se debate e definha, como uma borboleta presa nas teias duma aranha. (QUEIROZ, 2000, p. 176).

Miguel Real afirma que, nessa fase literária do escritor português, o método a ser seguido por Eça é “indubidavelmente, não a observação realista (que permanecerá, mas mitigada), mas o método comparativo: “a comparação entre tempos diversos, entre civilizações diversas, entre fases diversas de uma mesma civilização” (REAL, 2006, p.133-134). Na comparação há mais relativização, uma autonomia em seu discurso: “Ora, é justamente esse o método usado em *A correspondência de Fradique Mendes*”³⁰. No que tange às críticas, embora estejam mais amenas, elas não se ausentam:

Estamos em pleno versículo XVII, do capítulo VII do «Génese». No caso destas águas do céu não cessarem, eu concluo que as intenções de Jeová, para com este país pecador, são diluvianas; e, não me julgando menos digno da Graça e da Aliança divina do que Noé, vou comprar madeira e betume, e

³⁰ Ibidem, p. 133-134.

fazer uma Arca segundo os bons modelos hebraicos ou assírios. Se por acaso, daqui a tempos, uma pomba branca for bater com as asas à sua vidraça, sou eu que aportei ao Havre na minha Arca, levando comigo, entre outros animais, o Pinho e a D. Paulina, para que mais tarde, tendo baixado as águas, Portugal se repovoe com proveito, e o Estado tenha sempre Pinhos a quem peça dinheiro emprestado, e Quinzinhos gordos com quem gaste o dinheiro que pediu a Pinho. Seu afilhado do coração. — FRADIQUE. (QUEIROZ, 2000, p. 176).

A partir daí, verifica-se que, dentre as mudanças que foram observadas nessa nova fase da literatura de Eça, no romance *A correspondência de Fradique Mendes*, verifica-se que o narrador já não é mais um mero observador: além de analisar, ele interage, expressando suas ideias, seus sentimentos, seu posicionamento sobre determinado assunto.

Com efeito, ainda que mais amenas, as críticas de Eça não se concebem como menos provocadoras e contundentes, como veremos em outra carta de Carlos Fradique Mendes. O tema proposto também aparece na carta destinada ao brasileiro Eduardo Prado, um dos melhores amigos de Eça. O assunto do texto é uma crítica tecida por Fradique ao descrever o Brasil o qual conheceu. Sabendo da estada de Fradique Mendes no Brasil, Eduardo Prado escreve ao amigo, pedindo sua opinião sobre o país. Eis a resposta de Fradique:

Meu Caro Prado. — A sua tão excelente carta foi recebida no devoto dia de S. João, neste fresco refúgio de arvoredos e fontes, onde estou repousando dos sombrios esplendores da Amazónia, e da fadiga das águas atlânticas.[...] Mais duro e complicado é que eu lhe dê (como V. reclama tão azafamadamente) a minha opinião sobre o seu Brasil... E V., menos céptico que Pilatos, exige a Verdade, a nua Verdade, sem *chauvinismos* e sem enfeites... Onde a tenho eu, a Verdade? Não é, infelizmente, na *Quintada Saragoça* que se esconde, sob o cipreste e o louro, o poço divino onde ela habita. Só lhe posso comunicar uma impressão de homem que passou e olhou. E a minha impressão é que os Brasileiros, desde o Imperador ao trabalhador, andam a desfazer e, portanto, a estragar o Brasil. (QUEIROZ, s/d, p.98)³¹.

No início da carta, Fradique já sinaliza para uma grande decepção com o Brasil – “E a minha impressão é que os Brasileiros, desde o Imperador ao trabalhador, andam a desfazer e, portanto, a estragar o Brasil”³². Observamos, porém, que, ao descrever o local onde repousa no momento em que recebe a carta, Fradique está

³¹ Lê-se “sem data”. Segundo Carlos Reis, “por um (talvez) acidente editorial, a carta a Eduardo Prado acabou por ficar inédita e só postumamente foi publicada, no volume *Últimas Páginas*, em 1912” (REIS, 2011, p. 92). Nossas citações referentes a essa Carta, portanto, foram extraídas da edição virtual de *A Correspondência de Fradique Mendes*, disponível na Biblioteca Virtual Figaro. O link estará disponível nas referências.

³² Ibidem, p. 98.

totalmente retirado dos grandes centros urbanos. Encontra-se próximo à natureza, pois, em sua visão, é distante da civilização que se pode encontrar o verdadeiro sentido da vida. Isso, como já dito, aparece em outros textos de Eça, como “Civilização” e *A Cidade e as Serras*. Tal assunto é retomado nessa carta.

Como vimos nessa pesquisa, com a independência do Brasil, a ex-colônia e a antiga metrópole precisaram passar por um processo de redefinição da própria identidade enquanto país, povo e cultura. Portugal passava a buscar, no seu passado histórico, suas origens e tudo aquilo que fosse verdadeiramente português. Por outro lado, como também já mostramos nesse trabalho, o Brasil passa a importar os modelos europeus, mais especificamente o francês. A partir desse afastamento de suas próprias raízes, na visão de Fradique, seguem as críticas ao Brasil:

Nos começos do século, há uns 55 anos, os Brasileiros, livres dos seus dois males de mocidade, o ouro e o regime colonial, tiveram um momento único, e de maravilhosa promessa. Povo curado, livre, forte, de novo em pleno viço, com tudo por criar no seu solo esplêndido, os Brasileiros podiam nesse dia radiante, fundar a civilização especial que lhes apetecesse, com o pleno desafogo com que um artista pode moldar o barro inerte que tem sobre a tripeça de trabalho, e fazer dele, à vontade, uma vasilha ou um deus. Não desejo ser irrespeitoso, caro Prado, mas tenho a impressão que o Brasil se decidiu pela vasilha. (QUEIROZ, s/d, p. 98).

Percebe-se, nessas cenas da carta, que há uma crítica ao Brasil que tanto lutou por sua independência para poder vivenciar as suas próprias mitologias, mas que ainda continua convivendo com os fantasmas do colonialismo. Não podemos perder de vista que o escritor português faz essa crítica ao Brasil logo depois de ter consciência de que cometera esse mesmo engano ao tentar incorporar seu Portugal aos grandes centros europeus. Constatamos nessas críticas que tudo o que Eça critica nesse Brasil também já criticou em Portugal: falta de originalidade, de ideias, de sentimentos, de costumes, de uma literatura, de uma arte, de uma ética, de uma filosofia:

Tudo em redor dele, desde o céu que o cobre à indole que o governava, tudo patentemente indicava ao Brasileiro que ele devia ser um povo rural. [...] Não; o que eu queria é que o Brasil, desembaraçado do ouro imoral, e do seu D. João VI se instalasse nos seus vastos campos, e aí quietamente deixasse que, dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração dela, lhe fossem nascendo, com viçosa e pura originalidade, ideias, sentimentos, costumes, uma literatura, uma arte, uma ética, uma filosofia, toda uma civilização harmónica e própria, só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, as modas, aos hábitos importados da Europa. (QUEIROZ, s/d, p. 98).

Sublinhamos o fato de que nos textos, nos quais jaz as críticas ao Brasil, percebe-se que elas se voltavam para um olhar de alteridade do autor da obra para com nosso país, uma vez que em seu Portugal ele já convivera com esse mesmo mal. O que Eça faz na carta em análise é deslocar “a responsabilidade do discurso crítico[...] para a visão de Carlos Fradique Mendes” (REIS, 2011, p. 92). Portanto, é interessante pensar que Eça cria um outro Fradique para que apareça esse outro Eça. O autor da obra cria um personagem que agora “reivindica um Brasil *brasileiro*, um Brasil em que de certa forma se antecipam valores e representações que o primitivismo modernista do século XX tratou de reclamar”³³. Seguem as críticas de Eça nas quais também aparece uma forte reivindicação para que o Brasil retorne ao mundo rural, às origens, a uma nacionalidade genuína, afastando-se dessa civilização importada da Europa:

Pois bem, caro amigo! Em vez de terem escolhido esta existência que daria ao Brasil uma civilização sua, própria, genuína, de admirável solidez e beleza, — que fizeram os Brasileiros? Apenas as naus do senhor D. João VI se tinham sumido nas névoas atlânticas, os Brasileiros, senhores do Brasil, abandonaram os campos, correram a apinhar-se nas cidades e romperam a copiar tumultuariamente a nossa civilização europeia, no que ela tinha de mais vistoso e copiável. Em breve o Brasil ficou coberto de instituições alheias, quase contrárias à sua índole e ao seu destino, trazidas à pressa de velhos compêndios franceses. (QUEIROZ, s/d, p. 99).

Percebe-se também que, no discurso de Fradique, Eça coloca todo o seu ponto de vista, em relação ao Brasil que deveria ser um país efetivamente brasileiro, um Brasil que, logo após ter se libertado do colonialismo, deveria ter se reconciliado com uma autenticidade rural perdida, cuja identidade não fosse adulterada pela imitação de modelos europeus. Em seu discurso, há uma fusão com a natureza, uma conotação mais ingênua, fazendo Fradique pensar num Brasil como um espaço de ligação com o natural, um lugar idílico, não civilizado diante dos padrões europeus. Mas o Brasil que Fradique descreve é de um país que importa a própria identidade em nome da modernidade:

Sabe o que me parecia, para resumir a minha impressão numa imagem material, como recomenda Buffon? Que por todo o Brasil se estendera um antigo e coçado tapete, feito com os remendos da civilização europeia, e recoberto o tapete natural e fresco das relvas e das flores do solo... Concebe V. maior horror? Sobre um jardim perfumado, em pleno viço, tudo tapar, tudo

³³ Ibidem, p. 92.

abafar, rosas abertas e botões que vão abrir, com um tapete de lã, esburacado, poeirento, cheirando a bafio! (QUEIROZ, s/d, p.100)

Podemos perceber que, mesmo nunca estando no Brasil, Eça observava nosso país. O escritor português mantinha laços muito fortes com Brasil. Seu público leitor era expressivo. Eça tinha consciência da tentativa do Brasil de se afastar de Portugal, até porque essa relação é muito comum em se tratando da posição entre as duas nações. Esse sentimento é resultante de um sistema de dominação e opressão causado pelo colonialismo. Para Eça de Queiroz o Brasil se afastando de Portugal, também se afastava das suas raízes. Mas o discurso de Fradique Mendes se desloca à percepção de que a nossa nação se distanciava cada vez mais de sua espontaneidade, de sua originalidade, do jeito de ser brasileiro. Lembrando de que tudo isso, nessa nova concepção de Eça, só poderia ser encontrando longe das cidades, longe da urbanização, com uma vida simples, longe da civilização:

Não exijo para o Brasil as virtudes áureas e clássicas da Idade de Saturno. Só queria que ele vivesse uma vida simples, forte, original, como viveu a outra metade da América, a América do Norte, antes do Industrialismo, do Mercantilismo, do Capitalismo, do Dolarismo, e todos esses ismos sociais que hoje a minam e tornam tão tumultuosa e rude quando os colonos eram puritanos e graves; quando a charrua enobrecia; quando a instrução e a educação residiam entre os homens da lavoura; quando poetas e moralistas habitavam casas de madeira que as suas mãos construía; quando grandes médicos percorriam a cavalo as terras, levando familiarmente a farmácia nas bolsas largas da sela; quando governadores e presidentes da República saíam de humildes granjas; quando as mulheres teciam os linhos dos seus bragais e os tapetes das suas vivendas; quando a singeleza das maneiras vinha da candidez dos corações; quando os lavradores formavam uma classe que, pela virtude do saber, pela inteligência, podia ocupar nobremente todos os cargos do Estado; e quando a nova América espantava o Mundo pela sua originalidade, forte e fecunda. (QUEIROZ, s/d, p. 99).

Talvez Eça de Queiroz tenha mostrado um Brasil e um brasileiro como nenhum escritor havia apresentado antes. Esse segundo momento da literatura do escritor português nos faz refletir que o autor de *As cidades e as Serras* fazia isso em uma tentativa de despertar o Brasil para a busca de uma identidade nacional só sua. Vale dizer que, se no primeiro momento de sua carreira literária Eça era muito europeizado por conta da modernidade que ele tanto idealizara para seu Portugal, já agora, o escritor português se distancia dessa da civilização para se reencontrar com suas origens. Nesse distanciamento, ele busca suas tradições no mundo rural, no campo, na natureza, pois acredita que na Lisboa contaminada pelos vícios dos grandes centros Europeus já não existe mais a verdadeira identidade portuguesa.

Logo, constata-se que essas críticas de Eça sobre uma identidade genuinamente portuguesa e brasileira não se separam:

Eis o que eu queria, dilecto amigo! E considere agora como seria deliciosamente habitável um Brasil brasileiro! Por toda a parte, ricas e vastas fazendas. Casas simples, caiadas de branco, belas só pelo luxo do espaço, do ar, das águas, das sombras. Largas famílias, onde a prática das lavouras, da caça, dos fortes exercícios, desenvolvendo a robustez, aperfeiçoaria a beleza. Um viver frugal e são; ideias claras e simples e uma grande quietação de alma; desconhecimento das falsas vaidades; afeições sérias e perduráveis... (QUEIROZ, s/d, p.99).

É reconhecível a revolução de Eça na literatura portuguesa, uma vez que, em relação a outras literaturas da Europa, a de sua nação estava em um verdadeiro atraso, e Eça atrelava isso ao também atraso da vida social e política do país. Essa tomada de consciência pelo escritor e os jovens intelectuais da geração de 70 só foi possível pelo fato de que eles entraram em contato com o resto da Europa. Com o passar dos anos, o escritor português reflete sobre sua trajetória na literatura, verificando que toda sua revolução estava em uma tentativa de tirar o seu velho Portugal do alheamento ao movimento cultural e artístico já ocorrente em toda a Europa.

No entanto, foi só com maturidade que o autor percebeu, que ao entrar em contato com essas matrizes francesas, com a tão sonhada modernidade, que Portugal também acabou perdendo sua originalidade. Devemos pensar que a originalidade desejada por Fradique Mendes ao Brasil foi a mesma igualmente perdida pela nação lusitana. Assim como Portugal criou um projeto patriótico de reaportuguesar o país, Eça chama atenção para um projeto nacional para o Brasil. Isso incluía uma literatura verdadeiramente brasileira:

A famosa carta de alforria, de 29 de agosto de 1825, não serviu para as inteligências. Intelectualmente, o Brasil é ainda uma colônia — uma colônia do *Boulevard*. Letras, ciências, costumes, instituições, nada disso é nacional; — tudo vem de fora, em caixotes, pelo pacote de Bordéus, de sorte que esse mundo, que orgulhosamente se chama “o Novo Mundo, é na realidade um mundo velhíssimo, e vincado de rugas, dessas rugas doentias, que nos deram, a nós, vinte séculos de Literatura”. Percorri todo o Brasil à procura do novo e só encontrei o velho, o que já é velho há cem anos na nossa Europa — as nossas velhas ideias, os nossos velhos hábitos, as nossas velhas fórmulas, e tudo mais velho, gasto até ao fio, como inteiramente acabado pela viagem e pelo Sol. (QUEIROZ, s/d, p.100 – grifo nosso).

O autor acreditava na nação genuinamente autêntica, porém percebeu que

o país aderira, na visão de Fradique, a uma cultura deturpada, que o Brasil havia abandonado seus costumes em uma tentativa desesperada de copiar os padrões europeus. O Brasil conquistara sua independência em 1822, porém ainda não tinha sua identidade definida. Na tentativa de se afastar de Portugal, nosso país passa a importar os modelos europeus, copiando tudo que fosse possível, principalmente da Inglaterra e da França, como já dito. Nesse caso, para o autor da carta, o Brasil deixava de ser colônia de Portugal, ainda que estivesse impregnado pelo espírito colonial. Isso permanecia cristalizado e se refletia nas representações simbólicas. Para Eça, o Brasil passava por um processo de desnacionalização, enquanto que, para o povo brasileiro, esse processo era de descolonização:

Em todo o caso, creio que o Brasil tem ainda uma *chance* de reentrar numa vida nacional e só brasileira. Quando o Império tiver desaparecido e, a seu turno, vier essa República jacobino-positivista que já lateja nas escolas e que os doutores de pena hão-de necessariamente fazer, de parceria com os doutores de espada; quando, por seu turno, essa República jacobino-positivista murchar como planta colocada artificialmente sobre o solo e sem raízes nele, desaparecer de todo, uma manhã, levada pelo vento europeu e doutoral que a trouxe; e quando de novo, sem luta, e por uma mera conclusão lógica, surgir no Paço de São Cristóvão um novo Imperador ou Rei — o Brasil, repito, nesse momento, tem uma *chance* de se desembaraçar do «tapete europeu» que o recobre, o desfeia, o sufoca. A chatice está em que o novo Imperador ou Rei seja um moço forte, são, de bom parecer, bem brasileiro, que ame a natureza e deteste o livro. (QUEIROZ, s/d, p. 100).

A fase do “Último Eça” aponta para um redimensionamento em sua literatura. Em um primeiro momento, no início de sua carreira literária, Eça é bastante europeu, mas, ao mesmo tempo, faz muitos questionamentos sobre o lugar de Portugal, onde a nação portuguesa está e não está. O escritor também afirmava que a civilização só chegava em Portugal pelos pacotes. Eça também aligeirava-se atrás da civilização e de tudo o que com ela vinha, como, dentre tantas coisas, a modernidade. Fradique percebe que o Brasil também faz isso nesse momento:

No entanto já possuía a Democracia, o Industrialismo, a Sociedade por acções, em todo o delírio das suas formas infinitas, a luz eléctrica, o «veneno francês» sob as marcas principais do Champanhe e do Romance. Estava maduro para os maiores requintes, e mandou então vir pelo pacote o Positivismo e a Ópera Bufa. Foi uma tremenda orgia: ensinou-se aos sabiás a gorjear *Madame Angot*, e vendedores de retalho citavam Augusto Comte... Para que prolongar o inventário doloroso? Bem cedo do Brasil, do generoso e velho Brasil, nada restou: nem sequer brasileiros, porque só havia doutores — o que são entidades diferentes. A Nação inteira se doutorou. (QUEIROZ, s/d, p. 99).

Como vimos nas cenas dessa carta, o personagem lamenta essa perda da originalidade brasileira que, em uma atitude de subserviência colonialista em relação à Europa, havia importado o positivismo, a ópera bufa, chegando ao ponto de até os sabiás gorjearem *Madame Angot*. É patente a crítica que o autor faz da cultura erudita e bacharelesca. Interessante observar essas reflexões de Eça apresentadas por Fradique Mendes nessa carta:

Do Norte ao Sul, no Brasil, não há, não encontrei senão doutores! Doutores com toda a sorte de insígnias, em toda a sorte de funções! [...] Homens inteligentes, instruídos, polidos, afáveis, — mas todos doutores! E este título não é inofensivo: imprime carácter. Uma tão desproporcionada legião de doutores envolve todo o Brasil numa atmosfera de doutorice. São estes doutores brasileiros de nacionalidade, mas não de nacionalismo, que, cada dia, mais desnacionalizam o Brasil, lhe matam a originalidade nativa, com a teima doutoral demoralmente e materialmente o enfardelarem numa fatiota europeia feita de Francesismo, com remendos de vago Inglesismo e de vago Germanismo. Assim, o livre génio da Nação é constantemente falseado, torcido, contrariado na sua manifestação original — em tudo: na Política, pelas doutrinas da Europa; em Literatura, pelas escolas da Europa; na Sociedade, pelas modas da Europa. (QUEIROZ, s/d, p. 100).

Esses apontamentos a respeito da questão identitária entre Brasil e Portugal revelam o quanto esse tema causava inquietação na mentalidade dos intelectuais daquele período e, porque não dizer, “até nos de hoje”. Nessa linha de pensamento, através do personagem Fradique Mendes, Eça de Queiroz critica a cultura europeia, considerando-a infectada pela “banalidade e senso comum” e destacando que as ideias deveriam ser como as boas maneiras, “adotadas em vez de serem criadas”. Nessa perspectiva, seria necessário desfazer aquelas acumuladas pelo “processo civilizatório” como as de progresso, religião, moral, artes, industrialização, de modo a tornar possível alcançar a originalidade, inspirando-se na natureza e no “primitivo”. Assim, é possível que Eça tenha se dado conta de que o verdadeiro ridículo não era a autêntica aparência do brasileiro, mas em querer ter uma aparência fora dos padrões da própria origem: “Os velhos e simples costumes foram abandonados com desdém: cada homem procurou para a sua cabeça uma coroa de barão” (QUEIROZ, s/d, p. 99). Mesmo estando localizado nos trópicos, com altas temperatura, ainda vivíamos nos modelos europeus de colonização: “com 47 graus de calor à sombra, as senhoras começaram a derreter dentro dos gorgorões e dos veludos ricos”³⁴. Ainda que não fôssemos mais colonizados, a mentalidade do

³⁴ Ibidem, p. 99.

povo brasileiro não havia mudado:

Já nas casas não havia uma honesta cadeira de palhinha, onde, ao fim do dia, o corpo encontrasse repouso e frescura: e começavam os damascos de cores fortes, os móveis de pés dourados, os reposteiros de grossas borlas, todo o pesadume de decoração estofada com que Paris e Londres se defendem da neve, e onde triunfa o Micróbio. Imediatamente alastraram as doenças das velhas civilizações, as tuberculoses, as infecções, as dispepsias, as nevroses, toda uma surda deterioração da raça. É o Brasil radiante — porque se ia tornando tão enfezado como a Europa, que tem três mil anos de excessos, três mil anos de ceias e de revoluções! (QUEIROZ, s/d, p. 99).

Fica evidente que, nesse percurso social e literário de Eça de Queiroz, aparecem muito fortemente as reflexões realizadas pelo escritor acerca da literatura e do poder que ela exerce, relacionando questões políticas, históricas, econômicas, intelectuais, culturais e identitárias. Esse novo rumo na literatura de Eça demonstra também que o escritor português aparece muito mais voltado para os aspectos mais profundos sobre a raiz da nacionalidade de um povo. Conforme bem aponta Eduardo Lourenço, Eça de Queiroz foi, entre os da sua geração, o maior intérprete da realidade nacional portuguesa, descrevendo-a com muita maestria:

Apesar de todas as críticas que se lhe podem fazer, é um Portugal realmente presente que ele interroga e que o interpela. É a sua província, a sua capital, os seus pasmosos habitantes, os costumes, os sonhos medíocres hipertrofiados, a inenarrável pretensão de tudo quanto é ou parecer ‘gente’ num país sem termos de comparação que possam equilibrar essa doce paranóia de grandezas engendradas a meias pelo tédio e pela falta de imaginação, que Eça pinta, caricaturalmente, sem dúvida, mas para melhor reduzir a massa confusa do detalhe proliferante à sua verdade palpável. (LOURENÇO, 1982, p. 95).

A consciência de Eça de Queiroz sobre essa realidade portuguesa é fruto de uma atenção detalhada e fundamentada sobre o país, o qual nesta fase derradeira de sua produção acaba por adotar uma estratégia crítica mais ampla e extensiva a Portugal: a necessidade de se enxergar e procurar a sua autenticidade. Através de *Fradique*, Eça de Queiroz produz também um profundo diagnóstico da cultura brasileira, apontando nela a tendência de juntar velhos pedaços da Europa como “panos de feira” arrumados às pressas:

O que eu queria (e o que constituiria uma força útil no Universo), era um Brasil natural, espontâneo, genuíno, um Brasil nacional, brasileiro e não esse Brasil, que eu vi, feito com velhos pedaços da Europa, levados pelo pacote e arrumados à pressa, como panos de feira, entre uma natureza incongênere, que lhe faz ressaltar mais o bolor e as nódoas. (QUEIROZ, s/d, p. 98).

É interessante observar que, no momento em que Eça de Queiroz publica *A Correspondência de Fradique Mendes*, o Brasil ainda vivenciava de forma muito embrionária um processo de crescimento de uma consciência de identidade nacional. Desta época, datam as primeiras publicações, as quais tentam recuperar de modo mais sistemático os elos de uma literatura nacional. Exemplo delas são *A História da Literatura Brasileira*, de Silvio Romero (1888) e *Como e por que sou romancista*, de José de Alencar (1893), definido por Afrânio Coutinho (1987) como um autêntico roteiro de teoria literária e importante documento para a compreensão do processo de criação de uma literatura autenticamente brasileira.

A crítica ao chamado “doutorismo” da cultura brasileira levantada por Eça de Queiroz constituiria temática obrigatória entre os escritores brasileiros alguns anos depois, sendo retomada pelos modernistas ligados à Semana de Arte Moderna de 1922. Dentre eles, podemos mencionar Oswald de Andrade, que no *Manifesto da Poesia Pau Brasil* (1924) posiciona-se “contra o gabinetismo”, conclamando à “prática culta da vida”. Mário de Andrade, em *Macunaíma*, reivindica também uma “arte brasileira”, criticando a distância entre a linguagem falada e a escrita que, segundo ele, resultaria em um pedantismo intelectual. Fradique Mendes traduz-se, assim, como uma “renovada metamorfose de índole estético-literária e intelectual, ao figurar como alter-ego de Eça de Queiroz e antecipar sensibilidades e processos criativos sugestivos da modernidade literária que anos mais tarde constituiria as linhas mestras da poética modernista” (PIEDADE, 2003, p. 127).

Os ecos das ideias de Eça de Queiroz sobre o Brasil atravessariam a passagem do século XIX para o XX, trazendo a lume a crítica ao afrancesamento e ao eurocentrismo da cultura brasileira e a falta de delineamento de uma identidade nacional. O personagem Fradique Mendes, caracterizado por seu cosmopolitismo, audácia de pensamento e pelo apego à vida boêmia, ocupou espaço expressivo no imaginário da cultura brasileira, aparecendo frequentemente como pseudônimo de intelectuais cariocas ligados à escrita humorística. Dentre eles, podemos citar Mendes Fradique, pseudônimo criado por José Madeira de Freitas, intelectual que figurou entre os criadores da seção “História confusa”, publicada na Revista *D. Quixote* (LUSTOSA, 1993, p. 153). Outra referência importante é a aparição de Fradique Mendes em uma enquete de opiniões publicada na Revista *O Pirralho*, de 1915, na qual Oswald de Andrade indaga os artistas e intelectuais sobre o significado da figura de Fradique Mendes (BROCA, 2005, p. 178).

Ainda sobre um projeto de nacionalização, a literatura brasileira vai ter papel importante ligado à identidade, na tentativa de superar os valores lusitanos, ainda muito presentes no nosso país. Mesmo com a independência do Brasil, Portugal permanece vivo. A própria independência foi feita pela família Real portuguesa. Não seria num soprar de vento “europeu” que o povo brasileiro se distanciaria de Portugal. Desde o Romantismo brasileiro, havia uma tentativa de os escritores e intelectuais da época intensificarem esse afastamento entre Brasil e Portugal também na literatura. Assim, as elites intelectuais se afastam daquele ideal cultural português e se aproximam mais das tendências desencadeadas pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa. Na medida em que o Brasil tentava se libertar dos desígnios dos portugueses, isso já significava uma efetiva consciência nacional.

Podemos afirmar que, desde o Romantismo brasileiro, nosso país encontrava-se em uma busca incessante pela identidade nacional. Em que pese todas as críticas levantadas por Eça de Queirós ao Brasil, através de Fradique Mendes, é necessário lembrar que Portugal fizera esse mesmo trajeto em busca da modernidade e da civilização, importando os modelos franceses e ingleses, ainda que o Brasil só percorresse por esse percurso para se distanciar de Portugal. Nesse sentido, o que diferencia os dois é que Portugal tinha um passado histórico e glorioso, não precisava se afastar de suas mitologias para constituir-se como uma nação de identidade genuína; o Brasil, por sua vez, não teve uma história na Idade Média para contar os grandes feitos de seus heróis. Nosso primeiro herói nacional foi o índio.

No final do século XIX, o Brasil vivenciava um momento de busca da própria identidade cultural, constituía-se como um país novo, uma nação recém independente, ao passo que Portugal já era uma nação secular, com mais de 400 anos de existência³⁵. Nesse contexto, pensar as críticas tecidas por Eça a respeito do Brasil, requer considerar esse contexto conturbado que então marcava a relação entre os dois países. Enquanto Portugal experimentava uma situação econômica, social e política de atraso, o Brasil tentar romper com sua antiga Metrópole, buscando como

³⁵ A esse respeito, ver: ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. A doença do Brasil: imigração, estereotipização e transgressão no paraíso tropical. Projeto História (PUCSP), São Paulo, v. 57, p. 207-233, 2016; MACHADO, Igor José de Renó. Ressentimentos e estereótipos: ensaio sobre as representações a respeito do português no Brasil (século XIX). Topoi. **Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 125-143, jan./abr. 2018. Disponível em: <www.revistatopoi.org>. Acesso em: 24 nov. 2020; e PAREDES, Marçal de Menezes. **A assunção escalar da nação**: historicidade e fronteiras culturais no percurso luso-brasileiro. IN: PAREDES, Marçal de Menezes (Org.). Portugal, Brasil, África: história, identidades e fronteiras. São Leopoldo: Oikos, 2012. p.149-178.

referência países que encampavam o discurso de liberdade, como a França, em um primeiro momento, e mais recentemente os Estados Unidos.

A disparidade dessa comparação entre os dois países, muito presente no primeiro momento da produção de Eça, é apontada por Eduardo Lourenço em *A nau de Ícaro* (2004) como um processo resultante de um contraste entre um ressentimento latente presente tanto no discurso cultural brasileiro quanto português. Se por um lado o Brasil renega sua origem lusitana, recriando e inventando sua própria versão das origens, Portugal também cultiva em relação ao Brasil uma espécie de ferida por não serem correspondidos na medida em que gostariam. Conforme aponta o autor, faltava aos portugueses:

Saber, perceber e até compreender que nós não somos um problema para o Brasil. Ou só o somos negativamente, quando, em momentos de profundo ressentimento de imaginários pais mal amados ou ignorados, cedemos a tentação de nos enervar com a desatenção brasileira a nosso respeito. (LOURENÇO, 2004, p. 141).

Nessa perspectiva, os discursos culturais dos dois países de longa data se assemelham não apenas pelo sentido do ressentimento, mas também pelo delírio. Como assinala Lourenço, nessa relação, a “antologia de lugares comuns antiportugueses ou florilégio de ditirambos consagrados ao Brasil são as faces simétricas de dois discursos culturais sem verdadeiro objecto e, a esse título, identicamente delirantes.” (LOURENÇO, 2004, p. 140-141). Desse modo, ao analisarmos as críticas tecidas por Eça de Queirós ao Brasil em seu primeiro momento de produção, percebe-se a ressonância dessa relação mal resolvida cultivada entre colônia e metrópole a partir do uso recorrente de imagens estereotipizadas do brasileiro. Já no segundo momento de Eça, observa-se uma atenuação ou eliminação da caricatura exagerada do Brasil como uma espécie de tentativa de conciliação ou pedido de desculpas em relação ao Brasil.

Nessa perspectiva, é válido questionar: O que muda do Eça *d’O Primo Basílio* para o Eça *d’A correspondência de Fradique Mendes*? Em primeiro lugar, observamos que em sua primeira fase, a obra do escritor engloba livros mais revolucionários e progressistas, uma vez que em sua fase mais jovem, Eça vivenciava de perto as discussões sociais vigentes em Portugal. Em suas últimas publicações, Eça

apresenta-se mais maduro, passando a conviver com brasileiros em Paris³⁶, ampliando sua visão de mundo sobre o Brasil. Desse modo, este segundo momento de Eça é marcado por uma consciência crítica maior não apenas em relação à figura do brasileiro mas também em relação à própria identidade portuguesa e suas mazelas.

Quando Fradique afirma que o Brasil “pode contar com um soberbo futuro histórico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador original, do que um doutor mal traduzido do francês” (QUEIROZ, s/d, p.101), traz uma crítica pautada em uma literatura que copiava as matrizes europeias, mas nossa elite intelectual da época mostrou-se capaz, apresentando uma literatura que, mesmo não sendo genuinamente brasileira, apontava um viés patriótico em que consistia primeiro em superar a herança colonial para depois criar uma identidade nacional. É a partir daí que José de Alencar e Machado de Assis dão os primeiros passos na representação de um projeto nacionalista para o Brasil, que depois se firmará com o Modernismo brasileiro. Nosso primeiro herói genuinamente brasileiro será um anti-herói, criado por Mario de Andrade na obra *Macunaíma* em 1928. Nela é possível reconhecer uma renovação da linguagem literária no Brasil.

Não podemos perder de vista que Eça de Queiroz fez uma verdadeira revolução na literatura portuguesa; suas narrativas ressaltam seu caráter reformador e, principalmente, a renovação da Língua Portuguesa. Eça atualizou sua literatura trazendo uma linguagem mais atual e desembaraçada. A Língua Portuguesa, que por séculos esteve encalhada, passa a percorrer pelo mundo com a ação dessa nova revisão conferida por Eça. Sobre isso, o autor português critica nossa literatura, que poderia ser mais brasileira através de uma linguagem mais brasileira, escrita por um simples lavrador, mas não por quem, na visão do escritor português, foi para a França aprender a escrever com os franceses:

Não vejo outra salvação. Mas no dia ditoso em que o Brasil, por um esforço heróico, se decidir a ser brasileiro, a ser do *Novo Mundo* — haverá no Mundo uma grande nação. Os homens têm inteligência; as mulheres têm beleza — e ambos a mais bela, a melhor das qualidades: a bondade. Ora uma nação que tem a bondade, a inteligência, a beleza (e café, nessas proporções sublimes) — pode contar com um soberbo futuro histórico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador original, do que um doutor mal traduzido do francês. Não me queira mal por toda esta desordenada franqueza, creia-me tão amigo do Brasil como seu. — Fradique Mendes. (QUEIROZ, s/d, p. 101).

³⁶ A respeito deste momento de convivência de Eça de Queiroz com brasileiros na capital francesa ver: FARO, Arnaldo. “Do Primo Basílio à Revista de Portugal”. In: **Eça e o Brasil**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1977.

Ainda a respeito dessa fase do “Último Eça”, vale trazer o que Miguel Real diz: “há no ‘Último Eça’ um aberto otimismo na crença da infinita capacidade humana de regeneração da história e das sociedades” (REAL, 2006, p. 145). Sobre isso, podemos dizer que nessa obra encontramos um dos personagens mais marcantes de Eça, que tem seus pensamentos voltados para os fenômenos da natureza, manifestando sinais de um afastamento da civilização como algo necessário para o homem – bem como Eça já o fizera em seu conto “A Civilização”, e no romance *As Cidades e as Serras*.

Como observamos, Fradique Mendes, ao se despedir de seu amigo brasileiro nessa carta, faz um emocionante desabafo, ainda que muito irônico – esse estilo se tornou a característica principal de Eça de Queiroz. Na voz de Fradique, o autor demonstra um sentimento afetivo com o Brasil e com os brasileiros. Esse é aquele que denominamos aqui como o “segundo momento de Eça com o Brasil e os brasileiros”

05 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eça de Queiroz, ao trazer a figura do brasileiro nas obras *O primo Basílio* e *A correspondência de Fradique Mendes*, levanta uma reflexão muito importante sobre a representação de suas personagens que emigraram para o Brasil no século XIX. Tal apresentação nos concedeu a possibilidade de analisá-las neste trabalho, visto que é a partir delas que o escritor faz certos questionamentos acerca do que considera os verdadeiros fundamentos das nacionalidades portuguesa e brasileira, tão deturpados e corrompidos nesse período do fim do século XIX, principalmente devido às relações tensas vivenciadas por essas duas nações na época.

Com seu estilo muito irônico e seu bom humor característico, Eça de Queiroz aborda, nesses dois romances analisados, temas que estiveram sempre presentes em sua literatura: a hipocrisia, a ambição desmedida pelo lucro, a inutilidade e a mesquinhez do ser humano. O autor faz uma relação entre esses tópicos com questões políticas, históricas, econômicas, intelectuais, culturais e identitárias.

Constatamos que, nos primeiros textos do autor, a imagem do brasileiro de torna-viagem é representada de forma muito caricatural, com uma conotação ambígua sobre a identidade desse tipo lusitano que ora era identificado como português emigrado, ora como brasileiro nato. Isso está bem evidenciado em *As Farpas* e também na obra *O Primo Basílio*.

Em *A Correspondência de Fradique Mendes*, surge o momento do “Último Eça”. Nesse novo período da produção literária do escritor português, essa dualidade se desfaz e o autor passa a se referir ao torna-viagem como ao que de fato ele era, a figuração do próprio português emigrado que retorna para Portugal sem adquirir qualquer vício, maneira, ou jeito de ser brasileiro. Sobre esse torna-viagem Eça traz a reflexão sobre os sentidos de ser português, criticando sua inércia perante os acontecimentos político-sociais que o circundam.

É por meio da voz de Fradique Mendes que as profundas críticas tecidas por Eça ao Brasil e aos brasileiros apontam que o país ainda sofria com a permanência de um espírito colonial, submisso aos valores europeus. Nesse panorama, Fradique discursa sobre o Brasil em um tom mais ameno, se comparado às obras anteriores de Eça, mas ainda bastante irônico, de forma a criticar os costumes que retratam uma sociedade alicerçada na hipocrisia, o apego aos valores externos, ao invés de investir

na descoberta de seus próprios traços culturais, de suas próprias mitologias.

Para alcançar nosso objetivo, que era argumentar acerca da imagem conferida por Eça de Queiroz aos personagens dos textos em questão, foi necessário compreender as ideias desse escritor, bem como sua relação com o Brasil e com os brasileiros no decorrer de sua trajetória literária. Por isso, recorreremos ao passado dessas duas nações para trazer à luz motivos pertinentes que motivaram as escolhas literárias de Eça.

Iniciamos a investigação com o estudo dos movimentos migratórios entre Brasil e Portugal, tendo em vista a pertinência do tema para o presente trabalho. A análise do momento histórico em que estes textos se inserem permitiu ampliar a leitura das obras em questão, uma vez que forneceu subsídios para compreender melhor o contexto de produção e a ambientação das personagens no tempo e em seu espaço de deslocamentos. Além disso permitiu uma noção mais aprofundada acerca do tema da emigração, que está diretamente ligado com a pesquisa em questão.

O breve percurso sobre a vida de Eça, desde seu começo no mundo das Letras até a fase do “Último Eça” permitiu situar o contexto das relações do escritor português com o Brasil. Desse modo, compreendermos com maior clareza não apenas aspectos importantes relacionados à produção literária do escritor, mas também aspectos relevantes de seu processo de amadurecimento em sua relação com o Brasil. A partir daí, passamos às análises das duas obras abordadas nesta dissertação, com o objetivo de verificar nelas os sentidos produzidos na imagem do brasileiro.

Na obra *O primo Basílio*, o escritor estabelece uma conexão entre o brasileiro de torna-viagem e o português que nunca saiu da “terrinha”, colocando o brasileiro como estereótipo do português. Basílio e Jorge foram as personagens que mais se destacaram na análise desse romance, sendo colocadas em contraste. Na figura de Basílio, está a representação do brasileiro de torna-viagem, emigrado que vem para o Brasil fazer fortuna e intenta voltar para Portugal rico, enquanto Jorge representa o português que nunca saiu de Portugal. Basílio aparece com uma imagem muito modificada, transparecendo traços do brasileiro nato.

Frente ao contraste dessas duas personagens, no contexto de análise do brasileiro como um tipo português, não se tem conhecimento de nenhuma pesquisa a respeito dessa leitura, sendo este um dos pontos relevantes de articulação desta pesquisa, no contexto dos estudos queirozianos. Esse romance é marcado por um

período da literatura do escritor português que neste trabalho foi abordado como o “primeiro momento de Eça com o Brasil e com os brasileiros”.

Eça começou sua carreira literária adotando o estilo da escola Realista, entretanto, na obra *A correspondência de Fradique Mendes*, nota-se uma mudança de comportamento do escritor, de maneira que todo o escárnio contido na imagem do brasileiro, em suas primeiras narrativas, agora é suavizado. O brasileiro de torna-viagem aparece mais com os traços lusitanos; o olhar de superioridade que outrora o português tinha para com o brasileiro desaparece. Eça apresenta em Fradique Mendes uma personagem que aborda uma relação de alteridade entre o escritor e os brasileiros. Designamos essa mudança na literatura do escritor lusitano como o “segundo momento de Eça com o Brasil”. Essa representação das personagens, mesmo sendo simbólica, permitiu que destacássemos dois momentos distintos na literatura do escritor português e também nas suas relações com o Brasil.

Constatamos que, em um primeiro momento (*O primo Basílio*), Eça de Queiroz criticava o brasileiro de torna viagem por ele retornar a Portugal contaminado pelas origens do brasileiro nato. Dessa forma, tais críticas se referiam tanto a Portugal quanto ao Brasil, pois o escritor acreditava que isso se devia ao fato de que Portugal não tinha uma identidade genuinamente portuguesa – após passar alguns anos no Brasil, esse ser retornava praticamente como um outro, como um brasileiro nato.

Chamamos atenção pelo fato de que Eça percebia, ao entrar em contato com outras culturas, o povo português adquirindo muito mais os hábitos dessa nova nação e perdendo as origens de uma pátria heroica e grandiosa, como era vista a nação lusitana. Verificamos também que, nesse momento, Eça tenta colocar o seu bom e velho Portugal na grande marcha do tempo, pois era necessário se atualizar com a modernidade que vinha dos grandes centros europeus. Para isso, era imprescindível incorporar Portugal à “civilização” europeia, visto que neste período, o escritor reflete muitos valores europeus.

Já no segundo momento (*A correspondência de Fradique Mendes*), o escritor português faz uma crítica acirrada ao mesmo tipo de personagem: o brasileiro de torna-viagem. Essas críticas agora se constroem pelo fato de que esse português emigrado quando retorna a Portugal já não aparece mais com as características antes conferidas pelo escritor. Como vimos, o brasileiro emigrado quando retorna está mais europeizado ainda; não volta contaminado pelas origens do brasileiro nato. Nesse sentido, também podemos dizer que essas críticas se estendem tanto a Portugal

quanto ao Brasil, pois Eça observou que isso acontecia pelo fato de o Brasil já não ter uma identidade genuinamente brasileira, haja vista que após passar uns anos aqui, esse português voltava com os mesmos hábitos e costumes de quando saiu de Portugal.

Verificamos, contudo, que, ao se questionar sobre a raiz da nacionalidade dessas duas nações, o escritor português joga com os sentidos, utilizando suas próprias opiniões para problematizar essas questões da identidade e da cultura desses povos. Eça cria o personagem Carlos Fradique Mendes, fazendo com que ele nos dê as respostas sobre tais mudanças de comportamento adquiridas pelo português emigrado que não volta mais modificado pelo Brasil. As características genuinamente brasileiras desaparecem nesse personagem. Fradique, que esteve no Brasil, vai descrever o quanto a nação brasileira também está modificada. O povo brasileiro se afastou do campo, aglomerando-se nas grandes cidades, buscando importar a identidade da França e da Inglaterra. Desse modo, o Brasil é representado como uma cópia mal feita da Europa na visão de Eça. Fradique descreve lamentando a perda da originalidade de uma nação que estava em formação e que já não era genuinamente brasileira.

Verificamos que, nessa fase do “Último Eça”, o escritor português passa por uma reengenharia de comportamento frente ao que ele conferia sobre a civilização. Se no primeiro momento Eça apareceu demasiadamente europeu, aspirando à modernidade e à civilização, no segundo, o escritor aparece em intensa oposição aos modelos europeus, tentando se afastar dessas influências, de forma a se aproximar do campo, do mundo rural, como se evidencia no conto “Civilização”, texto embrionário de *A cidade e as serras*. Eça via Lisboa com uma identidade deturpada pelos modelos importados da França e da Inglaterra. A partir daí, verificamos que o escritor português constata que o Brasil segue por esse mesmo caminho. Para o escritor, o mundo urbano ficou sórdido, enquanto o mundo rural é íntegro e salutar. Apenas se afastando dos grandes centros é que Portugal poderia encontrar suas verdadeiras origens e tradições. Nessa perspectiva, Eça percebe que em seu Portugal não há uma identidade genuinamente portuguesa e que no Brasil não há uma genuinamente brasileira.

Para Eça, havia uma necessidade de Portugal se reinventar, de restabelecer sua identidade cultural, passando por um processo de redefinição de sua própria imagem quanto país, povo e cultura. Por outro lado, o Brasil deveria se afastar

dos mesmos modelos já importados por Portugal, e adquirir uma configuração verdadeiramente brasileira, passando por um processo de construção de sua própria identidade cultural e se consolidando como uma nova nação.

Com o passar dos anos, Eça também foi mudando, revendo conceitos, questionando certos posicionamentos de sua trajetória literária, recuperando valores que passou a priorizar na fase final de sua vida. Podemos perceber, no percurso literário de Eça de Queiroz, que, aquilo que parecia ultrapassado, transcende agora como fator primordial para o reconhecimento da própria identidade de uma nação. Para o escritor português, questões como a de um nacionalismo saudosista deveriam ser revisitadas, porém com uma análise crítica e muita reflexão. Além disso, não devem jamais ser ignoradas, pois nelas pode estar o espírito da formação do povo português. Esse pensamento queiroziano é fruto da sua maturidade intelectual que os anos agregaram à sua vida.

Esse trabalho não se propôs a trazer resultados conclusivos, visto que a obra de Eça de Queiroz é sempre convidativa a novos estudos, dada a profundidade com que trata a matéria humana. Entretanto, buscamos dar nossa contribuição sobre um aspecto ainda não devidamente estudado em sua obra, a saber: a análise da representação do “brasileiro” nos romances *O Primo Basílio* (1878) e *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900). Nessa perspectiva, o presente estudo buscou trazer os assuntos discutidos na obra de Eça de Queiroz, a partir de um minucioso levantamento de dados, cotejando as duas obras no contexto das relações de representação do “brasileiro” como um tipo português. Foi necessário trazer à luz essas questões da identidade nacional e problematizar a imagem do brasileiro nas narrativas de Eça, mas foi imprescindível também situar autor, obra e público frente ao seu contexto histórico.

Eça de Queiroz foi um homem à frente de seu tempo. Em sua obra abordou temas que nos servem de referência até hoje. Trouxe – como nenhum outro escritor português fizera antes – para seus romances o brasileiro como personagem. Levantou uma problematização entre as identidades brasileiras e portuguesas como ninguém havia pensado. Além disso, sempre trouxe Portugal como o verdadeiro protagonista de suas obras.

Cabe dizer que Eça de Queiroz deixa um legado de extrema importância para a história da literatura. Nessa perspectiva, sua obra é fonte inesgotável de pesquisas. A maior prova disso é que hoje, às vésperas de se completar cento e vinte

um anos de sua morte, surgem ainda inúmeros trabalhos, dentre os quais este, trazendo temas inéditos, dialogando com temas contemporâneos e pertinentes para a comunidade científica literária. Isso é o que faz de sua obra um verdadeiro cânone.

Observamos, assim, uma mudança substancial do Eça *d'O Primo Basílio* para o Eça *d'A correspondência de Fradique Mendes*. Em sua primeira fase, a obra do escritor revelou um aspecto mais revolucionário e progressista, visto que em sua fase mais jovem, o autor vivenciava de perto as discussões sociais vigentes em Portugal. Em sua fase mais madura, Eça apresenta uma atenuação ou eliminação da caricatura exagerada do Brasil e do brasileiro, em uma espécie de pedido de desculpas com o país. Nessa dimensão, este segundo momento de Eça caracteriza-se por uma consciência crítica maior não apenas em relação ao brasileiro mas também em relação à própria identidade portuguesa.

Por tudo isso, Eça se mantém vivo e atuante na memória dos leitores. Está entre os escritores mais lidos da Literatura de Língua Portuguesa. Também não podemos perder de vista que Eça trouxe à ficção portuguesa um jeito muito peculiar de escrever romances; a isso também devemos o nosso reconhecimento, pois tamanha importância também refletiu na nossa literatura brasileira.

Mesmo influenciado pelo fervor do momento, das mudanças literárias do seu tempo, o Realismo/Naturalismo, Eça foi um intelectual que tentou contribuir para sanar o atraso de uma nação que vivia do seu passado glorioso. Abordou essa questão com muita autenticidade e ética, tratando sobre os conflitos identitários e culturais com originalidade. Daí seu estilo irônico e sarcástico, característica muito peculiar desse escritor que nos encanta até hoje com seu grande talento.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Ecos do Brasil: Eça de Queiroz, Leituras brasileiras e portuguesas**. São Paulo: SENAC, 2000.
- ALBUQUERQUE, Antonio Maria Seabra d'. **Selecta da infância**: aprovada para uso das escolas primárias em sessão da juncta consultiva de Instrucção Publica de 1 de junho de 1870. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1870.
- ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893.
- ANDRADE, Mario. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto pau-brasil. In: _____. **Do pau-brasil à Antropofagia e às utopias: Obras completas – 6**. Rio de Janeiro: MEC/Civilização Brasileira, 1972, p. 3-10.
- ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. A doença do Brasil: imigração, estereotipização e transgressão no paraíso tropical. **Projeto História (PUCSP)**, São Paulo, v. 57, p. 207-233, 2016.
- ANTUNES, L. **Eu hei-de amar uma pedra**. Lisboa: D. Quixote, 2004.
- ASSIS, Machado de. **Instinto de Nacionalidade & outros ensaios**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- ASSIS, Machado de. A morte de Eça de Queiroz. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, n.º 38, 307-308, 2004.
- BANDEIRA, Manoel. Correspondência de Eça para a Imprensa brasileira. In: PEREIRA, Lucia Miguel; REYS, Luís da Câmara (Orgs.). **Livro do Centenário de Eça de Queiroz**. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos Portugal-Brasil, 1945.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. Eça de Queiroz na *Província de São Pedro*. **Revista Convergências Lusíadas**, n.º 32, 2014, p.20-28.
- BERRINI, Beatriz. **Eça de Queiroz: Obra Completa (Vol. III)**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.
- BESSA-LUÍS, A.; TÁVORA, F. **Breviário do Brasil**. Porto: ASA, 1991.

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BORDINI, Maria da Glória. **Eça e os outros**: diálogos com a ficção de Eça de Queiroz. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 83-90.
- BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil**:1900. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: Estudo de teoria e história. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- CARDOSO, Dulce Maria. **O retorno**. Lisboa: Tinta-da-China, 2013.
- CARVALHAL, Tânia Franco. Eça de Queiroz e o Brasil: Leituras da crítica brasileira. **Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas**, n. 9-10, 2000. p.194-201
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Onde está a felicidade?** Porto: Cruz Coutinho, 1860.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Um homem de brios**. Porto: Cruz Coutinho, 1869.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Memórias de Guilherme do Amaral**. Lisboa: Manoel Antonio de Campos Jr., 1863.
- CESAR, Guilhermino. **O Brasil na ficção portuguesa**: O direito e o avesso de um personagem-tipo. Parceria A. M. LDA: Lisboa, 1969.
- COELHO, José Francisco Trindade. **O terceiro livro de leitura**. Lisboa: Aillaud, 1903.
- COUTINHO, Afrânio. O Teórico Alencar. Apresentação. In: ALENCAR, José de. **Como e Porque Sou Romancista**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1987.
- DINIS, Júlio. **Uma Família Inglesa**. Lisboa: Europa-América, 1977. [1868].
- DINIS, Júlio. **A Morgadinha dos Canaviais**. Lisboa: Europa-América, 1977. [1868].
- DINIS, Júlio. O espólio do Senhor Cipriano. In: **Obras de Júlio Dinis**. Vol. II. Porto: Lelo & Irmão-Editores, 1879.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental**: Autores e obras fundamentais. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- FARO, Arnaldo. **Eça e o Brasil**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1977.
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial

do Estado, 2015.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 48 ed. São Paulo: Global Editora, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Mathias Lambert. São Paulo: Zahar, 1981.

HERCULANO, Alexandre. A emigração 1873-1875. In: _____. **Opúsculos (Vol.II)**. Lisboa: Presença, 1983.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORGE, Lúcia. Eça de Queirós: a decadência da beleza. In: REIS, Carlos. **Eça de Queirós**. Lisboa: Edições 70, 2009.

KRISTEVA, Júlia. **Estrangeiros para Nós Mesmos**. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEITE, J.C. O Brasil e a emigração portuguesa (1855- 1914). In: FAUSTO, Boris (Ed.). **Fazer a América**: a imigração de massa para a América Latina. EDUSP: São Paulo, 2000, p. 177-200.

LOURENÇO, Eduardo. **A nau de Ícaro**: seguido de Imagem e miragem da lusofonia. 2 ed. Lisboa: Gradiva, 2004.

LYRA, Heitor. **O Brasil na vida de Eça de Queiroz**. São Paulo: LBL, 1964.

LOURENÇO, Eduardo. **O Labirinto da Saudade**: Psicanálise Mítica do Destino Português. 2 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

LUSTOSA, Isabel. **O Brasil pelo Método Confuso**: Humor e Boemia em Fradique Mendes. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Literatura Portuguesa**: Literatura comparada – Teoria da literatura. Lisboa: Edições 70, 1981.

MACHADO, Igor José de Renó. O "brasileiro de toma-viagens" e o lugar do Brasil em Portugal. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.º 35, jan/jun, 2005. p. 41-67.

MARQUES, José Alberto dos Santos. Emigração portuguesa para o Brasil nos fins do século XIX. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 16, n.º 25, 2015.

MELLO, Miguel. **Eça de Queiroz: A obra e o homem.** Rio de Janeiro: Livraria Italianae Tipografia Ramori & Cia, 1911.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: reve História da Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MOOG, Vianna. **Eça de Queiroz e o século XIX.** Porto Alegre: Corag, 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Nós e eles: relações culturais entre brasileiros e imigrantes.** Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PAREDES, Marçal de Menezes. Fronteiras Culturais: o caso luso-brasileiro. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 4, n.º 7, p. 103-118, jan./jun., 2012.

PIEIDADE, Ana Nascimento. **Fradiquismo e modernidade no último Eça (1888-1900).** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

QUEIROZ, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes.** Porto Alegre: L&PM, 2000.

QUEIROZ, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes: cartas inéditas.** Disponível em: http://figaro.fis.uc.pt/queiros/obras/Fradique/Fradique_20100820.pdf. Acesso em: 12 abr 2020.

QUEIROZ, Eça de. A emigração como força coivilizadora. In: BERRINI, Beatriz. **Eça de Queiroz: Obra Completa (vol. III).** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

QUEIROZ, Eça de. As Farpas. In: BERRINI, Beatriz. **Eça de Queiroz: Obra Completa (vol. III).** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

QUEIROZ, Eça de. Carta a Oliveira Martins: 23 de Maio de 1888. In: REIS, Carlos. **Estudos Queirosianos: ensaios sobre Eça de Queiros e sua obra.** Lisboa: Presença, 2001.

QUEIROZ, Eça de. **O Crime do Padre Amaro.** São Paulo: Editora e Encadernamento Formarl LTDA, s/d.

QUEIRÓS, Eça de — O Ultimatum. In: _____. **Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas.** Porto: Lello & Irmão Editores, 1915, p. 266-298.

QUEIROZ, Eça de. O país e a sociedade Portuguesa. In: BERRINI, Beatriz. **Eça de Queiroz: Obra Completa. vol. III.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

QUEIROZ, Eça de. **O Primo Basílio**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

REAL, Miguel. **O Último Eça**. Porto: Quidnovi, 2006.

REIS, Carlos. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra: Almedina, 2018.

REIS, Carlos. **Eça de Queirós**. Lisboa: Edições 70, 2009.

REIS, Carlos. Entrevista – N. 29 – 2015.1 – Entrevista com Carlos Reis. **SOLETRAS** – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ – n.º 29 (jan.-jun. 2015), p. 7-10. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/soletras.2015.16359>. Acesso em: 29 abr 2020.

REIS, Carlos. **Estudos Queirosianos**: ensaios sobre Eça de Queirós e sua obra. Lisboa: Presença, 2001.

REIS, Carlos. Falar como os brasileiros ou Falar com A ortografia também é gente os brasileiros? Universidade de Coimbra – Portugal. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n.º 4, p. 89-96, out/dez 2011.

RIBEIRO, Maria Aparecida. O brasileiro e o problema da importação cultura na obra de Eça. **Queirosiana**, n.º 7/8. p. 135-139, 1994.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1888.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril, 1978.

ROWLAND, Robert. Brasileiros do Minho: emigração, propriedade e família. In: BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirti. **História da expansão portuguesa**: do Brasil para África (1808-1930) - vol. 4. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, p. 324-347.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. **Revista crítica de Ciências Sociais**: descobrimentos/encobrimentos, nº 38, p. 11-39, 1993.

SARAIVA, Antônio José. **As ideias de Eça de Queiroz**. Porto: Livraria Beltrand Lisboa, 1982.

SARAIVA, Antônio José. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Publicações Europa América, 1972.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCOTT, Ana Silvia. **Os Portugueses**. São Paulo: Contexto, 2012.

SIQUEIRA, José Carlos. Apresentação. in: REIS, Carlos; CUNHA, Maria do Rosário. **Os Maias**: Edição Crítica das obras de Eça de Queiroz. Ceará: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2019.

SOBRAL, José Manuel. Representações portuguesas e brasileiras da identidade nacional portuguesa no século XX. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 41, n.º 2, p. 125-139, jul./dez., 2010.

STAM, R. Os potenciais da polifonia: reflexões sobre raça e representação. In: ___. **Multiculturalismo tropical**. Trad. Fernando Vugman. São Paulo: EdUSP, 2008.

TUTIKIAN, Jane. A identidade pelo avesso. **Navegações**, Porto Alegre, v. 2, n.º 2, p. 136-140, jul./dez. 2009.

VELLINHO, Moyses. Apresentação editorial. In: VERISSIMO, Erico *et al.* **Província de São Pedro**. Porto Alegre, n.º 3, 1945.

VELLINHO, Moyses. Eça de Queiroz e o Espírito de Rebeldia. **Província de São Pedro**, Porto Alegre, n.º 5, p. 82-90, 1946.

VERISSIMO, Erico *et al.* **Três perguntas sobre Eça de Queiroz**. Província de São Pedro, Porto Alegre, n.º 3, 1945, p. 25-30(264 p.).

WATT, Ian. **A Ascensão do Romance**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.